

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Gabrielle Marques Neves

“(...) sempre te amei, diante do mundo, de um amor sem medida.” Amor e violência
nas cartas de Heloísa de Argenteuil (1130-1136)

Porto Alegre

2023

GABRIELLE MARQUES NEVES

“(...) sempre te amei, diante do mundo, de um amor sem medida.” Amor e violência
nas cartas de Heloisa de Argenteuil (1130-1136)

Dissertação apresentada para obtenção do
título de Mestre (a) em História.
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em
História.

Orientador: Prof. Dr. Igor Salomão
Teixeira

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Neves, Gabrielle Marques

"(...) sempre te amei, diante do mundo, de um amor sem medida." Amor e violência nas cartas de Heloisa de Argenteuil (1130-1136) / Gabrielle Marques Neves.

-- 2023.

98 f.

Orientador: Igor Salomão Teixeira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Heloisa de Argenteuil. 2. Pedro Abelardo. 3. Idade Média. 4. Amor. 5. Violência. I. Teixeira, Igor Salomão, orient. II. Título.

Agradecimentos

Exatamente nesse momento, em que sento em frente ao computador para escrever meus agradecimentos, as palavras me somem. Tento lembrar de tudo que se passou nesses 3 anos e uns meses, sim, uma pesquisa de dois anos acabou se estendendo para bem além do prazo. Digo que não foi fácil. O sonho e a alegria do mestrado logo se contrastaram com a angústia e a incerteza da pandemia de COVID 19. Lembro que fui em duas aulas presenciais quando logo tudo estourou, de repente ninguém mais sabia o que fazer, nem o departamento de história, nem a UFRGS.

Acredito que as incertezas, os adoecimentos mentais e as angustias afetaram a todos e todas nós que sobrevivemos à pandemia. De um dia para o outro tudo estava fechado: bibliotecas, livrarias, editoras, não foi fácil pesquisar por um ano e meio sem acesso a quase nada. E ao findar os dois anos, a bolsa acaba. Devo dizer o quão privilegiada fui em ser bolsista em um governo que tanto tentou acabar com a educação pública de qualidade e gratuita nesse país, aliás, bolsa que só recebi com a pressão dos programas de pós-graduação frente aos cortes financeiros. Acabei me deparando com um emprego em um ambiente de educação totalmente tóxico, que sim, me adoeceu de uma forma que nem a pandemia pode. O sonho do mestrado que tanto me dediquei a conseguir se contrastou com tantas tristezas. Desde 2020 encarei a pandemia, a falta de recursos, uma tentativa de latrocínio ao meu (no momento) noivo e a perda mais dolorosa da minha vida que foi meu filho ou filha. Conheci intimamente palavras como estresse pós-traumático, ansiedade, depressão e *burnout*.

Sim, meu processo de aprendizagem no mestrado foi marcado por tristezas, as quais precisava expor para que as alegrias fossem ainda maiores para os leitores e leitoras. O sonho de ser mestra sempre se manteve intacto, me atrasei, mas nunca pensei em desistir. E por isso, e por tudo já exposto, devo iniciar meus agradecimentos ao meu orientador, professor Igor Teixeira. Todo o processo de orientação foi vivido na sua intensidade, aprendi muito e, sinceramente, não sei se outro professor teria tido tanta empatia e preocupação comigo e com minha família, ele não desistiu de mim, e desejo que todos saibam o quanto sou grata a ele, que aliás, me acompanha há quase 10 anos, e que sim, me formou enquanto professora, pois as tuas aulas são algo do qual jamais esquecerei. Lembro como se fosse ontem da nossa primeira aula no segundo semestre de 2014, e do dia que finalmente tive coragem de chegar na tua sala e dizer “quero ser tua orientanda, me aceita?” MUITO OBRIGADA POR TUDO, IGOR!

Agora me volto a agradecer a pessoa que sempre esteve comigo e que enche a boca para dizer que a filha é formada na UFRGS duas vezes e está no mestrado, minha mãe, Roselaine, que por sinal, hoje é assistente social formada. Eu não estaria nesse momento sem ela ter segurado minha mão em todo o processo. Agradeço agora, meu marido, Alexandre, pois sem ele nada disso seria possível, a pessoa que foi meu alicerce nesses 3 anos e também ao longo de todas as minhas graduações, eu te amo!

Agradeço aos meus avós, Anelio e Izolina, que mesmo já tão velhinhos nunca me deixam faltar nada, mesmo que seja um prato quente de comida para que eu pudesse me dedicar mais tempo à dissertação. Agradeço também aos meus amigos do tempo de licenciatura, Carlos e Christian, que mesmo que a pandemia e os rumos da vida adulta tenham nos afastado, eles sempre estiveram comigo durante todo esse processo.

Agradeço a colega de trabalho e amiga Franciele, na minha nova escola, por sempre me olhar e dizer “já entregou teu TCC?” À minha colega e amiga Jéssica por todas as conversas e risadas na hora do intervalo. E agradeço a minha ex-colega e amiga Charlene e as minhas crianças (de antes e de agora), por me ajudarem a manter a sanidade e o sonho vivo, assim como minha terapeuta e o meu psiquiatra.

E como sempre faço em todos os meus agradecimentos, agradeço a ONGEP- Pré Vestibular Popular. Aos professores e professoras do tempo que fui aluna, entre 2012 e 2013, e aos colegas e alunos e alunas do tempo em que fui professora, entre 2017 e 2021. Todos e todas vocês foram muito importantes para mim.

Por último e não menos importante, agradeço ao professor José Rivair Macedo, meu orientador no meu trabalho de conclusão de curso do bacharelado. Mesmo que ele não tenha me acompanhado no mestrado, o que aprendi com ele foi muito importante durante esse processo. E eu tive uma honra de ter aprendido tanto com o orientador do meu orientador. Lembro que na época do processo seletivo para o mestrado, ele sempre me deu muito apoio, sempre disse que eu conseguiria entrar e vibrou comigo com a notícia da aprovação. Como eu disse já nos meus agradecimentos daquele TCC, o Rivair pegou uma flor murcha e transformou em um lindo jardim, e tudo que eu aprendi com ele levo para a vida inteira. Esclareço aqui, que o Igor não foi meu orientador nesse trabalho, pois decidi me aventurar em outra temática, que amo tanto quanto a Heloísa, e sempre disse que no dia do meu doutorado, seremos eu e Rivair, mas, sinceramente, preciso viver outras coisas para além da academia antes de retornar.

E sim, agradeço imensamente aos que me cuidam e me guardam, aos/as Orixás, Caboclos/caboclas, Pretos Velhos e Pretas Velhas, aos Êres/Ibejis e ao Povo da Rua,

principalmente as Pomba-Giras que me ensinaram que a gente trabalha é para a mulher. Agradeço em especial ao pai Bará, que foi quem me deu esse mestrado, marcado por tristezas, mas principalmente marcado pela alegria de ser mestra. Alupô, meu pai Bará!

Dedicado ao meu filho ou minha filha, que não chegou a nascer, mas que pude sentir tanto o teu amor, a mamãe vai ser mestra! E ao meu pai, que infelizmente não pôde acompanhar minhas conquistas, mas que estaria radiante em ver a filha com pós-graduação na UFRGS.

Conseguimos, pai!

Sumário

INTRODUÇÃO:	9
CAPÍTULO 1: Gênero, Cartas e Autoria Feminina na Idade Média	18
1.1. Escrevendo a história das mulheres, ou escrevendo a história a partir do gênero?	19
1.2 A análise de cartas escritas no período medieval	28
1.3. Seria possível uma mulher escrever? Considerações sobre autoria feminina na Idade Média e a escrita epistolar feminina	34
1.4. Mestra ou dissipula? A voz de Heloísa na historiografia	45
CAPÍTULO 2: Amor e Violência nas Cartas de Heloisa de Argenteuil	50
2.1. Amor e casamento na França do século XII	50
2.2. Violências na Idade Média	61
2.3. Amor e violência na Correspondência	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	93

RESUMO

A presente dissertação tem como tema a análise do relacionamento de Heloísa de Argenteuil e Pedro Abelardo. Heloísa de Argenteuil (1101 – 1164) nasceu na alta aristocracia da Île-de-France. Durante sua juventude obteve educação formal, conhecendo o latim, o grego, a literatura latina, as escrituras sagradas, além da retórica e da dialética. Ainda jovem, mudou-se para a casa de um tio em Paris, quando começou a ter aulas com Pedro Abelardo. Ele era mestre em retórica e dialética e lecionava na Universidade de Paris. Partimos com um problema de pesquisa voltado às questões sobre a sexualidade feminina, mas ao longo de nossa pesquisa chegamos a um outro problema: podemos encontrar elementos suficientes do conceito amor para sustentar a hipótese de um relacionamento romântico? Baseamos nossa pesquisa em conceitos como amor, violência, desejo e pulsão. Para respondermos nossa pergunta dividimos nossa dissertação em dois capítulos: em nosso primeiro capítulo nos dedicamos a uma explanação teórico-metodológica sobre gênero/feminismos, teoria epistolar e mulheres escritoras, tanto na teoria epistolar ou não. Em nosso segundo capítulo nós analisamos os conceitos de violência, amor e casamento na Idade Média e pensar esses citados conceitos e os de desejo e pulsão na Correspondência.

Palavras-chave: Heloísa de Argenteuil, Pedro Abelardo, Idade Média, Amor, Violência.

ABSTRACT

This dissertation has as a theme the analysis of the relationship between Heloise of Argenteuil and Peter Abelard. Heloise of Argenteuil (1101-1164) was born into the high aristocracy of Île-de-France. During her youth, she received formal education, knowing the Latin and the Greek languages and also knowing Latin literature, the holy scriptures, as well as rhetoric and dialectics. Still young, she moved to an uncle's house in Paris, when she began to take classes with Peter Abelard. He was a master of rhetoric and dialectics and taught at the University of Paris. We started with a research problem, a question, focused on female sexuality, but throughout our research we arrived at another research question: Could we find enough elements of the concept of love to support the hypotheses of a romantic relationship? We base our research on concepts such as love, violence, desire and drive. To answer our question, we divided our dissertation into two chapters: in our first chapter we dedicated ourselves to a theoretical-methodological explanation about gender and feminisms, epistolary theory and women writers, both in epistolary theory or not. In our second chapter we analyze the concepts of violence, love and marriage in the Middle Ages, and think about these concepts together with those of desire and drive, in the Correspondence.

Keywords: Heloise of Argenteuil, Peter Abelard, Middle Ages, Love, Violence

INTRODUÇÃO:

Segundo uma lenda tardia, quando por sua vez morreu em 1164, ela pediu para ser enterrada na mesma tumba que Abelardo: no momento em que seu corpo nela foi deposto, o cadáver de Abelardo estendeu os dois braços para recebê-la.¹

Mesmo após quase 900 anos que Heloísa e Pedro Abelardo passaram pela Terra, suas figuras ainda estão vivas no imaginário de diversas pessoas. Ambos despertam o interesse de pesquisadores e pesquisadoras de variadas áreas e ciências. Produções literárias e audiovisuais exploram sua história.² Seja pelo legado de obras escritas deixadas seja tragédia que viveram. De modo geral, as produções acerca desses personagens, inclusive as científicas, reforçam a figura do grande filósofo, e da jovem apaixonada. É possível encontrar uma vasta produção acerca de Pedro Abelardo, sobre sua vida e suas obras, enquanto Heloísa ainda aparece como coadjuvante, lembrada apenas como *a esposa*.³

Heloísa de Argenteuil (1101 – 1164) nasceu na alta aristocracia da Île-de-France. Durante sua juventude obteve educação formal, conhecendo o latim, o grego, a literatura latina, as escrituras sagradas, além da retórica e da dialética. Ainda jovem, mudou-se para a casa de um tio em Paris, quando começou a ter aulas com Pedro Abelardo. Ele era mestre em retórica e dialética e lecionava na Universidade de Paris. Os dois tiveram um envolvimento que é caracterizado, em grande parte da historiografia, como um romance. Heloísa engravidou e foi enviada por Abelardo à sua família. Para evitar repercussões e polêmicas sobre a situação, obrigou-a a se casar com ele. Todavia, como forma de reparação, Fulberto, tio de Heloísa, mandou castrar Abelardo, que, após o ocorrido, ingressou na vida monástica e obrigou Heloísa a fazer o mesmo.⁴

¹ ZUMTHOR, Paul. **Correspondência de Abelardo e Heloísa**. – São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 27

² MEADE, Marion. *Stealing Heaven*. Soho Press. 2003.

³ Eloisa e Abelardo. Eleanor Fortescue Brickdale Golden Book di donne famose. London : Hodder & Stoughton, [1919].; MEADE, Marion. **Stealing Heaven: The Love Story of Heloise and Abelard**. William Morrow. 1979.; *Stealing Heaven*/ País de Origem: Inglaterra e Iugoslávia/ Gênero: Drama e Romance/ Classificação etária: 18 anos/ Tempo de Duração: 119 minutos/ Ano de Lançamento: 1988/ Direção: Clive Donner. LE GOFF, Jacques. **Los intelectuales en la Edad Media**. Editorial Gedisa S.A. Espanha. 1996.BOSCH, Rafael. Hereges dialéticos: um estudo sobre a escolástica nos séculos XI e XII. 2021. 1 recurso online (456 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1642124>. Acesso em: 29 abr. 2023.

⁴ ABELARDO, Pedro. *Historia Calamitatum*. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTURGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002.

A famosa troca de cartas entre Abelardo e Heloísa ocorreu entre 1133 e 1136.⁵ Nesse momento Heloísa já se consagrara Abadessa do Paraclete, enquanto Pedro Abelardo exercia a função de Abade de Sant Gildas. Heloísa era reconhecida não só pela sua grande sabedoria e devoção aos estudos⁶, como também pela grande administradora que era⁷ Segundo José Carlos Estêvão, o fracasso de Abelardo como Abade era enorme, o filósofo foi um péssimo administrador, não sabendo exercer nenhum ofício além da docência.

O desastre de Sant-Gildas é compensado pelo sucesso de Heloísa no Paraclete, universalmente celebrado. Até mesmo por São Bernardo, ela sabe administrar. Em pouco tempo, o novo mosteiro acumula mais e mais terras e doações, inclusive do rei Luís VI, e vem a ser posto sob a proteção direta do próprio papa Inocêncio II.⁸

Segundo o autor acima citado, dentre as várias formas de se entender a *História Calamitatum*⁹, escrita por Pedro Abelardo, uma delas é que seria uma justificativa para o mesmo abandonar o ofício de Abade. O autor assinala também que é importante frisar que a *Historia Calamitatum* é a versão de Abelardo sobre os fatos.¹⁰

Ao tomar conhecimento da *Historia Calamitatum*, Heloísa decide corresponder-se com o marido.¹¹ Heloísa demonstra grande amor por ele, o cobra por várias questões, principalmente referentes à negligência e ao abandono dele para com ela e com a comunidade do Paraclete. Como percebemos por essa citação:

Mas se pensas que estas mais obrigado a nós que somos amigas, amigas íntimas tuas, e a quem podes chamar, mais que companheiras, filhas ou qualquer outro nome mais Doce e santo que se podes imaginar. Ninguém pode te colocar em dúvida, e não se precisa provas ou

⁵ SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 25.

⁷ Segundo Pedro, O Venerável: “(...) una mujer que en medio de las obligaciones mundanas se entregaba al estudio de las letras (...)” Pedro de MONTBOISSIER. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 286.

⁸ ESTÊVÃO, José Carlos. *Abelardo e Heloísa*. Discurso Editorial; Paulus. 2015. p 77.

⁹ A *Historia Calamitatum* seria uma carta escrita a um amigo que passava por grande sofrimento, entretanto, hoje os historiadores e historiadoras trabalham com a possibilidade de este amigo ser fictício, e que na verdade, Pedro Abelardo sempre teve a intenção de publicar a *Historia Calamitatum*. Para o autor Constat Mews, o amigo serve enquanto uma ferramenta literária. Ver: MEWS, Constant. *The Lost Love Letters of Heloise and Abelard Perceptions of dialogue in the twelfth century France. The New Middle Ages. Palgrave Macmillan*. 2008.

¹⁰ ESTÊVÃO, José Carlos. *Abelardo e Heloísa*. Discurso Editorial; Paulus. 2015. p. 78.

¹¹ ABELARDO. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002.

testemunhos para mostra o obrigado que estas a nós. Ainda que o mundo cale, os feitos gritariam. (...) ¹²

Assim como muitas vezes ela contesta em suas cartas as versões apresentadas pelo filósofo na *Historia Calamitatum*.

Tu mesmo não te esqueceste de todas essas provas na carta de consolo a teu amigo, ao que já me referi um pouco mais acima. Em nela não julgastes indigno expor algumas das razões que te dava para te dissuadir de um matrimônio desgraçado. Mas deixaste no tinteiro a maioria dos argumentos que eu te dei sobre o porquê preferia o amor ao matrimônio e a liberdade do vínculo conjugal. Deus é minha testemunha de que, se Augusto – imperador do mundo inteiro – quisesse honrar-me com o matrimônio e dar-me posse, preferiria ser chamada tua rameira, que sua imperatriz. ¹³

A Correspondência analisada é composta por quatro epístolas e a *Historia Calamitatum*. Existe também outra carta escrita por Heloísa a seu marido, que não é considerada parte da Correspondência. Nela, Heloísa busca apenas tratar de assuntos rotineiros da vida religiosa feminina. Este é conhecido como o “silêncio de Heloísa”. Segundo José Carlos Estevão, Heloísa, em sua terceira carta:

Acata, como sempre, a vontade do Amado, mas há por que dizer que tenha se submetido, apenas silencia sobre seus sentimentos e propõe que doravante a correspondência de ambos se limite a questões teóricas e temas religiosos. ¹⁴

Nesta Correspondência, Abelardo mostra-se bastante arredio as cobranças da esposa, ameaçando-a mais de uma vez caso ela não silenciasse sobre o assunto. A carta “O silêncio de Heloísa” foi escrita após a Correspondência com Abelardo. A Abadessa

¹²“ Pero piensas que estás más obligado con nosotras que somos amigas, e íntimas amigas, tuyas y a quienes se puede llamar, más que compañeras, hijas o cualquier otro nombre más Dulce y santo que se pueda imaginar. Nadie puede ponerlo en duda, y no se necesitan pruebas y testigos para demostrar lo obligado que estás hacia nosotras. Aunque todo el mundo callara, los hechos mismo gritarían.(...) “ HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 97. Tradução livre.

¹³ “Tú mismo no te olvidaste del todo de estas pruebas en la carta de consuelo al amigo, a la que me he referido un poco más arriba. En ella no juzgaste indigno exponer algunas razones que yo te daba para disuadirte de un matrimonio desgraçado. Pero dejaste en el tintero la mayoría de los argumentos que yo te di y en los que prefería el amor al matrimonio y la libertad al vínculo conyugal. Dios me es testigo de que, si Augusto – emperador del mundo entero – quiera honrarme con el matrimonio y me diera la posesión, preferiría ser llamada tu ramera, que su emperatriz” HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 100. Tradução livre.

¹⁴ IDEM. Ibidem. p. 82.

afirma que mesmo contra seu desejo, a partir de então, só escreverá sobre assuntos espirituais e administrativos do convento.

Para que não possas me acusar em nada de desobediência – pois impôs o freio as palavras a palavras nascidas de uma dor sem limites – vou me limitar a escrever ao menos o que da conversa é mais difícil, para não dizer impossível, de impedir. (...). Por tanto, minha mão não escreverá palavras que a língua não possa conter.¹⁵

Todavia, existe também um contraponto interessante sobre o chamado “silêncio de Heloísa”. Para alguns pesquisadores e pesquisadoras não é possível falar sobre esse “silêncio de Heloísa”, pois segundo eles isso nunca existiu. Segundo Lucio Souza Lobo e João Pedro da Luz Neto, a troca de tom de Heloísa entre as cartas pessoais e as cartas formais foi um recurso retórico para expor uma metáfora entre corpo e espírito e assim continuar a legitimar seu argumento, mesmo que ele não aparecesse mais de forma explícita.¹⁶

Segundo os autores acima citados, Heloísa desejava demonstrar ao marido que seria impossível para ela realizar o que Abelardo ordenava, pois tanto suas experiências corpóreas do passado ou do presente, tanto sua religiosidade eram partes formativas de sua identidade e subjetividade. As cartas trazem como pano de fundo uma discussão recorrente da época, que segundo os autores, para o teólogo Luiz Balsan “na cultura semântica da época corpo significava balsar, um corpo dotado de uma força vital, mas não separado da alma, pensamento com raízes no orfismo”.¹⁷

Para Giovane Reale, “uma das ideias-chave da doutrina órfica é precisamente a concepção de que “A alma-gênio está presente no corpo humano como num cárcere, para pagar uma culpa originária” existem atualmente muitos estudos sobre como esse pensamento influenciou o platonismo.”¹⁸

¹⁵ “Para que no puedas acusarme en nada de desobediencia – pues impusiste el freno de tu mandato a las palabras a las palabras nacidas de un dolor sin límites – me ceñiré a escribir al menos lo que conversación es difícil, por no decir imposible, de impedir. (...) Por lo mismo, mi mano no escribirá palabras que la lengua no pueda refrenar.” HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 151. Tradução livre.

¹⁶ LOBO, Lúcio Souza; NETO, João Pedro da. **O corpo cristão como corpo feminino. A terceira carta de Heloísa d’Argenteuil a Pedro Abelardo**. REB, Petrópolis, volume 80, número 317. Set/Dez 2020. p. 709.

¹⁷ IDEM. Ibidem. p. 709.

¹⁸ IBIDEM. pp. 709 – 710.

Ainda sobre essa concepção, segundo a autora Carmel Posa, é sim possível ler as cartas a partir de uma perspectiva filosófica do corpo, principalmente do corpo feminino.¹⁹ Para Posa:

Essa é uma linguagem que não estabelece falsas dicotomias entre as realidades materiais e espirituais do ser. A linguagem de Heloísa se recusa a apagar conceitos de incorporação essencial e diferença sexual ao longo de seu diálogo com Abelardo.²⁰

Ou seja, para os três autores acima apresentados, podemos afirmar que Heloísa fala sobre uma subjetividade feminina que inclui corpo e alma na sua construção como uma mulher religiosa, Heloísa não fala mais abertamente que ama o marido, nem o cobra de reciprocidade, mas claramente insiste no argumento de que ela nunca vai deixar de amá-lo como mulher e também como religiosa, só que agora a partir de outro movimento retórico. Pois, segundo Lobo e Neto:

A temática central da sexta carta da correspondência entre o casal Heloísa-Abelardo é um duplo pedido: uma instrução a respeito da origem da vida monástica feminina e da autoridade deste chamado; uma regra adequada ao gênero feminino. Ao longo de todo o seu texto, a chamada de atenção para a inadequação da regra de São Bento para a vida monástica feminina. Ao discorrer sua argumentação, fica claro como sua experiência cristã é uma experiência encarnada, uma vez que em nenhum momento ela será capaz de vivê-la sem a sua corporeidade. Deste modo, será exposta a experiência vivida por Heloísa, contrapondo-a com a via da purificação, que Abelardo havia proposto até então.²¹

Deste modo Heloísa não desiste da sua retórica da particularidade, e como concluído por Lobo e Neto, argumento ao qual concordamos nessa pesquisa, “Em suma, o corpo da mulher que menstrua e que não se adapta à regra de São Bento é também o

¹⁹“ This is a language that does not set up any false dichotomies between the material and spiritual realities of being. Heloise’s is a language that refuses to erase the concepts of essential embodiment and sexual difference throughout her dialogue with Abelard.” POSA, Carmel. *Specialiter: he language of the body and bodies in the Letters of Heloise. Theology Papers and Journal Articles*. University Notre Dame Australia. 2005. p. 2

²⁰“ This is a language that does not set up any false dichotomies between the material and spiritual realities of being. Heloise’s is a language that refuses to erase the concepts of essential embodiment and sexual difference throughout her dialogue with Abelard.” IDEM. Ibidem. p. 2. Tradução livre.

²¹ LOBO, Lúcio Souza; NETO, João Pedro da. **O corpo cristão como corpo feminino. A terceira carta de Heloísa d’Argenteuil a Pedro Abelardo.** REB, Petrópolis, volume 80, número 317. Set/Dez 2020. p. 710

corpo de Heloísa, que não cessa de desejar Abelardo. Sob este aspecto, já não é mais possível falar em silêncio de Heloísa”²²

Essas cartas produzidas por Heloísa são os documentos usados nesta dissertação.²³ A partir de nossa leitura inicial, percebemos que a Abadessa do Paraclete realizou várias reflexões e ponderações sobre a sexualidade feminina. São dois grupos de documentos: As cartas trocadas com Abelardo, aqui chamadas de *Correspondência*, e a outra que chamaremos de carta formal ou terceira carta de Heloísa.

Dessa forma, quando iniciamos nossa pesquisa pensávamos em nos dedicar a esta temática e pensar sobre uma possibilidade de expressão de uma sexualidade feminina na Idade Média. Assim sendo, o problema central desta pesquisa era: “qual discurso sobre a sexualidade feminina está presente nas cartas?” Entretanto, ao longo do desenvolvimento de nossa pesquisa, a partir da leitura da bibliografia selecionada, percebemos que a conclusão de vários autores e autoras sobre esses discursos foi que na verdade era um artifício retórico de Heloísa na busca incansável de ser reconhecida enquanto indivíduo e amada por seu esposo, e assim percebemos que para respondermos de forma adequada ao nosso problema de pesquisa original necessitaríamos de uma pesquisa com muito mais folego que uma dissertação proporciona.

Dessa forma focamos a entender os motivos que levaram a Abadessa do Paraclete a usar desse subterfúgio para se legitimar. Esse movimento de análise foi feito a partir dos conceitos de amor, violência, desejo e pulsão. A partir de então colocamos nosso problema de pesquisa central como: “podemos encontrar elementos suficientes do conceito de amor na Correspondência a fim de sustentar a hipótese de um relacionamento romântico?” Problematizamos essa análise a partir dos estudos de gênero e da noção de autoria na Idade Média. A chave de leitura para esta pesquisa, então foi pensar o contexto da produção dos documentos analisados a partir de “amor” e “violência”.

Esta dissertação foi produzida como um trabalho no campo dos estudos de gênero que parte da Idade Média como estudo de caso. Dessa forma, embasamos nossa pesquisa a partir de diferentes teorias feministas. Entendemos que Heloísa foi uma mulher bastante específica, branca, europeia, economicamente privilegiada, letrada, que viveu grande parte de sua vida em contexto monacal.

²² IDEM. Ibidem. p. 717

²³ SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTURGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002.

Sem muitas delongas, afirmamos que a história ainda é hegemonicamente uma ciência branca e masculina. Fazemos um pequeno exercício retórico: a partir de quais personagens nossa história é contada? Quais são as grandes figuras que por anos a historiografia se debruçou a pesquisar e elaborar grandes livros? Não é necessário grande esforço para lembrar de nomes de chefes de Estado, grandes militares e etc. Citamos como um exemplo aleatório, em nossa história americana, lembramos de Simón Bolívar como grande Libertador, mas raramente mencionamos Manuela Sáenz com a mesma importância, ou a damos o título de Libertadora, mesmo que ela tenha participado ativamente dos processos emancipatórios americanos, inclusive em campo de batalha, mesmo que ela tenha ocupado um alto cargo militar nos exércitos patriotas.

Outro exemplo, talvez mais perto de nossa realidade. Ao pensarmos em independência no Brasil, viramos nossa atenção a figuras masculinas, como Dom Pedro I, mas quando colocamos Dona Leopoldina no mesmo patamar? Mesmo com todos os registros que comprovam que ela participou ativamente do processo, sendo ela, inclusive, quem assinou nossa independência.

Esse processo se dá pelo fato de que, por muitos anos, a historiografia esteve focada em uma pesquisa marcada em documentos oficiais, em grandes guerras e etc... Quem eram os personagens desses documentos? Homens brancos e abastados financeiramente. Este padrão ainda exerce muita influência em nosso ofício atual, entretanto, destacamos brevemente, novas tendências de pesquisas na área em meados do século XX, como a História das Mentalidades, a História Vista de Baixo, a História Cultural, quando se buscou novos personagens, novas temáticas, novas metodologias e novas abordagens, tirando um pouco do foco o estudo sobre o Grande Homem, e se debruçando sobre agentes outrora marginalizados por nosso ofício. Surgia também na historiografia uma preocupação com o lugar das mulheres como agentes históricos.

Ressaltamos que, apesar do grande aumento de pesquisas com essa temática nos últimos anos, as pesquisas que envolvem história das mulheres e gênero ainda são tímidas no Brasil. Segundo Céli Pinto, o feminismo acadêmico só ganha força no nosso país a partir da década de 1990.²⁴

É nessa perspectiva que inserimos nosso trabalho de pesquisa, buscando em uma personagem feminina, respostas sobre o feminino. Portanto, acreditamos ser importante

²⁴ PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

um pequeno debate sobre as teorias feministas presentes na historiografia contemporânea. Não pretendemos aqui realizar um debate universalizante, nem reducionista de teorias necessárias e complexas.

Esse debate que apresentamos consiste em traçar linhas gerais de um texto basilar sobre estudos de gênero, partindo de Joan Scott, com o artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, de 1988 considerado como marco central dos estudos de gênero na historiografia, seguindo por contribuições das teorias brancas europeias e estadunidenses, e desta primeira abordagem seguiremos à críticas, com as contribuições de outros feminismos, contando com autoras latinas e africanas.

Uma bibliografia feminista mais abrangente pode aportar grandes benefícios aos estudos sobre mulheres do medievo, pois nos auxilia a pensar a mulher medieval para além da cristandade, do patriarcalismo e, conseqüentemente, de uma essencialização do que era ser mulher naquele período. Afinal, na sociedade ocidental do século XII, existiam diversos grupamentos sociais com diversas organizações: as mulheres árabes, árabes muçulmanas, berberes, africanas, africanas islamizadas e orientais.²⁵

Essas reflexões, ao longo da pesquisa, foram muito influenciadas a partir de autoras feministas não europeias. Destacamos a autora Oyèronké Oyewùmì²⁶ por trazer uma perspectiva africana aos estudos de gênero ocidentais (europeus e estadunidenses), inclusive em como o feminismo africano pode auxiliar as pesquisas de gênero ocidentais nas quais gênero significa binarismos, antagonismos e relações de poder. Segundo a autora Amina Mama, desde a década de 1920, as mulheres brancas já buscavam entender a opressão sexista a partir de outras perspectivas sociais, como as antropólogas inglesas Sylvia Leith Ross e Judith Van Alle que realizaram seus estudos de gênero na África.²⁷

A edição da fonte usada nesta pesquisa foi *Cartas de Abelardo y Eloísa* organizada por Pedro R. Santidrián e Manuela Astruga editado pela Alianza Editorial, com primeira edição em 1993 e segunda em 2002. As traduções, nesta edição, foram feitas a partir da

²⁵ Ver: BAUMGARTEN, Elisheva. “*A separate people?*” *Some directions for comparative research on medieval women*. *Journal of Medieval History*. 2008.

²⁶ OYÈWÙMI, Oyèronké. *La invención de las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género*. Editorial en la frontera, Bogotá, Colombia, 2017.

²⁷ MANA, Amina. *Las fuentes históricas nos dicen que incluso las mujeres blancas han mirado siempre hacia África para encontrar alternativas a su subordinación*. *Africana Aportaciones para la descolonización del feminismo*. Colección Pescando Husmeos nº10. Barcelona. 2013. p. 13.

edição de Victor Cousin, que é composta de nove manuscritos, todos da segunda metade do século XIII, organizados por Cousin como *Epistula I – VIII*. Esta edição é composta pelas cartas de direcionamento pessoal – correspondência cruzadas entre esposo e esposa, da qual tratam de assuntos pessoais do casal, ou seja, a *Correspondência* – e as cartas de direcionamento espiritual, que seriam mais como um Tratado ou Regra. Como textos complementares a edição oferece as cartas trocadas entre Heloísa e Pedro, o venerável, na qual temos informações sobre os últimos momentos de Abelardo, e também os últimos registros sobre Heloísa como Abadessa. Também como complementares a edição apresenta a Confissão de Fé de Abelardo, a carta de Pedro, o venerável ao Papa Inocêncio II e a Absolvição para Pedro Abelardo.²⁸

Nossa dissertação está organizada em dois capítulos. O primeiro capítulo é dedicado às questões teórico-metodológicas que perpassaram nossa análise. Ele está subdividido em quatro itens: no primeiro realizamos uma explanação ampla sobre o contexto dos estudos sobre mulheres na Idade Média. No segundo fazemos reflexões sobre o uso de cartas como fonte para a pesquisa histórica. No terceiro discutimos sobre as possibilidades de autoria feminina no período, e por fim, no último item realizamos uma pequena discussão sobre a historiografia acerca de Heloísa

O segundo capítulo aborda questões referentes ao amor e a violência no período medieval, com ênfase no do século XII e como esses conceitos aparecem nas cartas analisadas. Nosso objetivo norteador nesse capítulo é tentar demonstrar que o relacionamento ocorrido entre Heloísa e Pedro Abelardo não foi uma história de amor.

²⁸ SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. pp. 29 – 30B

CAPÍTULO 1: Gênero, Cartas e Autoria Feminina na Idade Média

Introdução

Ao longo de sua obra *Heloísa* escreve inúmeras vezes sobre os momentos sexuais que viveu ao lado do esposo, bem como sobre sua sexualidade, descrevendo-a como suas “mais estimadas alegrias”, bem como também muitas lamentações pôr as ter perdido. Destacamos aqui algumas passagens das duas primeiras cartas da Abadessa. Heloísa fala que o desejo e a concupiscência foram traços muito mais determinantes em seu relacionamento com Pedro Aberlado, do que o próprio amor: “Uniu-te a mim pela concupiscência mais do que pela amizade, o fogo da paixão mais que o amor. Quando terminou o que desejavas, se esvaneceram também todas as suas manifestações.”¹ A Abadessa do Paraclete menciona de forma bastante explícita todas essas questões, sem demonstrar arrependimento. Para ela o pecado do casal não estava inserido nas relações sexuais fora do matrimônio, mas a partir do momento das núpcias.

Pois enquanto gozávamos dos prazeres do amor, - o direi com uma palavra mais torpe, mas mais expressiva – nos entregávamos a fornicación, a severidade divina nos perdoou. Mas quando corrigimos nossos excessos e cobrimos com a honra do matrimonio a torpeza da fornicación, então a raiva do Senhor fez pesar-se fortemente sua mão sobre nós e não concedeu um leito casto, ainda que tivesse tolerado antes um sujo e poluído.²

Heloísa, apesar de se classificar como uma pecadora, se julga inocente, pois para ela, o pecado está na intenção e não no ato.³ Segundo Estêvão e Santidrián, esse pensamento de Heloísa vem da doutrina de Abelardo sobre os atos interiores ou ética da pura intenção. Segundo Estêvão: “Aprendeu com ele que a tentação não é pecado (...)”⁴ Sobre essa questão, fazemos uma breve reflexão: Heloísa apenas aprendeu enquanto uma agente passiva, ou poderíamos supor que ambos se debruçaram por cima desta tese se influenciando mutuamente nas suas conclusões, já que devemos considerar que

¹“Te unió a mí la concupiscencia más que la amistad, el fuego de la pasión más que el amor. Cuando terminó lo que deseabas, se esfumaron también todas sus manifestaciones” HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 103. Tradução livre.

²“Pues mientras gozávamos de los placeres del amor – lo diré con un vocablo más torpe, pero más expresivo – nos entregávamos a la fornicación, la severidad divina nos perdonó. Pero cuando corregimos nuestros excesos y cubrimos con el honor del matrimonio la torpeza de la fornicación, entonces a cólera del Señor hizo pesar fuertemente su mano sobre nosotros y no consistió un lecho casto, aunque había tolerado antes uno manchado y poluto” IDEM. Ibidem. p. 118. Tradução livre.

³ IBIDEM. p. 102.

⁴ ESTÊVÃO, José Carlos. *Abelardo e Heloísa*. Discurso Editorial; Paulus. 2015. p. 79

Heloísa era uma mulher erudita antes de Abelardo e, segundo Peter Dronke, exerceu influência estilísticas nas obras do filósofo?⁵

Heloísa não só aborda sua sexualidade como uma lembrança, mas como um traço de forte presença em seu ser:

Por minha parte, vou confessar que aqueles prazeres dos amantes – que eu compartilhei – me foram tão doces que não me desagradam, nem podem se apagar de minha memória. A qualquer lugar em que me vejo sempre se apresentam em frente aos meus olhos com seus vãos desejos. Nem sequer nos sonhos deixam de me oferecer suas fantasias. Durante mesmo a celebração da missa – quando a oração deve ser a mais pura – de tal maneira que se deitam em minha desgraçada alma, que fico mais em torno dessas torpezas do que da oração. Deveria gemer pelos pecados cometidos, e, no entanto, suspiro por tê-los perdido.⁶

Referindo-nos agora à terceira carta escrita por Heloísa, encontramos questionamentos práticos os quais envolvem questões sobre a sexualidade das monjas. Nessa carta a Abadessa realiza uma série de reflexões sobre a Regra que os mosteiros femininos deveriam seguir, já que para ela as Regras escritas até o momento, e a própria Regra de São Bento, a mais comum e a seguida no Paraclete, foram feitas por homens e para homens, impossibilitando assim as monjas de seguirem uma vida religiosa adequada, e pede para que Abelardo escreva uma Regra para o Paraclete.⁷

A partir desta breve introdução, acreditamos ter elementos para problematizar as cartas de Heloísa a partir de três pilares: os estudos sobre gênero, a escrita epistolar e sobre autoria feminina na Idade Média.

1.1. Escrevendo a história das mulheres, ou escrevendo a história a partir do gênero?

Segundo Joan Scott a palavra gênero é um termo utilizado na linguística que foi ressignificado, principalmente pelas feministas estadunidenses, para se referir à distinção social baseada nas diferenças biológicas entre macho e fêmea. Ou seja, podemos

⁵ DRONKE, Peter. *Las escritoras de la edad media*. Barcelona: Critica, 1995 p. 155.

⁶ “Por mi parte, he de confesar que aquellos placeres de los amantes – que yo compartí con ellos – me fueron tan dulces que ni me desagradan ni pueden borrarse de mi memoria. Adondequiera que me miro siempre se presentan ante mis ojos con sus vanos deseos. Ni siquiera en los sueños dejan de ofrecerme sus fantasías. Durante la misma celebración de la misa – cuando la oración ha de ser más pura – de tal manera acosan mi desdichadísima alma, que giro más en torno a esas torpezas que a la oración. Debería gemir por los pecados cometidos y, sin embargo, suspiro por lo que he perdido.” HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodríguez; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 121. – Tradução livre.

⁷ IDEM. *Ibidem*. p. 152.

encontrar uma negação de determinismos biológicos na construção de masculinidade e feminilidade.⁸ Segundo a mesma autora:

Ademais, e talvez o mais importante, o gênero era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente.⁹

A partir desta citação, então, isso não significava apenas novas premissas para a história das mulheres, mas também novas metodologias para a história.

Para Scott, gênero significa uma história relacional entre homens e mulheres,¹⁰ o que significa em sua base metodológica que é impossível estudar um sem o outro, pois, existe um caráter relacional entre ambos. Por esse motivo, os estudos de gênero têm mais aceitação do que o estudo sobre a história das mulheres. Scott destaca que, entre os historiadores não feministas, o reconhecimento da história das mulheres aconteceu para que depois fosse rechaçado.¹¹

(...). As mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente” ou “a história das mulheres trata sobre o sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica.¹²

A história das mulheres é mais limitada em seu alcance analítico em relação aos estudos de gênero, o que também pode significar um estudo sobre a sociedade e as construções sociais.¹³ A autora destaca que, nestas situações, gênero tornou-se sinônimo de mulher.

Podemos elencar duas alternativas que podem explicar esse fenômeno. A primeira delas diz respeito a um distanciamento de questões políticas na pretensão de tornar o

⁸ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** p. 3

⁹ IDEM. Ibidem. p. 3.

¹⁰ IBIDEM, p. 7.

¹¹ IBIDEM, p. 5.

¹² IBIDEM, p. 5.

¹³ IBIDEM. p. 7

trabalho mais científico e não tão identificado com as pautas feministas¹⁴ ou, segundo Scott:

Nessas circunstâncias, o uso do termo “gênero” visa indicar uma erudição e a seriedade de um trabalho porque “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”. (...) Enquanto o termo “história das mulheres” revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitos históricos legítimos, o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece que assim não se constituir em uma ameaça crítica.¹⁵

Ou seja, para Joan Scott, gênero é a relação de poder baseado na diferença sexual entre masculino e feminino. Em nossa dissertação concordamos com as autoras que apresentam as relações de gênero enquanto produto das construções sociais. Pois, essa relação não provém da diferença física entre homens e mulheres, mas sim das construções de feminilidade e masculinidade criadas pelas sociedades através do tempo.¹⁶ Isto é, as relações de gênero também são fruto de processos sociais em cada temporalidade.

Segundo Carolina Fortes, o historiador e a historiadora devem estar atentos às diferenças dentro dos dois grupos (masculino e feminino). Não existe apenas uma relação de gênero, pois nessa categoria existem diferenças sociais como classe, cultura, etnia, e religião, que precisam estar interseccionadas no momento da análise.¹⁷ De acordo com a referida autora: “Entender que a realidade histórica é social e culturalmente constituída é um pressuposto central para o pesquisador que usa gênero como categoria analítica”¹⁸

Para algumas pesquisadoras, o pós-estruturalismo é um arcabouço que oferece os instrumentos necessários para a análise de gênero. Para Michele Perrot, segundo Joan Scott:

Posto que a diferença entre os sexos é uma construção, pode-se, assim, desconstruí-la, em todos os níveis (teorias e práticas, representações e fatos materiais, palavras e coisas)¹⁹

¹⁴ FORTES, Carolina C. **Os Atributos Masculinos das Santas na *Legenda Aurea*. Os casos de Maria e Madalena.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2003. p. 49.

¹⁵ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** p. 6.

¹⁶ FORTES, Carolina C. **É possível uma história medieval de gênero? Considerações a respeito da aplicação do conceito de gênero em história medieval.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Florianópolis. Anais. pp.1 -2.

¹⁷ IDEM. Ibidem. p.2

¹⁸ IBIDEM, p. 2

¹⁹ SCOTT, Joan W. Prefácio à *Gender and Politics of History*. p. 24.

Ou seja, devemos partir de problematizações abrangentes para uma análise de gênero, suas características socioculturais e cronológicas, relações de poder e possíveis alianças.

Destacamos que acreditamos que seja importante enunciar aqui que a discussão acima apresentada não é em hipótese alguma a única via possível para os trabalhos que envolvem gênero enquanto categoria analítica, pois, se tratam de abordagens brancas e europeias, destinadas a análises somente de mulheres inseridas nessas sociedades. Tomar esse feminismo como o único possível para o nosso trabalho enquanto historiadores e historiadoras, seria excluir outras mulheres. Dessa forma, apresentamos resumidamente outros feminismos, mas frisamos, também aqui, que devido ao fato de nossa personagem, Heloísa de Argenteuil, ter sido uma mulher branca, letrada, com posses e inserida em uma comunidade patriarcal europeia, usaremos de forma mais assertiva os preceitos teóricos acima apresentados.

Como mencionado no parágrafo anterior, o feminismo branco europeu também é alvo de críticas de teóricas feministas de outras vertentes, por se pretender universalista. E citamos aqui, que também entendemos como uma abordagem colonialista e imperialista, ao impor sua realidade a mulheres e sociedades aos quais não se aplica.

Para a autora Oyèrónké Oyèwùmí, devemos partir do preceito que a era moderna, caracterizada pela expansão europeia e colonização de outras regiões, é a responsável pelas escolhas dos objetos de pesquisa.²⁰

Como resultado, os interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais e categorias sociais de euro-americanos têm dominado a escrita da história humana. Um dos efeitos desse eurocentrismo é a racionalização do conhecimento: a Europa é representada como fonte do conhecimento, e os europeus, como conhecedores. Na verdade, o privilégio de gênero masculino como uma parte essencial do ethos europeu está consagrado na cultura da modernidade.²¹

Neste sentido, a autora defende que mesmo as teorias de gênero perpassam por esse funil, sendo elaboradas a partir de experiências brancas para pesquisadoras brancas. Para Oyèwùmí, diferentemente do que propôs Joan Scott, as teorias brancas acerca do gênero não entendem essa palavra enquanto sinônimo de mulher, mas sim de esposa.

²⁰ OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e os desafios das epistemologias africanas.** *CODESRIA Gender Series*. Volume 1, Dakar, 2004, p. 1.

²¹ IDEM. *Ibidem*, p 1

Impossibilitando dessa maneira subjetividades, prendendo a análise a uma família nuclear, e assim produzindo uma análise falha.²²

Pesquisadoras feministas usam gênero como modelo explicativo para compreender a subordinação e a opressão das mulheres em todo o mundo. De uma só vez, elas assumem tanto a categoria “mulher” e sua subordinação como universais. Mas gênero é antes de tudo uma construção social.²³

Sobre a colocação de Oyèwùmí, também podemos pensar sobre o papel social performado por Heloísa, considerando ela foi muito além de uma esposa. E que na verdade, nunca desejou se tornar uma. Heloísa foi amante, Abadessa, portanto administradora de um convento, escritora, filósofa. Uma mulher que desempenhou vários papéis na sociedade a qual viveu. Desta forma, pensamos também na importância dessas contribuições teóricas para pensarmos uma figura tão complexa e de grande subjetividade.

Seguindo com o debate proposto. A partir desse pressuposto, o papel do gênero mulher também é socialmente construído, dessa forma, essa construção e opressão por gênero não tem os modelos universais que pretendem as teóricas brancas.²⁴ Assim sendo, gênero não pode ser analisado separadamente da categoria raça. Segundo Amina Mama:

Tivemos que lutar para ganhar nosso próprio significado do conceito “feminismo” para nos mantermos vivas, de mesmo modo que as mulheres da Europa Ocidental e Norte-americanas tem assumido e integrado com suas realidades.²⁵

A citação acima faz referência a um ponto importante de debate que apresentamos. Podemos analisá-la da seguinte forma: feminismos pode significar diversas possibilidades, pois, eles devem ser construídos a partir das necessidades das diferentes mulheres ao redor do mundo. Suas diferentes vivências e formas de ser e sentir. Em nenhum momento isso corresponde a um caráter qualitativo entre os feminismos, apenas

²² _____. **Laços familiares/ ligações conceituais: notas africanas sobre epistemologias feministas.** Signs, Vol. 25, No. 4, *Feminisms at a Millennium* (Summer, 200). p. 1.

²³ _____. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e os desafios das epistemologias africanas.** *CODESRIA Gender Series*. Volume 1, Dakar, 2004. p. 2.

²⁴ IDEM. Ibidem. p. 3.

²⁵“Hemos tenido que luchar para lograr nuestro propio significado del término “feminismo” para mantenernos vivas, del mismo modo que las mujeres de Europa Occidental y Norteamérica han asumido y encajado com sus realidades.” MANA, Amina. *Las futes históricas nos dicen que incluso las mujeres blancas han mirado siempre hacia África para encontrar alternativas a su suborninación.* Africana Aportaciones para la descolonización del feminismo. Colección Pescando Husmeos nº10. Barcelona. 2013. p. 9. Tradução livre.

diferentes formas de fazê-lo. Todo discurso teórico é também ideológico, serve a algo e/ou alguém, assim como ele também é historicizável.²⁶ Ou seja, segundo Maria Lugones, é necessário também superar a colonialidade de gênero.²⁷

Sem adentrarmos muito nas questões teórico-metodológicas, por motivos já apresentados nesse subcapítulo, citamos brevemente o feminismo negro estadunidense, por ser o responsável em pensar o feminismo a partir do conceito de interseccionalidade, no qual se pensa as mulheres a partir não só do recorte de gênero, mas também de raça e classe.

Cristiano Rodrigues afirma que a interseccionalidade, nascida no feminismo negro estadunidense, veio justamente da demanda de uma teoria que abarcasse essas variáveis dentro da categoria mulher. Patricia Hill Collins também afirma que um modelo que some essas opressões também não é o suficiente, partindo do princípio que essas opressões se relacionam e se influenciam, e que um juízo de valor sobre qual seria a pior não corrobora em nada com o trabalho²⁸

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas de interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, classes e outras²⁹

Ou seja, o conceito acima citado possibilita inserir na categoria mulher, as mulheres. Pois, durante muitos anos o feminismo foi, e talvez ainda seja visto enquanto um movimento de mulheres brancas. Sobre o cenário brasileiro acerca da produção teórico-metodológica de gênero, podemos apontar a existência desse debate com o feminismo negro brasileiro. Sueli Carneiro usa o termo enegrecer o feminismo,³⁰ que seria a tentativa de incorporar as demandas das diferentes mulheres brasileiras através de um feminismo interseccional entre raça, gênero e classe. Entretanto, o autor também alerta para as diferenças desses movimentos nos contextos estadunidense e brasileiro. Nos

²⁶ LAFUENTE, Maria Socorro Suárez. *Autoras Africanas: a favor de las mujeres. Cuestiones de género: de la igualdad y la diferencia*. n. 12. 2017. p. 114

²⁷ LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Estudos Feministas. Florianópolis. 2014. P. 941.

²⁸ COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment*. Nova York: Routledge, 2000.

²⁹ CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas. Florianópolis, v. 10, n. 1. 2002. p. 177.

³⁰ CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados. 2003. pp. 118 – 120. disponível em <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>

Estados Unidos o conceito de interseccionalidade foi incorporado pelas feministas brancas. No Brasil ainda existe resistência à incorporação desse conceito teórico-metodológico. Segundo Sandra Azeredo, no Brasil parece que cabe às feministas negras análises que integrem gênero raça e classe, dessa forma as feministas brancas brasileiras se isentam dessa responsabilidade.³¹

Nos voltamos agora a pensar em nossa personagem a partir de uma análise feminista, e para isso se torna importante debatermos sobre a concepção de gênero dentro da sociedade medieval e o que poderia significar ser mulher nessa sociedade.

Uma das características da sociedade medieval foi a presença de uma forte teoria misógina legitimada desde a filosofia clássica até as concepções da doutrina cristã. A mulher era vista, por teólogos, por exemplo, como incapaz intelectualmente, com inteligência inferior à masculina. Por outro lado, elas seriam sorrateiras e perigosas, motivo pelo qual deveriam sempre estar sob a tutela de um homem: seu pai, seu irmão, seu marido, seu filho, ou na falta dessas opções, um convento.

A fala da mulher era censurada, pois sua palavra poderia levar o homem ao pecado e à perdição. Acreditava-se, assim, que a mulher seria o verdadeiro instrumento do demônio na terra para corromper a alma genuinamente boa do homem, pois Eva, a mulher responsável pelo primeiro pecado, denominado “original”, aquele que expulsou o homem do paraíso, graças à sua incapacidade intelectual, acreditou na cobra e com sua fala perigosa, levou Adão a cometer pecado. Na Idade Média, a concepção que se tinha sobre as mulheres era fortemente marcada por essa interpretação dos escritos bíblicos, justificando inclusive o argumento de que eram castigadas divinamente por sua natureza diabólica (como as dores do parto), além de necessitarem estar sob total vigilância masculina. Sendo assim, nos parece clara a razão pela qual as mulheres não tinham acesso aos estudos formais. Por outro lado, considerava-se que não seriam capazes de aprender, e, por outro, acreditava-se que aquelas que o fossem, poderiam usar seu conhecimento para o mal.

Tomás de Aquino, teólogo do século XIII, escreveu na sua obra, *Suma Teológica*, reflexões sobre o feminino. Para ele a mulher era um homem defeituoso, provavelmente com origem em algum vento frio durante a concepção, sendo ela inferior intelectualmente

³¹ RODRIGUES, Cristiano. **Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil**. Seminário Internacional Fazendo o Gênero 10. Anais Eletrônicos. Florianópolis, 2018. pp. 7 – 8. Disponível em http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373303618_ARQUIVO_cristiano_rodriguesFG2013.pdf

ao homem. O próprio Pedro Abelardo afirmou que o homem é a imagem de Deus e a mulher apenas a semelhança,³² ou seja, a mulher está naturalmente em posição de inferioridade em relação ao homem. Semelhança porque não foi criada de Deus e sim de um pedaço do homem.

Principalmente a partir do século XII, criou-se uma nova “versão” de mulher. Seria ela simbolizada na figura de Maria Madalena, pecadora arrependida que, por meio de seu amor incondicional a Jesus, se tornou uma verdadeira penitente. Esse seria o modelo de “redenção” que as mulheres deveriam seguir: partindo do pressuposto que todas eram “Evas”, jamais chegariam a ter a virtude de Maria, mãe de Jesus, mas pelo menos, poderiam se arrepender e viver como Maria Madalena.³³ Entretanto, a mulher também era parte do plano de salvação de Deus, de modo que é possível encontrar referências em algumas obras, como a *Legenda Aurea*, na qual a mulher não é totalmente demonizada.³⁴

Dessa maneira, as autoras Daniele Silva e Gabriela Cavalheiro apresentam o argumento que toda e qualquer discussão sobre o medievo mostra o corpo como texto, seja ele descrito pelos teólogos, cronistas, trovadores ou outros. Para essas autoras, “o corpo-texto abre espaço para se pensar a ação do discurso no imaginário medieval.”³⁵ Essas reflexões podem ser corroboradas à luz de análises sobre o discurso sobre o corpo nos estudos de gênero, como em Judith Butler que analisa o discurso do corpo dentro de um caráter sexual e, por conseguinte, dentro das dinâmicas de gênero. Butler desmonta a materialidade do corpo levando-o de sua existência pré-discursiva para o mundo da interpretação cultural, inserindo o corpo em dinâmicas de poder regidas pelas relações de gênero.³⁶

Dentre as categorias do corpo lidas pelo medievais estão a sexualidade, a obscenidade e a comicidade, que encontram sua análise principalmente nos estudos de gênero e nos *Queer studies*, pois eles têm como prerrogativa uma análise da representação e da performance das diferenças “genderizadas” dos corpos, ou seja, o corpo se

³² DUBY, Georges. **As damas do século XII**. Tradução: Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 297.

³³ Ver: DUBY, Georges. **As damas do século XII**. Tradução: Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

³⁴ FORTES, Carolina C. **Os Atributos Masculinos das Santas na *Legenda Aurea*. Os casos de Maria e Madalena**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2003. p. 46.

³⁵ SILVA, Daniele G. G. CAVALHEIRO, Gabriela da costa. **Corpos que falam, corpos que calam: um estudo comparativo das personagens *Rymenhild*, de *King Horn*, e a donzela, de *Armer Heinrich*, de *Hartmann Von Aue***. Revista **História Comparada**, Rio de Janeiro. 2010 pp. 72 – 73

³⁶ IDEM. Ibidem. p. 74.

materializa na sua construção social: “O corpo é, então, compreendido como um portador/comunicador de sinais.”³⁷

Tratando-se de Idade Média, temos, na maioria dos casos, fontes sobre mulheres produzidas por homens. Portanto, como já mencionado, essa referência ao feminino pode estar distorcida de alguma maneira. Logo, essa mulher não está numa relação direta com esse homem. A esse respeito, Fortes indica que o melhor método para se tratar dessa questão é o historista:

Tal método aponta para a escolha do lugar, da situação, da posição relativa ao grupo social ou mulheres a serem estudadas no conjunto de uma sociedade. A partir daí deve-se assumir a temporalidade do tema e problematizar até mesmo o próprio conceito de mulher ou a categoria mulheres. A historicidade empregada em uma sociedade em processo de transformação seria o primeiro passo para estabelecer um método para os estudos de gênero. A partir de um viés historista é possível partir de um "ponto de inserção" do objeto de análise para, a partir daí, construir as balizas do seu conhecimento.³⁸

A autora alerta que métodos funcionalistas não são eficazes na hora de uma análise de gênero, pois têm como princípio uma investigação de objetos estáveis. Sendo mais específicos, devemos introduzir o conceito no contexto histórico, nesse caso, na Europa Ocidental Cristã. Dessa forma, gênero será um referencial instável, porém crítico.³⁹

O método historista por excelência aceita as mudanças sociais. Como tudo é processo histórico e esses processos são construídos a partir das sociedades, o método historista nos permite uma adequação ou readequação de conceitos. Dessa maneira podemos inseri-los no contexto com mais propriedade e também criarmos novos a partir dos já existentes.⁴⁰

Destacamos aqui o artigo de Carolina Barreiro, *Estudos de gênero e História das Mulheres na Idade Média: um balanço historiográfico* justamente por se dedicar a pensar as teorias feministas e a História das Mulheres em trabalhos voltados à medievalidade. O interessante de pensarmos a partir do exposto pela referente autora é que apesar dos

³⁷ Ibidem, p. 75.

³⁸ FORTES, Carolina C. **É possível uma história medieval de gênero? Considerações a respeito da aplicação do conceito de gênero em história medieval.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Florianópolis. Anais. pp. 3 – 4.

³⁹ IDEM, Ibidem .p. 4.

⁴⁰ IBIDEM. p. 4.

avanços, ainda há a um grande caminho a percorrer para os historiadores/historiadoras ao se tratar de trabalhos que abordem gênero e Idade Média⁴¹

1.2 A análise de cartas escritas no período medieval

O uso de cartas como fonte para a pesquisa histórica não é uma novidade. Muitos pesquisadores e pesquisadoras têm se debruçado a entender e analisar esse tipo de documentação.⁴² Fontes com esse caráter são abundantes na história. Desde a antiguidade a carta comunica pontos mais ou menos distantes onde, momentaneamente ou de modo perene, os interlocutores pessoas não podiam ir/estar.

Durante o período Clássico tivemos uma abundância desse material, entretanto, pouco foi elaborado sobre a teoria epistolar.⁴³ Segundo o autor Manuel Ramos, a cultura Clássica epistolar detinha três tipos de cartas ficcionadas e/ou literárias. O primeiro seria a carta poética, que tinha como grande exemplo os escritores Horácio e Ovídio. Ambos autores influenciaram a teoria epistolar desenvolvida no medievo. O segundo tipo é a carta de proêmio ou dedicatória, que seria um prólogo de alguma obra escrito em formato de carta ao destinatário que é o indivíduo a quem a obra é dedicada. E o terceiro tipo, segundo o autor, é a “carta alegadamente autêntica, mas é uma efabulação ou reconstrução para adornar a obra historiográfica. Efetivamente, dentre os variados processos artísticos de que historiadores antigos e medievais se serviram para adornar suas obras (...)”⁴⁴.

Embora a historiografia não tenha delimitado uma teoria epistolar consolidada para o período Clássico, não podemos ignorar a continuidade desse tipo de escrita advinda dessa cronologia, a qual repercute no século XII. Nesse sentido, podemos identificar uma fundamentação metodológica datada do período Clássico, a qual se aprofunda no medievo e, portanto, devemos deixar nítidas as particularidades da escrita epistolar de nossa cronologia abordada.

⁴¹ Ver: BARREIRO, Carolina Niedermeier. **Estudos de gênero e História das Mulheres na Idade Média: um balanço histoigráfico**. In: BOENAVIDES, Dionathas; VELOSO, Wendell. **Religiosidade, poder e sociedade no medievo: Discussões Historiográficas**. Editora Polifonia. Porto Alegre, 2019

⁴² O uso de cartas como fonte para a produção de trabalhos em história no Brasil é bastante importante. Ver: LEITE, Eduardo Silva. **O deserto nas cartas de São Jerônimo**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Mato Grosso. 2021; CARVALHO, Djiovan Vinícius. **Cartas, favores, família e poder : a trajetória e o epistolário de um comerciante português na Província do Rio Grande do Sul**. 2020. 178 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2020.

⁴³ RAMOS, Manuel. **Teoria clássica e medieval da composição epistolar**. CEM – Cultura, Espaço e Memória. N° 8. 2017. p. 25.

⁴⁴ IDEM. Ibidem. p 27.

Diferentemente do período Clássico, durante o medievo nós tivemos um grande número de documentação produzida, e que foi acompanhada da elaboração de uma teoria epistolar.⁴⁵ Segundo Ramos, este fenômeno emergiu no final do século XI no centro da Itália. A retórica é um ponto chave para entendermos a teoria epistolar medieval, entretanto, devemos atentar que a retórica clássica não era a mesma do período da Idade Média. Outrora homogênea, durante o medievo a retórica diversifica-se em ramos específicos “porque foi encarada, fruto de uma nova cultura e sociedade, numa perspectiva eminente prática e pragmática.”⁴⁶ Segundo Ramos, a partir desse ponto, foram criadas diversas artes que dão conta do uso utilitário da retórica para um bom discurso, uma boa carta, ou um bom poema. O autor destaca três delas: a primeira seria a *ars dictaminis* “a primeira delas, surgida no século IX e dedicada à composição epistolar”.⁴⁷ A segunda é a *ars poetriae* “(termo medieval para designar ‘poesia’), a mais invulgar delas, surgida no século XII para instruir estudantes na composição literária em prosa, e sobretudo em verso, fornecendo também os autores dignos de leitura, estudo e imitação”.⁴⁸ A terceira é a *ars praedicandi*, “surgida no século XIII e dedicada à pregação.”⁴⁹ Durante séculos XIII e XIV essas três artes coexistiram junto com a antiga e medieval *ars rhetoricae* ou *arendandi*, que era dedicada ao discurso.

Para a teoria epistolar é importante definir o que é uma carta (*letterae*) e o que é uma epístola (*epistola*). Segundo Ramos, para Proclo, carta é uma conversa entre duas pessoas que estão longe fisicamente uma da outra. Seria um diálogo, marcado por características da oralidade, com um registro um tanto quanto informal.⁵⁰ Segundo o autor, para Júlio Vitor:

Em suma, afirma que a carta segue os preceitos da conversação (*sermo* ou *ratio drmocinandi*), a qual deve primar por ser elegante, mas sem ostentação; como na carta ou no discurso, a conversação deve ser clara e breve; as citações de provérbios com a oportunidade são nelas bem aceites; não deve ser dotada de uma pronúncia ou representação igual à do discurso, mas diferente, por causa da proximidade dos interlocutores; se à conversação forem aplicados os gestos, vozes e olhares do discurso, parecerá – rústica e bárbara.⁵¹

⁴⁵ IBIDEM. p. 25

⁴⁶ IBIDEM. p. 29

⁴⁷ IBIDEM. p. 29

⁴⁸ IBIDEM. p. 29

⁴⁹ IBIDEM. p. 29

⁵⁰ IBIDEM. p. 31

⁵¹ IBIDEM. p. 31

Segundo Ramos, os autores medievais elaboraram um vasto número de tipos de cartas, direcionadas a cada situação, mas de maneira geral, “uma carta deve ser elevada ao patamar do discurso e que deve rivalizar com ele, caso contrário não é uma carta.”⁵² Dessa forma, os autores medievais concluíram que uma carta não era uma simples expressão do indivíduo, mas deveria estar submetida a rígidas regras. Assim a carta foi transformada em peça da oratória, imitando a estrutura da *oratio* clássica. A maioria dos tratados do *dictamen*, seguiam a divisão difundida pelos *dictadores* de Bolonha.⁵³

- (1) A *Salutatio*: consiste na apresentação de uma fórmula que transmite um sentido de amizade consistente com os estatutos sociais das pessoas envolvidas (remetente e destinatário), quer a carta seja enviada a um superior, um igual ou a um inferior.
- (2) *Benevolentiae captatio* ou *exordium*: como no discurso, consiste em fazer o destinatário dócil, atento e bem-disposto. Essa boa disposição do destinatário tanto pode ser criada pelas formulas amáveis que lhes são dirigidas, como pelo próprio conteúdo global da carta ou ainda pela beleza e elegância do discurso.
- (3) *Narratio*: é relativa ao assunto, os objetivos ou intenção da carta. Como no discurso oratório, a narração deve ser *brevis, dilucida e probabilis*. Pode ser simples, se for monotemática; ou complexa, se abordar vários assuntos. Como é válido para o discurso deliberativo, judicial e epidítico, a carta pode abordar respectivamente os três tempos: futuro passado e presente.
- (4) *Petitio*: o que o remetente vem pedir ao destinatário e que deve ser *iustum, utile, necessarium e honestum*. Tem na *conformatio* do discurso a sua correspondência.
- (5) *Conclusio*: remate ou termo da carta, geralmente com uma fórmula tipo – Valete.⁵⁴

A teoria epistolar não estabelecia só a estrutura do texto, mas também a linguagem a ser empregada dependendo da situação, do remetente e do destinatário. Assim como no discurso, era necessário ajustar o texto a categoria de leitores/ouvintes.⁵⁵ Segundo o autor, era recomendado que o remetente por vezes se dirigisse ao destinatário de forma como se este estivesse presente, também deve ser usada linguagem familiar e afetiva, entretanto sem excessos, palavras lisonjeiras só devem ser usadas por pessoas ligadas por laços de amizade, e não deve haver descuidos.⁵⁶ A partir da estratificação social medieval, os manuais também apresentavam as formas de saudação corretas, divididas em três níveis:

⁵² IBIDEM. p. 32

⁵³ IBIDEM. p. 34

⁵⁴ IBIDEM. p. 34

⁵⁵ IBIDEM. p. 36

⁵⁶ IBIDEM. p. 36

summum, médium et infimum, ou seja, se o status do destinatário era inferior, igual ou superior em relação ao remetente. Segundo Ramos isto é um exemplo das relações complexas presentes na sociedade medieval entre conceitos da linguagem e os usos sociais da linguagem.⁵⁷ A resposta também estava estabelecida pela teoria epistolar, onde o destinatário, ao responder, deveria respeitar a carta anterior, e reponde-la na mesma ordem de assuntos.⁵⁸

A teoria epistolar também se preocupou com os vícios a serem evitados. Segundo Ramos, a *Ars* de Horácio condenava, tanto no discurso como na carta, a excessiva aliteração, excessivo hiato, excessivas repetições da mesma palavra ou da mesma terminação, ou a *prolixitas, obscuritas, e similitude*.⁵⁹ Sobre a estilística dominante na teoria epistolar, se destaca o emprego da prosa rítmica. “Os autores medievais acharam por bem adotar a prosa epistolar de características poéticas no início e sobretudo no final das cláusulas, elevando sua beleza, porque a prosa devia ser tanto correta como elegante.”⁶⁰

Como anteriormente já mencionado nesse capítulo, as cartas estão presentes desde a antiguidade, auxiliando a transpor distâncias e a construir sociedades.⁶¹ Dessa forma, como destacado pelos autores e autoras Regina Schulte, Xenia Von Tippelskirch, Hans Bödeker e Walter Ysebaert, os historiadores e historiadoras têm se dedicado a essas fontes, que também, segundo os autores e autoras, são documentos ricos para se entender a dinâmica social do período.

De acordo com Shulte, Tippelskirch e Erin Sadlack, as cartas medievais estão entre a esfera pública e privada da sociedade medieval, assim, dessa forma,

As cartas nos permitem o acesso ao doméstico, ou a esfera privada, o que inclui emoções e percepções e reflete a representações e ideologias, revelando sempre informações sobre o tempo em que foram escritas, assim como sobre seus escritores e leitores.⁶²

⁵⁷ IBIDEM. p. 36

⁵⁸ IBIDEM. p. 37

⁵⁹ IBIDEM. p. 38.

⁶⁰ IBIDEM. p. 38.

⁶¹ SHULTE, Regina; TIPPELSKIRCH, Xenia Von; and individual authors. **Reading, Interpreting, and Historicizing: Letters as Historical Sources**. European University Institute. San Domenico, Itália. 2004. p. 5

⁶²“Letters permit us to gain access to a domestic or intimate sphere, include emotions and perceptions, reflect representation and underlying ideologies, always revealing information about the time in which they were written about their writers and readers.” IDEM. Ibidem. p. 6. – Tradução livre.

Segundo, Ysebaert, muitas cartas tiveram muitas cópias produzidas e poucas se mantiveram autênticas as originais, e é a partir de coleções e/ou coletâneas de cartas onde temos o maior acesso a essa documentação.⁶³ A partir dessa problemática, o autor oferece informações sobre como o historiador ou historiadora deve pensar essa fonte.

O autor escreve que por muito tempo o interesse dos e das medievalistas no trato dessa documentação estava ligado à história de fatos eventuais, sem necessariamente estarem ligados com instituições sociais, políticas e religiosas. Fontes que antes eram usadas na busca por informações de pequenos fatos, com o tempo se tornaram uma ferramenta importante para o estudo e análise das mentalidades religiosas, bem como as relações entre indivíduo e coletivo, indivíduo e sociedade.⁶⁴

Ysebaert destaca três influências no estudo das cartas, que, segundo o autor, não representam a totalidade das pesquisas sobre epístolas, mas dão (ou deram) um norte aos pesquisadores e pesquisadoras.

Uma primeira influência fácil de reconhecer é a que vem da literatura e da filologia. Uma crescente quantidade de medievalistas (historiadores e especialistas em literatura e linguística) concentraram-se mais e mais no texto da carta medieval em si, e menos na ‘fonte histórica’ ou valor histórico (contextual) da carta. (...) com referência a esses últimos estudos faz-se a ligação a uma segunda influência muito importante, chamada da ciência social. Medievalistas (e outros historiadores) parecem especialmente atraídos por essa abordagem que usa as cartas para o estudo das relações entre o individual e o social. A escrita de uma carta é considerada um evento social (cultural); A carta é vista como um documento que está o ponto de encontro de indivíduos, grupos sociais e sociedade, e assim informando sobre as relações mútuas entre esses fatores como cada fator separadamente. (...) No terceiro campo de pesquisa finalmente, a atenção é dada ao lugar e ao significado da escrita do documento na sociedade medieval e particularmente no ‘desenvolvimento do letramento’.⁶⁵

⁶³ YSEBAERT, Walter. **Medieval letters and letters collections as historical sources: methodological questions and reflections and research perspectives (6 – 14 centuries)**. *Studi Medievali*. Turnhout: BREPOLs. 2009. p. 1. DOI: [10.1484/M.USML-EB.5.105112](https://doi.org/10.1484/M.USML-EB.5.105112)

⁶⁴ IDEM. *Ibidem*. p. 4.

⁶⁵ “A first influence easy to recognize is the one coming from the literature and philology. An increasing amount of medievalists (historians and specialists in literature and linguistics) concentrates more and more on the text of the medieval letter in itself and less on the ‘historical source’ or the historical (contextual) value of the letter. (...) With reference to these last studies the connection is made to a second very important influence, namely of the social sciences. Medievalists (and other historians) seem to be especially attracted by the approach using letters for the study of relations between individuals and social groups. The writing of a letter is considered a social (-cultural) event; the letter is seen as a document being on the meeting point of individuals, social groups and society, and thus giving information about the mutual relations between those (f)actors as about each (f)actors separately (...) In a third field of research finally, attention is paid to the place and meaning of written documents in the medieval society and particularly to the ‘development of literacy’” IBIDEM. pp. 5 – 9. Tradução livre.

O autor também se preocupa em apresentar os problemas metodológicos do uso dessas fontes, e que, segundo ele, já são bem conhecidos e destaca alguns. A primeira categoria de problemas está ligada a questões de hermenêutica (gerais), e refere-se às dificuldades relativas à definição e classificação das cartas medievais como 'gênero', ou como 'forma' em quais vários gêneros podem ser distinguidos. Questões centrais aqui são: o que é uma carta, quais documentos podem ou não ser considerados como cartas, onde está a diferença entre uma carta e outros documentos ou gêneros, que tipo de letras podem ser distinguidas, e assim por diante.⁶⁶

A segunda categoria está ligada ao que o autor nomeou *epistolary situation*, isto é, a situação em que a carta se refere a uma comunicação mais ampla, estreitando a relação entre tempo e espaço entre dois ou mais atores. Esta questão também está relacionada com a problemática entre público e privado durante o medievo.⁶⁷

Já a terceira categoria envolve os problemas relacionados a forma de transmissão dessas cartas, principalmente as coleções de cartas. A forma com que essas coleções surgiram, e como são compostas influenciam diretamente os significados que podem ser atribuídos a elas.⁶⁸ Sobre as coleções/compilações, o autor explica que são um conjunto de cartas/epístolas que de fato foram enviadas e posteriormente agrupadas por alguma razão em uma coleção, mas que também podem contar outras cartas que nunca foram enviadas, como cartas rascunho, exercícios da teoria epistolar, ou até cartas fictícias.⁶⁹ Sobre as coleções o autor alerta que o pesquisador ou pesquisadora deve estar atento a uma série de questões na hora da análise, como:

- 1) qual pessoa foi responsável pela cópia da carta (o autor, o secretário, o destinatário, ou possivelmente uma terceira parte que não teve nada a ver com a correspondência);
- 2) em que material a pessoa foi mencionada (1) baseado em (um rascunho, uma ata, no original ou em uma cópia);
- 3) o compilador trabalhou para si mesmo ou sob a autoridade de outra pessoa;
- 4) Como a pessoa responsável pela coleção juntou seu material (pelos arquivos dos remetentes ou destinatários, ou de outra maneira?);
- 5) como o material usado para a coleção foi guardado antes da composição da coleção;
- 6) quais foram os critérios usados para decidir quais cartas deveriam ser incluídas na coleção;
- 7) como o material foi organizado, quais princípios foram mantidos;
- 8) o que se pretendia com a composição da coleção;
- 9) de que maneira as

⁶⁶ IBIDEM. p. 14.

⁶⁷ IBIDEM. p. 14.

⁶⁸ IBIDEM. p. 15

⁶⁹ IBIDEM. p. 15

cartas foram ajustadas – antes de serem incorporadas a uma coleção – estilisticamente e/ou quanto ao conteúdo; e, finalmente, deve-se prestar atenção 10) na divulgação e transmissão da coleção e 11) na forma e na questão de que as coleções foram possivelmente ajustadas ao serem copiadas numa fase posterior.⁷⁰

Também é destacado pelo autor, que as coleções /compilações podem ser divididas em outras três categorias: atividade de registro ou arquivísticas que poderia encontrar lugar no remetente ou arquivo do destinatário, coleção de cartas no sentido denotativo da palavra, composições feitas por razões literárias e exemplares ou coleções didáticas de tratados teóricos sobre a teoria epistolar.⁷¹ Entretanto, há algo que se tomar cuidado em compilações feitas por razões literárias, muitas vezes para manter um estilo, o compilador omitiu informações importantes como a *salutatio*, dificultando assim o trabalho dos historiadores e historiadoras no rastreamento dessas correspondências (quem era o remetente e quem era o destinatário).⁷²

1.3. Seria possível uma mulher escrever? Considerações sobre autoria feminina na Idade Média e a escrita epistolar feminina

O silêncio das mulheres é capaz de nos contar muitas coisas, tais como a censura, a submissão, o medo e a violência. Durante o período medieval, essas características do silenciamento feminino estiveram muito presentes, tornando-se elementos sintomáticos de uma sociedade alicerçada na misoginia. Entretanto, não dedicaremos este subcapítulo aos mecanismos de opressão que mantiveram grande parte das mulheres subjugadas e caladas, mas sim sobre a forma como muitas mulheres romperam com essa opressão, e

⁷⁰“1) which person was responsible for the copying of the letter (the author, the secretary, the addressee, or possibly a third party that had nothing to do with the correspondence); 2) on what material could the person mentioned under (1) base himself on (a draft, a minute, the original or a copy); 3) did the composer work for himself or under the authority of someone else; 4) how could the person responsible for the collection gather his material (via the sender’s or addressee’s archive or in another way?); 5) how was the material, used for the collection, saved before the composition of the collection; 6) what were the selection criteria used when deciding on which letters should or should not be included in a collection; 7) how was the material ordered, what principles were maintained; 8) what was aimed for with the composition of the collection; 9) in what way were the letters possibly adjusted – before incorporated in a collection – stylistically and/or with regard to content; and finally attention should be paid to 10) the spread and transmission of the collection and 11) the way in which and the question why collections were possibly adjusted when being copied in a later phase” IBIDEM. p. 16. Tradução livre.

⁷¹ IBIDEM. p. 19.

⁷² IBIDEM. p. 20 Para mais trabalhos com essa temática indicamos a autora Cláudia Bovo. Ver: BOVO, Cláudia Regina. **No âmago da epistolografia medieval: tipologia epistolar e política na correspondência de Pedro Damiano (1040-1072)**. São Paulo, **História**, vol.34, n.2, p.263-285, jul/dez 2015. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-436920150002000068>

de alguma forma, deixaram sua voz registrada para o futuro, caso de Heloísa de Argenteuil.

Heloísa foi uma escritora. Não apenas redigiu as cartas que são o objeto desse trabalho, mas também escrevera obras que circulavam entre o meio monástico ao qual ela pertenceu, como por exemplo, a *Problemata*.⁷³ Entretanto, mesmo com sua obra reconhecida, apenas Abelardo aparece nos compêndios da filosofia medieval.⁷⁴ Podemos relacionar essa questão com o fato de que mesmo as mulheres com acesso a uma formação erudita ou ao letramento ainda sofriam com forte censura.

Eva foi a primeira mulher a ter voz. Ela significa vida, mas também lamento.⁷⁵ Foi considerada a mulher que levou os homens para fora do paraíso a partir de sua palavra. Por conseguinte, frequentemente a palavra da mulher é avaliada por seu poder maléfico em relação ao outro.⁷⁶ Se esta palavra possui naturalmente um teor de maldade, ela deveria estar frequentemente sob vigilância masculina. A palavra, portanto, é naturalmente um direito masculino. A palavra da mulher, além de causar medo aos homens, se mostra como uma ameaça ao invadir um campo teoricamente deles:

Porque o medo que a palavra das mulheres suscita junta-se ao medo de sua carne e desejo. Transgressora pela palavra, como pretende a injunção masculina, a mulher não escapa à sua sorte: a culpada é fabricada pela palavra receosa dos homens. Ela é antecipadamente pecaminosa pela palavra que usurpa ao homem, essa palavra que invade o espaço doméstico e público; perigosa também pela palavra carismática e profética que detém, a de uma nova relação com o sagrado a partir do século XIII as mulheres vão reivindicar.⁷⁷

A palavra da mulher é diversa durante o período, mesmo que se possa caracterizá-la como uma palavra que “se pede para abrir”. A rica diversidade se encontra desde o oral ao escrito, sobre o escrito dos homens sobre a palavra feminina e do escrito das próprias mulheres demandando o direito sobre essa voz.⁷⁸ Contudo, mesmo dentro desse recorte,

⁷³ Um tratado religioso com uma série de questionamentos acerca de passagens problemáticas sobre as Escrituras enviadas a Abelardo. Seu manuscrito só foi copiado em 1400. Referência.

⁷⁴ WUENSCH, Ana Maria. **O quê Christine de Pizan nos faz pensar**. In: DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. **As intelectuais na idade média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. P. 74.

⁷⁵ RÉGNIER-BOHLER, Danielle. **Vozes literárias, vozes místicas**. In: DUBY, Georges; KLAPISCHZUBER, Christiane. **História das Mulheres no Ocidente** - Vol. II. Porto: Afrontamento, 1993-1995. p. 517.

⁷⁶ IDEM, Ibidem. p. 518.

⁷⁷ IBIDEM. p. 519.

⁷⁸ IBIDEM. p. 519

a palavra da mulher continua a ser vista como algo ruim. A mulher é considerada volátil, difícil de controlar, assim como sua palavra, que se é comparada aos segredos dos feiticeiros. E, principalmente, porque essa palavra escarnece o sexo, que coloca em xeque a virilidade do homem.⁷⁹

Devemos estar atentos que esse panorama, mesmo para as mulheres que alcançaram certo espaço com o uso da palavra, não era tranquilo. Falar por si já qualificava como uma grave falta e muitas mulheres pagaram com a própria vida por isso, como no caso das beguinhas⁸⁰ ou de Marguerite Porète, que foi a primeira mulher a ser condenada à fogueira pelo conteúdo de seu livro,⁸¹ em 1310, na região da atual França.⁸²

Podemos examinar esse exercício das mulheres de, a todo o momento, legitimar sua voz como uma forma de resistência à censura masculina: “Não há domínio algum em que a mulher não tenha expressado o seu desejo de falar.”⁸³ Primeiro devemos atentar para a documentação legada das mulheres letradas. Os manuscritos com a sua palavra, mesmo que ainda atravessada por forte censura misógina, são documentos insubstituíveis para quem deseja conhecer e analisar a palavra feminina da Idade Média. Entretanto, não foram somente as mulheres letradas que participaram desse processo. Margery Kempe, no século XV, nos legou registros escritos mesmo sem ser letrada.⁸⁴

A letrada é profusa de palavras, por vezes profere encantamentos insistentes, mas também a iletrada, a que diz não ter acesso ao escrito, que – através do que relata dela seu discurso espiritual - vive sob a pressão de um dizer que Deus lhe impõe.⁸⁵

Os escritos femininos vão ter força no que se refere à espiritualidade feminina e principalmente nas línguas vulgares.⁸⁶

⁷⁹ IBIDEM. p. 521

⁸⁰ IBIDEM. p. 523.

⁸¹ *O Espelho das Almas Simples* foi um tratado teológico escrito por Marguerite Porète na região dos Países Baixos entre 1290 a 1310.

⁸² VAN ENGEN, John. *Marguerite (Porrete) of Hainaut and the Medieval Low Countries*. p. 43

⁸³ RÉGNIER-BOHLER, Danielle. *Vozes literárias, vozes místicas*. In: DUBY, Georges; KLAPISCHZUBER, Christiane. *História das Mulheres no Ocidente* - Vol. II. Porto: Afrontamento, 1993-1995. p. 524

⁸⁴ Margery kempe nasceu em King'd Lynn, na Inglaterra e escreveu uma obra autobiográfica intitulada *The Book of Margery Kempe*, na qual ela retrata momentos religiosos, de peregrinação e visões de Cristo. Ver: BARREIRO, Carolina Niedermeier. *Just because I am a woman... Possibilidades de autoria para mulheres escritoras (século XIV)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2019.

⁸⁵ RÉGNIER-BOHLER, Danielle. *Vozes literárias, vozes místicas*. In: DUBY, Georges; KLAPISCHZUBER, Christiane. *História das Mulheres no Ocidente* - Vol. II. Porto: Afrontamento, 1993-1995. p. 524.

⁸⁶ IDEM. Ibidem. p. 536.

(...) só por si estas obras bastariam para sugerir que uma palavra é reivindicada de forma muito diferente do que em literatura. Estas palavras de mulheres afirmam uma notável cultura literária, sem falar na bagagem teológica de que elas são provas. Mas, sobretudo, comprometidas na sua própria aventura espiritual, estas mulheres escritoras estão conscientes de si próprias: visitadas pela graça, difundem a palavra de Deus, e, preocupadas com as que as rodeiam, empenham-se muitas vezes numa relação pedagógica e numa transmissão ativa.⁸⁷

A literatura das monjas se faz importante, por ser talvez o espaço de maior profusão da escrita feminina. No sul da Alemanha as compilações das *Vitae* deixaram numerosos registros para o futuro, além de provar que as religiosas detinham conhecimento sobre as obras de outras irmãs místicas.⁸⁸ Contudo, é importante que voltemos à questão do recorte social no qual a escrita dessas mulheres conseguia se sobrepujar de alguma forma à escrita masculina.

Para as épocas anteriores, certos testemunhos pessoais são com toda evidência escritos de mulheres letradas cujo estatuto social e econômico é bem definido. Apesar das lacunas da documentação, para os nomes mais célebres – tais como de Heloísa e Hildegarda – os escritos pessoais permitem entrar sem territórios mais íntimos onde a mulher diz qualquer coisa do seu advento interior, e estes testemunhos são importantes.⁸⁹

Dentre esses escritos, podemos elencar especificidades da palavra da mulher. Mesmo realizando reflexões referentes à espiritualidade, essas mulheres ainda falavam sobre a condição da mulher, como, por exemplo, nas obras de Hildegarda. Parece-nos, portanto, que por meio desses escritos lançam um olhar mais interrogativo sobre si próprias.⁹⁰ De maneira geral, é possível, eventualmente, entender uma leitura sobre Deus diferente da masculina,⁹¹ considerando que as suas experiências enquanto religiosas e mulheres eram expressadas ao longo de sua escrita.

Outra característica importante que rodeou essas mulheres e o entendimento que o mundo fazia delas é o que aconteceu com a escritora Cristine de Pizan.⁹² A autora

⁸⁷ IBIDEM. p. 536.

⁸⁸ IBIDEM. p. 536.

⁸⁹ IBIDEM. p. 537.

⁹⁰ IBIDEM. p. 537.

⁹¹ IBIDEM. p. 541.

⁹² Célebre autora francesa que depois de enviuvar, aos 25, inicia a escrever profissionalmente para o sustento de seus três filhos. Pizan escreveu várias obras durante a vida, sendo a mais conhecida a obra *Cidade das Damas*

recebeu reconhecimento e prestígio ainda em vida. Escreveu não apenas sobre o feminino, mas também para o feminino. Cristine chama atenção também por seu talento não ser cultivado em um ambiente religioso. Apesar de letrada, como era costume para as mulheres, também não frequentou a Universidade.⁹³ A autora defendia sua feminilidade, como também o espaço das mulheres em público ou na educação.⁹⁴ No entanto, Cristine sofreu uma masculinização da sua imagem.

◊: a mensagem dirigida às mulheres é com efeito inserida no desenrolar de uma história que lhe é própria. Não é um dos menores paradoxos ver nessa feminista de primeira hora a consciência paralela e necessária de um ◊: para se fazer ouvir, para fazer validar o acto de escrever, Cristina⁹⁵ passa – e este é um caminhar interior que ela descreve no Livre duchemin de long estude como no princípio da Cité des dames – por um estado de abatimento. << Reclusa, apagada, abatida, só e cansada >>: este estado de depressão e de melancolia facilita-lhe precisamente o acesso ao saber e desenvolve a apetência para um outro. Eu, que lhe permitiria integrar-se na linhagem dos homens de ciência e de sabedoria. A legitimidade da mulher que escreve deve passar por um coração de homem. ◊: esta mulher notável e viril não usa máscara. Não é certamente uma cláusula de humildade que ela profere quando, na Mutacion de Furtune, fala do seu nome: ela integra com efeito ◊, ao qual é suficientemente juntar INA, e eia que sua nomeação fica completa.⁹⁶

Apesar de exaltar sua feminilidade e falar as mulheres, Christine de Pizan é homem quando se faz ouvir no meio masculino. A partir das fontes sobre as mulheres escritoras percebemos que a existências de mulheres independentes – sejam na medicina, na literatura, gerindo negócios ou na vida religiosa – não era tão irrelevante ou rara quanto imaginamos.⁹⁷ A Escola de Medicina de Salerno, que data do século X, teve como particularidade a aceitação de matrículas de mulheres. Essas ficaram conhecidas como *mulieres salernitanae* ou Damas da Escola de Salerno.⁹⁸ Dentre elas se destaca Trotula⁹⁹ como a principal médica da Escola. Além de se dedicar aos cuidados das mulheres,

⁹³ WUENSCH, Ana Maria. **O quê Christine de Pizan nos faz pensar**. In: DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. **As intelectuais na idade média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. pp. 74 - 75

⁹⁴ RÉGNIER-BOHLER, Danielle. **Vozes literárias, vozes místicas**. In: DUBY, Georges; KLAPISCHZUBER, Christiane. **História das Mulheres no Ocidente** - Vol. II. Porto: Afrontamento, 1993-1995. p. 531.

⁹⁵ A edição ao qual utilizamos nesse trabalho traduz o nome da autora para Cristina.

⁹⁶ RÉGNIER-BOHLER, Danielle. **Vozes literárias, vozes místicas**. In: DUBY, Georges; KLAPISCHZUBER, Christiane. **História das Mulheres no Ocidente** - Vol. II. Porto: Afrontamento, 1993-1995 pp. 531 – 532.

⁹⁷ SIMONI, Karini. **De dama da Escola de Salerno à figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento**. In: DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. **As intelectuais na idade média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. p. 13

⁹⁸ IDEM. Ibidem. p. 15.

⁹⁹ Escritora e médica que viveu na região da atual Itália entre os séculos X e XI.

também escreveu sobre a saúde feminina. Trotula se dedicou principalmente ao estudo do corpo feminino, sobretudo às questões envolvendo o ciclo menstrual, a reprodução e o parto.¹⁰⁰

Certamente, Trotula detinha maior conhecimento sobre a fisiologia feminina do que os seus colegas homens. Isso se deve ao fato de que homens não tratavam de questões femininas pôr as considerarem impuras, inapropriadas ou irrelevantes.¹⁰¹ Conquanto ainda é possível encontrar questionamentos a autoria de Trotula,¹⁰² fato recorrente quando tratamos de autoria feminina na Idade Média, o que podemos categorizar como uma visão historiográfica misógina ao negar a existência de mulheres que realizaram feitos relevantes no passado. Outro motivo que podemos elencar, e que faz direta referência à vida e à obra de Trotula, é o esforço de vários homens em desqualificar o trabalho das Damas de Salerno, atribuindo seu conhecimento a práticas de charlatãs ou bruxas, como, por exemplo, fazia o médico espanhol Arnaldo Villanova.¹⁰³

Voltando à Hildegarda de Bingen,¹⁰⁴ ela faz referência a um dos exemplos que temos no campo das mulheres escritoras. Era costume entre as famílias abastadas enviarem suas filhas a conventos/abadias/mosteiros para que recebessem educação erudita e potencialmente seguissem a carreira religiosa.¹⁰⁵ Hildegarda construiu sua obra no campo religioso, onde está se difundiu. A autora falava sobre espiritualidade, mas também sobre o feminino.¹⁰⁶

Hildegarda dizia escrever por vontade de Deus a partir das visões que recebia. Isso foi posto à prova por autoridades masculinas, entretanto, sua obra teve grande aceitação entre o meio monástico.¹⁰⁷ A autora também se correspondeu com outras mulheres, como Leonor de Aquitânia e a Condessa do Palatinato.¹⁰⁸

¹⁰⁰ SIMONI, Karini. **De dama da Escola de Salerno à figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento.** In: DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. **As intelectuais na idade média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. pp. 17 – 18.

¹⁰¹ IDEM. Ibidem. p. 21.

¹⁰² IBIDEM. p. 24.

¹⁰³ SANTUCCI, Francesca. Virgo Virago. *Donnefra mito e storialetteratura e arte, dall'antichità a beatrieCenci.* Catania: Akkauaria, 2008. p. 86.

¹⁰⁴ Escritora, mística, poeta, naturalista fundadorade conventos, teóloga, pregadora, milagreira, exorcista e Abadessa que viveu na região da atual Alemanha durante o século XII

¹⁰⁵ PINHEIRO, Mirtes Emilia. **Hildegarda, a mística de Bingen.** In: DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. **As intelectuais na idade média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. p. 29

¹⁰⁶ IDEM. Ibidem. p. 29.

¹⁰⁷ IBIDEM. p. 30.

¹⁰⁸ IBIDEM. p. 31.

Outra escritora que podemos destacar e que faz parte do meio religioso é Clara de Assis.¹⁰⁹ A ela são atribuídos poucos escritos, quatro cartas para a Princesa Inês de Praga,¹¹⁰ uma Bênção, o Testamento e as Formas de Vida.¹¹¹

Acredita-se que Clara tenha sido mais ativa na escrita, porém estima-se que, em 1266, seus documentos tenham sido destruídos junto com os de Francisco de Assis.¹¹² Diferentemente de Hildegarda, Clara fazia parte de uma ordem de pregadores, o que torna dificultosa a clausura entra as mulheres da ordem. Entretanto, o Papa Bonifácio VIII, no final do século XIII, iria obrigá-las a uma clausura muito mais severa do que a dos tempos anteriores, pois, como dito anteriormente, a mulher era débil moralmente e fisicamente, necessitando de supervisão masculina.¹¹³

Clara e outras franciscanas são proibidas de pregar ou esmolar, como também afastadas de mosteiros duplos e da administração de seus próprios mosteiros. As mulheres então ficam cada vez mais presas à vigilância masculina, dependendo da boa vontade de seus tutores em romperem com a clausura. Assim, é imposta uma limitação ainda maior à independência das mulheres em seus mosteiros.¹¹⁴

A despeito de todas as mulheres, citadas aqui ou não, que impuseram sua voz como forma de resistência a uma censura misógina, é preciso destacar que elas ainda sofreram com essa forte misoginia. Elas, enquanto indivíduos de seu tempo, aprenderam o que seu tempo dizia ser o certo e, mesmo na defesa do feminino, ainda encontramos borrões do ódio dirigido e ensinado as mulheres, assim encontramos, principalmente nas obras femininas reconhecidas, filtros e permissões do que as concepções masculinas detinham como correto.¹¹⁵

Como até agora demonstrado nesse subcapítulo, as mulheres medievais escreveram, e por que não pensar que elas também não deixaram sua marca na Teoria Epistolar? Nesse sentido, retomamos a discussão apresentada em nosso segundo subcapítulo, mas a partir de agora pensando no recorte de gênero.

¹⁰⁹ Considerada a primeira franciscana. Após a morte de Francisco de Assis, sua voz foi uma das mais eloquentes na defesa da pobreza.

¹¹⁰ Também conhecida como Inês da Boêmia.

¹¹¹ SILVA, Valéria Fernandes da. **A pobreza como expressão máxima da *Vita Vera Apostolica* nos escritos de Clara de Assis.** In: DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. **As intelectuais na idade média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. p. 53

¹¹² IDEM. Ibidem. p. 54.

¹¹³ IBIDEM. p. 61.

¹¹⁴ IBIDEM. p. 62.

¹¹⁵ RÉGNIER-BOHLER, Danielle. **Vozes literárias, vozes místicas.** In: DUBY, Georges; KLAPISCHZUBER, Christiane. **História das Mulheres no Ocidente - Vol. II.** Porto: Afrontamento, 1993-1995. p. 543.

Como mencionado anteriormente, a segunda influência destacada por Ysebaert, a *epistolary situation*, estava preocupada em analisar a epístola a partir de um olhar sociológico, atenta a encontrar nessa documentação informações sobre as relações sociais, e dessa forma, torna-se impossível analisar o conteúdo da carta de forma apartada no contexto ao qual o autor ou autora estava inserido. É a partir dessa abordagem que as mulheres acabam se tornando foco das pesquisas epistolares.

Segundo Hans Bökder, “A escrita de cartas é uma prática cultural e deve ser historicizada e contextualizada.”¹¹⁶ A autora Erin Sadlack, escreve que a carta, de certa maneira, foi um gênero feminino, segundo ela, o próprio Ovídio teria incentivado que as mulheres se comunicassem por meio de cartas.¹¹⁷

Entretanto, existe uma tendência dos pesquisadores e pesquisadoras de alocarem essas cartas pessoais de mulheres a esfera privada da sociedade, sobre isso Bökder comenta:

Cartas privadas – apenas cartas pessoais? – Presume-se que tenham sido escritas principalmente por mulheres por causa de seu gênero. Um olhar mais próximo as cartas produzidas por mulheres, publicadas ou ainda não publicadas, no entanto, desmascara a variedade de motivos para escrever cartas e o conteúdo frequentemente transcende assuntos a narrativa de privados ou pessoais. É enganoso reduzir a carta feminina a assuntos pessoais ou familiares.¹¹⁸

Partindo da premissa que as esferas públicas e privadas não estavam apartadas, mas se influenciando mutuamente, o autor afirma que essa tendência dos pesquisadores e pesquisadoras é no mínimo questionável.¹¹⁹ Segundo Sadlack, apesar da carta ser um

¹¹⁶“Letters writing as a cultural practice must be historicized and contextualized.” BÖDOKER, Hans Erich. **Letters as historical sources – some concluding reflections**. In: SHULTE, Regina; TIPPELSKIRCH, Xenia Von; and individual authors. **Reading, Interpreing, and Historicizing: Letters as Historical Soucers**. European University Institute. San Domenico. Itália. 2004. p. 199. Tradução livre

¹¹⁷ SADLACK, Erin A. **In Writing It May Be Spoke”**: **The Politics of women’s Letter-Writing, 1377-1603**. Dissertação de mestrado. University of Maryland. 2005. p. 25.

¹¹⁸“Private letters – only personal letters? – are assumed to have been written primarily by women because of their gender. A closer look at the published and not yet published female letters, however, unmasks a variety of motives to write letters and the content frequently transcends the narrowly defined private or personal matters. It is misleading to reduce the female letter to personal or family issues.” BÖDOKER, Hans Erich. **Letters as historical sources – some concluding reflections**. In: SHULTE, Regina; TIPPELSKIRCH, Xenia Von; and individual authors. **Reading, Interpreing, and Historicizing: Letters as Historical Soucers**. European University Institute. San Domenico. Itália 2004. p. 200 – Tradução livre

¹¹⁹ IDEM. *Ibidem*. p. 200.

gênero indicado para que as mulheres se expressassem, e que desde a antiguidade elas se comunicaram através delas, a teoria epistolar não é receptiva ao feminino.¹²⁰

As autoras Kathleen Neal e Clare Monagle trazem informações importantes ao debate acima citado. Segundo as referidas autoras, não podemos reduzir a produção feminina epistolar como cartas voltadas unicamente ao mundo privado.¹²¹ Como bem sabemos, cartas masculinas foram conservadas em abundância, e em contrapartida, cartas femininas foram conservadas ou pela importância da autora, ou pelo requinte da produção epistolar,¹²² mas, de igual forma, essas cartas nos provam que elas foram ferramentas importantes sobre como as mulheres viam e negociavam com o mundo ao seu redor, e principalmente, mostram que sim, as mulheres construíram e exerceram autoridade através delas.¹²³

Não podemos então reduzir o assunto a apenas documentos pessoais, mas, segundo as autoras: “As cartas das mulheres medievais não eram “pessoais”, mas sim textos formais altamente construídos que visavam intervir em certas situações”¹²⁴ Inserida nessa abordagem, as autoras realizam algumas categorizações das cartas escritas pelas mulheres do período. As cartas políticas administrativas¹²⁵ tinham como características justamente buscar apoio para proteger ou garantir seus interesses físicos, políticos, e legais,¹²⁶ e tinham por diferencial das cartas masculinas o tom mais humilde e ao mesmo tempo persuasivo.¹²⁷

Como exemplo, citamos a carta de Clementia de Borgonha (1078 – 1133), Condessa de Flanders, que se torna chefe da região enquanto o Conde Robert II está na Terra Santa, que escreve ao Abade Hugh de Cluny concedendo direitos a um convento corrupto sob sua jurisdição para fins de reforma.¹²⁸

¹²⁰ SADLACK, Erin A. **In Writing It May Be Spoke”: The Politics of women’s Letter-Writing, 1377-1603**. Dissertação de mestrado. University of Maryland. 2005. p. 25.

¹²¹ NEAL, Kathleen; MONAGLE, Clare. *From Latin to the Vernacular: Medieval Women’s Letters, 1000– 1400*. 2019. p. 2.

¹²² IDEM. Ibidem. p. 2.

¹²³ IBIDEM. p. 1.

¹²⁴ “Medieval women’s letters were not ‘personal’, then, but rather were highly constructed formal texts that aimed to intervene in a given situation” IBIDEM. p. 2 – Tradução livre

¹²⁵ As autoras usam essas terminologias para distinguir essas cartas das cartas religiosas/espirituais.

¹²⁶ NEAL, Kathleen; MONAGLE, Clare. *From Latin to the Vernacular: Medieval Women’s Letters, 1000– 1400*. 2019. p. 22.

¹²⁷ IDEM. Ibidem. p. 29.

¹²⁸ IBIDEM. p. 23.

Outro subgênero destacado pelas autoras eram as cartas senhoriais,¹²⁹ segundo as autoras, essas cartas são marcadas por uma retórica pseudo-vassálica, em que a mulher desejava realizar um pedido ou uma ordem. Ou seja, uma carta senhorial exigia que a mulher exercesse autoridade. Mas as autoras alertam que essas cartas nem sempre foram efetivas, os casos dependiam muito do poder e do status social da remetente.¹³⁰

O último subgênero que destacamos aqui são as cartas de patrocínio.¹³¹ Segundo Neal e Monagle, essas cartas não foram só importantes, mas um meio de sobrevivência principalmente para as monjas. Através delas, as mulheres reclusas podiam se relacionar com o mundo, e nos casos de monjas da alta aristocracia ou realeza, uma ferramenta para manter seus interesses e poderes dentro desse ambiente.¹³²

A escrita feminina dentro da teoria epistolar se tornava difícil. Autoridade na Idade Média significava citar outros autores/obras importantes, e devido ao nível de instrução relegado as mulheres do período, era bastante difícil que elas aprendessem a teoria epistolar e tivessem contato com estas obras. Entretanto, Neal e Monagle nos alertam, que segundo os manuscritos, o acesso a teoria epistolar a essa camada social (mulheres de status social ou religioso) não era impossível.¹³³ Mas claro, atentando ao fato de que esse aprendizado se deu de maneiras mais clandestinas, possivelmente, da forma mais comum as mulheres do período, ouvindo e copiando.¹³⁴ Os manuais de cartas para mulheres também foram produzidos por homens, e dessa forma, borrados de misoginia.¹³⁵ Para Neal e Monagle, a exclusão ou inclusão das mulheres nos manuais de escrita epistolar não se deu de maneira linear,¹³⁶ segundo as autoras:

As categorias de correspondentes discutidas em tratados teóricos sobre a escrita de cartas fornecem evidências para o lugar da mulher dentro das normas epistolares. As mulheres faziam parte da hierarquia de correspondentes criada por alguns *dictatores*, embora nem todos os

¹²⁹ Termo traduzido do original como Lordly Letters.

¹³⁰ NEAL, Kathleen; MONAGLE, Clare. *From Latin to the Vernacular: Medieval Women's Letters, 1000–1400*. 2019. pp. 36 – 37.

¹³¹ Termo traduzido do original como Patronage Letters.

¹³² NEAL, Kathleen; MONAGLE, Clare. *From Latin to the Vernacular: Medieval Women's Letters, 1000–1400*. 2019. p. 42.

¹³³ IDEM. Ibidem. p. 10.

¹³⁴ IBIDEM. p. 11.

¹³⁵ SADLACK, Erin A. *In Writing It May Be Spoke": The Politics of women's Letter-Writing, 1377-1603*. Dissertação de mestrado. University of Maryland. 2005. pp. 26 – 27.

¹³⁶ NEAL, Kathleen; MONAGLE, Clare. *From Latin to the Vernacular: Medieval Women's Letters, 1000–1400*. 2019. p. 12.

textos dictaminais atendessem explicitamente as categorias femininas.¹³⁷

O *ars dictaminis* de Adalberto Samaritanu's, o *Præcepta dictaminum*, do ano de 1115, já ditava algumas normas ao se referir as mulheres (mãe, filha, irmã, esposa). Uma década depois, Hugh de Bolonha incluíra Abadessa como uma posição que necessitava de exaltação.¹³⁸ Em contrapartida, Bernard de Bolonha, em *Introductiones Prosaici Dictaminis*, produzida entre os anos de 1144 e 1152, ditava diferentes categorizações (poder, cargo, dignidade, parentesco, nascimento e nobreza, bem como status clerical), somente para homens, não citando nada sobre o equivalente no feminino.¹³⁹

Peter de Blois, revisando a obra acima citada de Bernard, em 1180, incluiu vários exemplos de saudações para categorizações femininas. Já Mestre Willian's, no início do século XIII, na *Suma Grammaticalis*, não incluiu nenhuma categoria feminina nos seus nove estágios de hierarquia epistolar.¹⁴⁰

Sadlack comenta que Cristine de Pizan foi uma ávida defensora de que as mulheres detinham capacidade para escrever cartas dentro da teoria epistolar, sendo apenas necessário que elas obtivessem acesso a essa educação.

Dentro dos debates acima apresentados poderíamos nos indagar, e é exatamente o exercício que fazem as autoras Neal e Monagle, se por meio de todos esses filtros existiu uma escrita epistolar feminina. Concordamos com as autoras quando apontam que sim, existiu. A grande compilação de epístolas produzidas por mulheres nos conventos germânicos no final da Idade Média já provam a grande atividade de mulheres dedicadas a teoria epistolar.¹⁴¹

Se pensarmos a partir de traduções, retoques ou correções realizadas por notários, também não se configura como argumento suficiente para negar a escrita epistolar feminina, considerando que homens também usaram dessa ferramenta, como o rei Edward I da Inglaterra que costumava escrever suas cartas em francês, e só depois eram traduzidas para o latim.¹⁴² Além disso, é comprovado a existência de escribas mulheres,

¹³⁷“The categories of correspondents discussed in theoretical treatises on letter writing provide evidence for women's place within epistolary norms. Women were part of the hierarchy of correspondents envisaged by some *dictatores*, although not all dictaminal texts attended explicitly to feminine categories” IDEM. Ibidem. p. 11. Tradução livre

¹³⁸ IBIDEM. pp. 11 – 12.

¹³⁹ IBIDEM. p. 12

¹⁴⁰ IBIDEM. p. 12.

¹⁴¹ IBIDEM. p. 13.

¹⁴² IBIDEM. p. 21.

inclusive manuscritos sobre teoria epistolar produzido por essas escribas sobreviveram. E por último, seria de fato impensável que as monjas não fosse letradas na teoria epistolar.¹⁴³

Todos os argumentos apresentados neste capítulo demonstram a existência de uma escrita epistolar feminina, seja pela autora, escriba feminina, ou pelas mulheres que atuaram na rede de apoio, garantindo que essas cartas chegassem ao seu destino.¹⁴⁴ As autoras concordam que os homens medievais tinha repertório suficiente para criar personagens ficcionais femininos, entretanto, e concordamos aqui com as autoras, questionar toda e qualquer produção feminina medieval é um problema da nossa historiografia atual, que nada tem a ver com a produção epistolar, feminina ou masculina do período medieval.¹⁴⁵

1.4. Mestra ou dissipula? A voz de Heloísa na historiografia

Os estudos epistolares, de maneira geral, sempre se voltaram com maior frequência às cartas escritas por homens. Durante a Idade Média, os documentos epistolares produzidos por mulheres estão alocados no âmbito privado e, por esse motivo, deveriam apresentar excelência na escrita retórica para receberem alguma atenção dos estudiosos.¹⁴⁶ Entretanto, afirma Elizabeth Freeman, que mesmo quando as cartas femininas recebiam atenção, os pesquisadores estavam mais preocupados em encontrar características ditas como femininas do que analisar o conteúdo dos documentos.

As cartas produzidas por Heloísa demonstram grande erudição. Segundo Pedro, O Venerável, a Abadessa do Paraclete conseguiu superar a maioria dos homens de sua época com sua capacidade retórica e de escrita,¹⁴⁷ e, segundo Peter Dronke, as primeiras cartas de Heloísa foram mais importantes que a própria *História Calamitatum* redigida por Pedro Abelardo.¹⁴⁸

Nesse sentido as autoras, Katharina Wilson, Glenda McLoed e Jane Chance, ao analisarem a retórica da Abadessa presente em sua obra, sugerem que Heloísa não só escreveu com requinte, mas que inclusive superou Abelardo, tornando-se sua mestra.

¹⁴³ IBIDEM. p. 18.

¹⁴⁴ IBIDEM. p. 16.

¹⁴⁵ IBIDEM. p. 17.

¹⁴⁶ FREEMAN, Elizabeth. **The public and private functions of Heloise's letters** *Journal of Medieval History*, 1997, Vol.23. p. 17.

¹⁴⁷ IDEM. Ibidem. p. 19

¹⁴⁸ DRONKE, P. **Las escritoras de la edad media**. Barcelona: Critica, 1995. p. 156.

Wilson e McLeod propõem uma analogia: a Correspondência seria um jogo tenso de palavras com dois fortes oponentes.¹⁴⁹ De forma geral, as duas autoras acima citadas pontuam as grandes diferenças entre a retórica do casal, segundo Wilson e McLeod, Abelardo tem uma postura estática, demonstra em sua obra a mesma posição arrogante de outrora, ocupa a posição de vítima, acusa a todos ao seu redor pelos seus infortúnios e por várias vezes compara-se aos Santos ou até a Cristo, assumindo uma posição de martírio.¹⁵⁰

Em contraste, a retórica de Heloísa é volátil.¹⁵¹ Segundo as autoras, a Abadessa demonstra uma grande humildade que é contrastante a arrogância de Abelardo. Heloísa se coloca no lugar de pecadora, e se compara a mulheres como Eva e Dalila. Sabemos que em verdade não é possível traçar um paralelo entre as duas personagens bíblicas e Heloísa, dessa forma, segundo as autoras, seria mais uma tática retórica da Abadessa para dissuadir seu oponente, mostrando mais uma vez que sua escrita foi mais eficiente em comparação com a do filósofo.¹⁵²

Para Chance, Heloísa se apropria da autoridade eclesiástica que por definição seria de Pedro Abelardo,¹⁵³ e defende que sua submissão ao marido seria uma espécie de “sedução epistolar,” um subterfúgio retórico pensado para tocar na masculinidade e no ego de Abelardo.¹⁵⁴ Para a referida autora, Heloísa educa Abelardo quando o faz se confrontar com seu próprio glossário.¹⁵⁵

Ou seja, além de Heloísa aplicar com perfeição a teoria epistolar, ela demonstra um domínio perfeito da retórica, sendo, inclusive, possível afirmar que ela pode ter superado seu mestre, como afirmam as autoras Wilson e McLeod:

Ela ganha esse debate e (metaforicamente) alcança seu status como uma *magistra* porque, como qualquer outro ambicioso e jovem acadêmico, ela aplica a seu argumento as mesmas fontes e muitas vezes as mesmas

¹⁴⁹ WILSON, Katharina; MCLEOD, Glenda. *Textual Strategies in the Abelard/Heloise Correspondence*. In: WHEELER, Bonnie. *Listening to the Heloise. The voice of a twelfth-century woman. The New Middle Ages. Palgrave Macmillan*. 2000. p. 122.

¹⁵⁰ IDEM. Ibidem. p. 124.

¹⁵¹ IBIDEM. p. 127.

¹⁵² IBIDEM. p. 125.

¹⁵³ CHANCE, Jane. *Classical Myth and Gender in the Letters of "Abelard" and "Heloise": Gloss, Glossed, Glossator*. In: WHEELER, Bonnie. *Listening to the Heloise. The voice of a twelfth-century woman. The New Middle Ages. Palgrave Macmillan*. 2000. p. 162

¹⁵⁴ IDEM. Ibidem. p. 163.

¹⁵⁵ IBIDEM. p. 175.

metodologias de seu professor, mas o faz de maneira mais precisa e persuasiva.¹⁵⁶

Porém, mesmo que Heloísa preencha os pré-requisitos sexistas da academia para que sua produção seja alvo de estudos, outra característica nos salta aos olhos durante nossa análise. Sua autoria é frequentemente questionada no meio acadêmico. Georges Duby, em seu livro *Idade Média, Idade dos Homens: Do amor e outros ensaios*,¹⁵⁷ obra datada da década de 1980, ao citar Heloísa, usa o termo “cartas atribuídas à Heloísa”, já na sua obra *As Damas do Século XII*¹⁵⁸ o autor menciona o debate de autoria, mas trata as cartas enquanto de autoria da Abadessa.

A autora Barbara Newman é uma importante referência devido ao seu posicionamento acadêmico. Newman destaca que questionar a autoria de Heloísa é uma clara tentativa de silenciar a voz feminina do período.¹⁵⁹ A autora refuta veementemente que as cartas da Abadessa sejam parte da obra de Abelardo e assegura que essa hipótese só faz com que se crie uma dimensão de romance e classifica essa posição enquanto uma análise misógina.¹⁶⁰

Durante as décadas de 1970 e 1980, os debates sobre a autenticidade das cartas, inclusive da *Historia Calamitatum*, se reascendem. A hipótese é que elas teriam sido escritas durante o século XIII, porém, esse debate perde força teórica.¹⁶¹ A análise das cartas da Abadessa durante esse período também foi relegada a um apêndice da história, sendo considerada pertencente à história das mulheres ou à história da sensibilidade.¹⁶²

Segundo a abordagem de Newman, Paul Zumthor seria o menos misógino dos autores a trabalhar com Heloísa, entretanto, condena sua postura de colocar a autoria da Abadessa como questionável.¹⁶³ Há autores que afirmam que a impossibilidade de Abelardo enxergar as cobranças da esposa só se explicaria se as cartas da Abadessa

¹⁵⁶ “She wins this debate and (metaphorically) achieves her status as a magistra because, like any ambitious young academic, she applies to her argument the same sources and often the same methodologies as her teacher but does so more accurately and persuasively. WILSON, Katharina; MCLEOD, Glenda. *Textual Strategies in the Abelard/Heloise Correspondence*. In: WHEELER, Bonnie. *Listening to the Heloise. The voice of a twelfth-century woman. The New Middle Ages. Palgrave Macmillan*. 2000. p. 122 – Tradução Livre.

¹⁵⁷ DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. Tradução: Jônatas Batista Neto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

¹⁵⁸ _____. *As damas do século XII*. Tradução: Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

¹⁵⁹ NEWMAN, Barbara. *Authority, authenticity, and the repression of Heloise*. *Journal of Medieval and Renaissance Studies*, Vol.22, 1992.p. 121.

¹⁶⁰ IDEM. *Ibidem*. p. 122.

¹⁶¹ IBIDEM. p. 123.

¹⁶² IBIDEM. p. 123.

¹⁶³ IBIDEM. p. 124.

fossem escritas por algum gênio literário, teoricamente após a morte dela.¹⁶⁴ A autora ressalta que também existe uma dicotomia entre os autores, como por exemplo, Benton¹⁶⁵, de sempre apresentarem Heloísa como sedutora X submissa.

A autora destaca novamente Benton e cita Robetson¹⁶⁶ enquanto pesquisadores misóginos. Benton afirma que Abelardo soube colocar as mulheres em seu devido lugar, além de, junto de Robetson, desdenharem da obra da Abadessa por supostos toques femininos. Para ambos os autores, a autoria da Correspondência é de Pedro Abelardo, mas com autorização e sugestões de Heloísa.¹⁶⁷

Uma análise rasa, porém importante ao nosso trabalho, é a de que Newman afirma que Heloísa foi abusada por Abelardo e que ele a seduziu propositalmente.¹⁶⁸ Barbara Newman nos explica que é necessário expor essa visão misógina da historiografia para acabar com visões construídas durante o século XIX. No que se refere à Heloísa, a autora destaca que muitas dessas teorias misóginas se explicam pela incapacidade dos historiadores em admitirem a autoria feminina do período medieval.¹⁶⁹

A partir do crescente aumento dos estudos voltados ao gênero, as pesquisas em torno da Correspondência ou da figura de Heloísa, como forma de resistência às análises misóginas que ainda são maioria entre a produção acadêmica, tomam corpo ao provar que Heloísa já era uma erudita reconhecida antes mesmo de conhecer Pedro Abelardo.¹⁷⁰ Segundo Pedro, O Venerável, em carta endereçada à Abadessa após a morte de Abelardo: “A mulher quem, mesmo envolvida nas obrigações do mundo, devotou todo seu esforço para o conhecimento das letras.”¹⁷¹

Ainda encontramos alguns questionamentos devido ao fato de Heloísa não ter publicado suas cartas em vida. Concordamos com Newman em desconsiderar essa hipótese sem muitos rodeios, pois a Correspondência foi escrita para o âmbito privado, isto é, Heloísa nunca teve intenção de publicá-las, embora esse fator não coloque em xeque a autoria da Abadessa. As cartas escritas por ela demonstram coerência histórica e com a *Historia Calamitatum*, além de possuírem recursos estilísticos únicos. Freeman

¹⁶⁴IBIDEM,p. 124.

¹⁶⁵ BENTON, John F. **Fraud, Fiction, and Borrowing in the Correspondence of Abelard and Heloise.**

¹⁶⁶ROBERTSON, D. W. Jr. **Abelard and Heloise (Crosscurrents in World History Series).** Hardcover. Jan 01, 1972.

¹⁶⁷ NEWMAN, Barbara. **Authority, authenticity, and the repression of Heloise.***Journal of Medieval and Renaissance Studies*, Vol.22, 1992. pp. 125 – 126.

¹⁶⁸IDEM.Ibidem.p. 126.

¹⁶⁹ IBIDEM. p. 128.

¹⁷⁰ IBIDEM. p. 128.

¹⁷¹ IBIDEM. p. 128.

afirma que a produção possui regras rígidas de escrita,¹⁷² enquanto Dronke afirma que as cartas são “íntimas e brilhantes” e que Heloísa usa de todos os recursos retóricos ao seu alcance para nos comover, tanto pelo seu conteúdo quanto pela sua arte literária.¹⁷³

A respeito de todas as informações apresentadas aqui sobre o debate da autoria de Heloísa, concordamos veementemente com Barbara Newman, quando defende que a historiografia produzida acerca da figura da Abadessa do Paraclete é misógina. Pesquisadores questionam incessantemente sua autoria, não consideram o comportamento autoritário e arrogante de Abelardo e, frequentemente, erigem seu trabalho ao redor da figura do filósofo, sendo Heloísa sempre uma coadjuvante. Segundo Peter Dronke, “podemos afirmar com certeza que não é dada nenhuma razão de peso para atribuir o restante da carta a ninguém que não seja a pessoa a que todos os manuscritos atribuem: Heloísa”¹⁷⁴

¹⁷² FREEMAN, Elizabeth. *The public and private functions of Heloise's letters*. *Journal of Medieval History*, 1997, Vol.23. p. 20.

¹⁷³ DRONKE, P. *Las escritoras de la edad media*. Barcelona: Critica, 1995. pp. 156 – 157.

¹⁷⁴ “podemos afirmar con seguridad que no se ha dado ninguna razón de peso para atribuir el resto de esa carta a nadie más que la persona a la que todos los manuscritos la atribuyen: Eloísa” IDEM. *Ibidem*. p. 199. – Tradução Livre.

CAPÍTULO 2: Amor e Violência nas Cartas de Heloisa de Argenteuil

2.1. Amor e casamento na França do século XII

O amor entre homens e mulheres durante o medievo difere em vários aspectos das concepções de amor que temos no presente. O casamento não era realizado por amor, que nem mesmo era incentivado após o matrimônio. É em um período muito particular, e apenas a partir da invenção do amor cortês, que podemos falar de uma noção de amor romântico entre homens e mulheres, entretanto esse amor ainda era uma forma de dominação do homem sobre a mulher. Todavia, entendemos que o pequeno debate a ser proposto a seguir, é relevante para pensarmos nas dinâmicas relacionas apresentadas em nosso documento, a Correspondência. No casamento, durante grande parte do período medieval, pouco foi considerado o amor entre os casais, seu interesse era essencialmente político, um acordo realizado entre duas grandes famílias com diversos interesses em seu entremeio.²⁰³ Em primeiro lugar, o casamento detinha toda uma ritualística que deveria ser rigidamente seguida para que se garantisse o sucesso no casamento. A negociação deveria ser realizada entre os homens das duas famílias, sendo raros os casos em que a mãe assumiu esse papel, ou seja, casamento era um assunto masculino.²⁰⁴ Jamais também poderia ser negociado entre os noivos, ou entre o noivo e o pai da noiva.

Segundo Carolina Gual da Silva, com os processos reformadores da Igreja, e, principalmente, no século XI, a Igreja Católica passa a olhar para a instituição do casamento de forma a tentar absorver o poder e o controle envolvidos no matrimônio.

Até o século XI, o casamento da nobreza era uma instituição predominantemente dominada pelas grandes famílias. As uniões eram estabelecidas, em sua grande maioria, pelos patriarcas, que casavam seus filhos com o intuito principalmente de formar alianças políticas, aumentar territórios e confirmar poder. (...) Mas foi durante o século XI e XII que diversos autores se dedicaram a refletir sobre a instituição do casamento na tentativa de explicar como se formava o laço matrimonial.²⁰⁵

Ou seja, o casamento dentro da nobreza funcionava como um mecanismo para manter, aumentar e administrar os bens familiares. Segundo a autora, apesar de ter existido um claro aumento do interesse dos autores sobre a temática do casamento, isso

²⁰³ DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios**. Tradução: Jônatas Batista Neto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011 p. 42.

²⁰⁴ IDEM. Ibidem. p. 34.

²⁰⁵ SILVA, Carolina Gual da. “**Até que a morte os separe**”: **O casamento cristão na Idade Média**. - São Leopoldo: Oikos, 2019. p. 42.

não significa que anteriormente a isso os autores e a Igreja não se preocupassem com a questão do casamento.

No livro “*Até que a morte os separe*”: *O casamento cristão na Idade Média*, a referida autora trabalha a partir de quatro autores e obras, Bucardo de Worms, e sua obra *Decretum*, Graciano e a obra *Concordia canonum discordantium*, com as decretais do Papa Alexandre III e com as obras de literatura cortês *Eric et Enide*, *Cligès*, *Lancelot* e *Ivain* de Chrétien de Troyes. Para este capítulo, dedicaremos com maior atenção às reflexões da autora sobre as obras de Graciano, Bucardo e do Papa Alexandre III. A de nossa leitura, percebemos o empenho cada vez maior da Igreja em transformar o matrimônio em um sacramento religioso.

Segundo Carolina Gual da Silva, para Bucardo de Worms, a esposa legítima era aquela que se casava virgem, com dote legítimo e entregue pelos pais aos seu esposo, aceita por ele e pelos paraninfos de acordo com o Evangelho em uma cerimônia pública, e que deveria permanecer com seu esposo pelo resto da vida.²⁰⁶ Para Bucardo, o casamento ainda não se configurava como um sacramento, e o laço sexual era de maior importância. Para o autor, o casamento só estava selado com a relação sexual na noite de núpcias. A importância das núpcias era tamanha que para Bucardo, se a esposa provasse que não tivesse tido relações sexuais com seu marido, seu casamento poderia ser anulado, e ela poderia casar-se com outro.²⁰⁷

Ainda segundo as análises de Gual da Silva, para Graciano, o matrimônio pode ser considerado como sacramento. Entretanto a autora alerta para que no momento de produção da obra, Graciano usou *sacramento* com o significado de mistério.²⁰⁸ O autor compartilhava das ideias de Bucardo referentes ao que fazia de uma mulher uma esposa legítima, e do que fazia do casamento um matrimônio legítimo. Porém, Graciano não colocava nas núpcias como fator essencial, e sim a vontade.²⁰⁹ Segundo Gual da Silva:

Porém, o autor não poderia eliminar completamente o lado sexual do casamento. Em primeiro lugar, como ele próprio lembrara em um dos seus *dicta*, se o ato sexual não fosse necessário, e apenas o consentimento de coabitação fosse suficiente, então irmãos poderiam se casar. ‘Se o consenso da coabitação faz o matrimônio, então o irmão pode contrair matrimônio com a

²⁰⁶ IDEM. IBIDEM. p. 43.

²⁰⁷ IBIDEM. p. 44.

²⁰⁸ IBIDEM. p. 47.

²⁰⁹ IBIDEM. p. 49.

irmã”. Portanto era necessário distinguir entre dois tipos de consentimento, o consentimento de coabitação e o consentimento à cópula.²¹⁰

Ou seja, para Graciano, o casamento começava com a promessa de casamento, e não com a sua consumação sexual, e por isso, é na vontade que reside a essência do matrimônio. Nas decretais do Papa Alexandre III, segundo Gual da Silva, encontramos o casamento já configurado enquanto um sacramento do catolicismo romano, bem como o caráter da vontade dos noivos pelo matrimônio abordado por Graciano melhor desenvolvido. A autora também analisou documentos produzidos pelo Papa Alexandre III. Segundo o texto aqui considerado, para o Papa, o casamento se iniciava com o consentimento. Como argumenta a autora:

“(…) para Alexandre III, podia-se considerar um casamento válido aquele em que a mulher “tenha sido próxima à idade, como décimo-primeiro ou por volta do décimo-segundo ano, e com seu consentimento, e com a vontade dos pais tenha feito sponsais e abençoada, e conhecida pelo mesmo homem. (...). Em primeiro lugar, a mulher deveria ter uma idade adequada. Além disso era necessário que ela tivesse consentido a união de livre vontade, que os pais tivessem sido favoráveis, que ela tivesse recebido a benção e, por fim, que tivesse tido relações sexuais com o esposo.²¹¹

Segundo Gual da Silva, o Papa Alexandre III também acreditava que havia uma diferença entre consentimento presente e consentimento futuro. Uma menina que foi prometida ainda bebê por seus pais para um esposo tem o direito de não se casar com este homem, pois não tinha idade mínima para consentir a união, entretanto, se o consentimento for presente, se a menina já tiver idade para consentir e consentir a união, mesmo que a cerimônia se realize no futuro, o laço não poderá ser desfeito, pois, para o Papa, o casamento se iniciava com o consentimento.²¹²

A partir dos argumentos de Gual da Silva, percebemos um esforço do Papa para proteger as meninas de casamentos indesejados ou casamentos antes da sua maioridade. Entretanto, como alertara Georges Duby, décadas antes, muitas vezes um sorriso tímido da menina já era compreendido como um sinal de consentimento. Segundo o autor:

Extrema precocidade dos *sponsalia*, cerimônia pela qual concluía-se o pacto entre duas famílias, o consentimento mútuo expresso e, quando a mocinha era jovem demais para falar, um simples sorriso de sua parte já servia como sinal suficiente de sua adesão. Mas igualmente

²¹⁰ IBIDEM. pp. 49 – 50.

²¹¹ IBIDEM. p. 53.

²¹² IBIDEM. p. 53.

precocidade das núpcias. A moral, o costume autorizavam retirar a criança a partir dos doze anos, do universo fechado, reservado na casa às mulheres, onde ela havia sido criada desde seu nascimento, para conduzi-la com grande pompa a um leito, para colocá-la nos braços de um velhote que jamais vira ou então de um adolescente pouco mais velho do que ela e que, desde ele próprio havia saído, por volta de seus sete anos, das mãos femininas, só vivera para se preparar para o combate pelo exercício do corpo e na exaltação da violência viril.²¹³

Dessa forma, como exposto na citação acima, a fragilidade da situação ainda permitia que meninas contraíssem matrimônio antes da sua maioridade, seja com um homem muito mais velho, ou com um menino quase da sua idade. Dentro desse modelo de casamento, tanto o homem quanto a mulher tinham obrigações muito bem delimitadas. O homem, independentemente de sua idade, ao casar, deveria tomar o papel de sênior, isto é, deveria tornar-se senhor de sua esposa e mantê-la sob suas rédeas.²¹⁴ Em contraponto, o papel da mulher dentro do casamento seria muito mais específico e complexo. A noiva recém-casada teria como primeira obrigação amar seu marido e se fazer amar por ele. Deveria honrar seus sogros e principalmente cumprir seu dever conjugal: a procriação.²¹⁵ Aqui vale ressaltar que, mesmo casada, a mulher deveria permanecer casta, ou seja, manter relações sexuais apenas com o intuito da procriação e jamais do prazer. A segunda obrigação é a que a mulher tem com Deus. O casamento no período tinha, portanto, dois pilares: a submissão ao marido, dono do corpo da esposa e a submissão a Deus, dono da alma da mulher.²¹⁶ Assim, a mulher nunca conseguia ser dona de si.

O amor entre os casais desse período é muito contido, principalmente o amor dos homens pelas mulheres. Segundo os teólogos, a mulher ama naturalmente, isso foi categorizado pelos homens da Igreja como algo perigoso, pois a mulher ama tanto o corpo do outro (leia-se filhos e marido) que esquece dos cuidados e amor com a alma. Segundo a autora Carolina Fortes, para os teóricos da Igreja, havia um grande problema nesse amor desmedido, pois o homem que amasse sua esposa na mesma intensidade poderia ser castigado com o ciúme e até mesmo a loucura. Segundo a referida autora:

²¹³ DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios**. Tradução: Jônatas Batista Neto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 35.

²¹⁴ IDEM, Ibidem. p. 33

²¹⁵ FORTES, Carolina C. **Os Atributos Masculinos das Santas na Legenda Aurea. Os casos de Maria e Madalena**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2003. p. 125.

²¹⁶ DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios**. Tradução: Jônatas Batista Neto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 37

(...). Não há dúvidas que o casal deve se amar reciprocamente, contudo a mulher devota a seu marido um amor perfeito, enquanto o marido deve amar a mulher moderadamente. Assim, o amor perfeito da mulher sugere que ela deva perder a dimensão da verdade, acreditando que tudo que seu marido faz e diz é superior ao que fazem e dizem todas as outras pessoas. Esse deslumbramento e falta de medida que concede a mulher era vetado terminantemente ao marido, pois seu amor não deve ser ardente, mas contido. (...) O homem deve amar com parcimônia, sem perder o controle de sua racionalidade e nunca deve se deixar levar pelo sentimento. O amor excessivo pela mulher é severamente castigado com o ciúme, a paixão e até a loucura. Adão, que, para não entristecer sua esposa Eva, desobedeceu ao Senhor, condenando a humanidade ao pecado eterno.²¹⁷

Apesar dos teóricos cristãos alocarem a mulher como naturalmente dada ao amor excessivo, segundo Carolina Gual da Silva, Graciano afirma que o amor excessivo entre o casal pode ocorrer de ambos os lados, e classifica que não era uma ofensa ao casamento, mas um vício humano, um pecado.²¹⁸ A nova literatura matrimonial produzida pela Igreja também contava com outras ofensas das quais também existiam penitências, entre elas citamos a fornicção, o adultério e as ofensas sexuais,²¹⁹ e destaca que apesar das penitências o que prevalecia na visão dos autores era a indissolubilidade do casamento²²⁰. Mesmo em casos de adultério, após o pagamento da penitência, era indicado que os esposos voltassem a viver maritalmente, ou caso contrário, se mantivessem castos para o resto da vida.

Acreditamos que seja importante para nosso debate citar também a literatura antimatrimonial, muito presente no início do cristianismo. Howard Bloch fala sobre a *molestiae nuptiarum*, que coloca o casamento como um sofrimento ao marido. Alicerçada numa percepção misógina, esses autores²²¹ colocaram a esposa como um aborrecimento, “as esposas são retratadas como briguintas, orgulhosas, exigentes, queixosas e tolas, além de incontroláveis, instáveis e insaciáveis.”²²²

O autor destaca que esta era uma tradição já existente na sociedade clássica, entretanto, frisa que ela se acentuou no mundo cristão ocidental: “onde as mulheres

²¹⁷ FORTES, Carolina C. **Os Atributos Masculinos das Santas na Legenda Aurea. Os casos de Maria e Madalena.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2003. p. 126.

²¹⁸ SILVA, Carolina Gual da. “**Até que a morte os separe**”: **O casamento cristão na Idade Média.** - São Leopoldo: Oikos, 2019.

²¹⁹ A autora referencia essas ofensas como sexo anal, sexo oral, sexo com prostitutas, sexo em dias santos, sexo durante a menstruação ou gestação.

²²⁰ Com exceção da consanguinidade, onde na maioria dos casos o casamento era dissolvido.

²²¹ Fílon Judeu, São Crisóstomo, São Jerônimo, Santo Agostinho entre outros.b

²²² BLOCH, R. Howard. **A misoginia medieval: e a invenção do amor romântico ocidental.** Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995. p. 24.

equivalem a um aborrecimento da fala inerente à vida cotidiana.”²²³ Este sofrimento estava muito ligado a fala da mulher, que segundo o autor, era comparada pelos autores a cacofonias de caldeirões e sinos.²²⁴ Ponto interessante é que muitos dos autores antimatrimoniais citados por Bloch, são citados como autoridades nas obras de Bucardo, Graciano e nas decretais de Alexandre III, como Agostinho de Hipona.

Mencionamos anteriormente nesse texto que, segundo Carolina Gual da Silva, para Bucardo, Graciano e o papa Alexandre III a virgindade era muito importante para um matrimônio legítimo, principalmente a virgindade da mulher. Sobre essa questão, percebemos uma divergência entre os autores trabalhados por Carolina da Silva e Howard Bloch.

Em nível individual, supõe-se, naturalmente, que uma virgem é uma mulher que nunca dormiu com um homem. De fato, muitas das imagens que cercam a virgindade centram-se na noção de uma integridade corporal que oferece retoricamente às mulheres desejosas de renunciar à sua sexualidade a promessa de escapar das consequências da Queda.²²⁵

Uma afirmação presente em nesses autores é a de que não há separação entre o corpo e a mente, desejo e o ato. Desse modo, para Jerônimo, uma virgem é uma mulher que nunca teve relações sexuais nem teve desejo de fazê-lo. Para Cipriano uma virgem é uma mulher que nunca foi desejada por um homem, segundo Tertuliano, o próprio olhar masculino já seria uma defloração de uma virgem. Ou seja, “uma virgem, em resumo era, é uma mulher que nunca foi vista por um homem”²²⁶

Bloch cita que a ideia da virgindade também ia além, ao afirmar que os Padres da Igreja não recomendavam nem banhos públicos de virgens maiores de idade onde elas vissem o corpo uma das outras, ou sequer que a própria mulher olhasse para seu corpo nu. Segundo Tertuliano uma virgem deixa de ser virgem a partir da possibilidade de que não o seja.²²⁷

A partir dessa leitura percebemos que essa visão sobre a virgindade era uma prerrogativa para a punição da mulher em casos de violência sexual, considerando que o olhar masculino já a torna uma não virgem. Mencionamos que os autores afirmam que o

²²³ IDEM. Ibidem. p. 24.

²²⁴ IBIDEM. p. 25.

²²⁵ IBIDEM. p. 126.

²²⁶ IBIDEM. p. 129.

²²⁷ IBIDEM. p. 130.

pecado não está só no ato, mas no desejo, e com esse argumento encontramos na obra de Graciano uma medida protetiva para mulheres vítimas de estupro.

As preocupações de Graciano, entretanto, iam além da definição do raptio e suas punições. Ele discutia também qual a situação da mulher que foi vítima de um estupro, se ela perdia sua pureza. A conclusão a que chegou é que sendo a pureza um estado da mente e não do corpo, ela não poderia ser destruída pela força. Logo, mesmo que alguém tivesse tido o corpo violado à força, a pureza da mente permanecia intocada. “A força é infligida no corpo, não no espírito”.²²⁸

O pecado está na intenção e não no ato,²²⁹ dessa forma, a mulher vítima de estupro não era culpada do ato de violência que sofrera. “(...) se uma virgem fosse violada, ela continuava sendo virgem na mente, o que tinha mais valor que a virgindade do corpo.”²³⁰ Da mesma forma, uma mulher casada que tenha sido violentada não era enquadrada como adúltera, pela mesma lógica. O pecador peca primeiro na alma, depois no corpo.

Para ilustrar essa questão, fazemos uso da literatura como exemplo da percepção e recepção desses discursos na sociedade, a partir das obras de Chrétien de Troyes, trovador do século XII e de Geoffrey Chaucer, trovador do século XV, ambos autores de literatura cortês. Nos contos *Eric et Enide*, *Cligès*, *Lancelot e Ivain* de Chrétien, todos os estupradores tiveram um fim de sofrimento, como uma morte violenta, enquanto, em contrapartida, as mulheres vítimas desses homens não. Já no *Physician's Tale* de Chaucer, a mulher vítima de estupro é punida com a morte por ter prejudicado a honra de seu pai. A partir desses exemplos, nos fica clara a associação com os autores anteriormente mencionados, bem como sua dicotomia ao tratarem do estupro. Para Chrétien, suas personagens não sofreram qualquer cobrança, pois o pecado está na alma, mas para Chaucer, uma virgem de verdade não deveria sequer ser vista por um homem, dessa forma, é justa a punição da personagem pela mancha na honra de seu pai. Pontuamos aqui que apesar de Chaucer não fazer parte do recorte cronológico de nosso trabalho, podemos perceber as continuidades dessas concepções ao longo da história.

Apesar do respeito à esposa ser defendido pelos homens medievais, considerando que a mulher também fazia parte do plano de Deus, essa concepção de respeito e amor

²²⁸ SILVA, Carolina Gual da. “Até que a morte os separe”: O casamento cristão na Idade Média. - São Leopoldo: Oikos, 2019. p. 102.

²²⁹ HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 102.

²³⁰ SILVA, Carolina Gual da. “Até que a morte os separe”: O casamento cristão na Idade Média. - São Leopoldo: Oikos, 2019. p. 102.

conjugal estava diretamente marcada pela misoginia ensinada aos meninos desde os sete anos, período em que eles saíam da tutela da mãe para se tornarem guerreiros. O amor à mulher é considerado perigoso, sendo cerceado ao jovem em formação para que ele possa ser um bom senhor de sua esposa e mantê-la sob vigilância, controlando sua natureza maléfica e ensinando-a a ser boa. Dessa forma, podemos afirmar que a sociedade ocidental medieval foi homo afetiva, concebendo que apenas o amor e a lealdade entre os homens fora incentivado.

A partir do século XII emerge no cenário europeu uma nova forma de amor, o Amor Cortês, forma característica da literatura, principalmente na lírica trovadoresca, nascida principalmente do que os autores chamam de Renascença do Século XII. De maneira geral, o Amor Cortês se configurava como trovas de um jovem homem à sua Dama.

Reduzo, de partida, à sua expressão mais esquemática o modelo inicial correspondente ao amor chamado cortês, sem levar em consideração, os deslizamentos que o deformaram no curso do século XII. Eis o quadro: um homem, um “jovem”, no duplo sentido dessa palavra, no sentido técnico que tinha na época – isto é, um homem sem esposa legítima -, e, depois no sentido concreto, um homem efetivamente jovem, cuja educação não havia sido concluída. Esse homem assedia, com a intenção de tomá-la, uma dama, isto é, uma mulher casada, portanto inacessível, inconquistável, uma mulher cercada e protegida pelos interditos mais estritos erguidos por uma sociedade baseada em linhagens cujos fundamentos eram as heranças transmitindo-se por linhagem masculina e que, conseqüentemente, considerava o adultério da esposa como a pior das subversões e ameaçava com castigos terríveis o seu cúmplice. Portanto, no próprio coração do esquema, o perigo. Em posição necessária. Isso porque, por um lado, todo o picante do assunto vinha perigo afrontando (os homens dessa época julgavam, com razão, mais excitante caçar uma mulher madura do que a inexperiente) e porque, por outro lado, tratava-se de uma prova no curso de formação contínua e, quanto mais perigosa a prova, mais ela era formadora.²³¹

O autor Georges Duby propõe que, para além da literatura, o Amor Cortês é uma forma de jogo pedagógico para civilizar o homem, o qual ele chama de justa amorosa.²³² Segundo o autor. “(...) a justa amorosa opõe dois parceiros desiguais, um dos quais, por natureza, está destinado a cair. Por natureza. Física. Pelas leis naturais da sexualidade.”²³³

²³¹ DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios**. Tradução: Jônatas Batista Neto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 69.

²³² IDEM. *Ibidem*. p. 70.

²³³ IBIDEM. p. 70.

A função da Dama era se mostrar inatingível e casta, mas também de fomentar o ardor dos jovens, apreciá-los (com moderação) a partir de suas virtudes, arbitrá-los e coroar o melhor.²³⁴ Nesse jogo, o jovem deveria adquirir domínio sob seus impulsos, tornando-se – se necessário – submisso,²³⁵ pois esse jovem encontra imenso prazer na humilhação que causa a obediência à dama.²³⁶ Duby também fala dos usos políticos do Amor Cortês enquanto dispositivo de controle do príncipe. O autor explica isso relacionando as normas desse amor delicado com as virtudes da vassalagem.

Nilton Pereira elucida que o fenômeno do Amor Cortês foi um episódio diretamente ligado às questões sociais e culturais vivenciadas a partir do século XII e que não é suficiente analisarmos a questão apenas no âmbito literário, mas também no social.²³⁷ O século XII foi um período de intensas transformações sociais. Em primeiro lugar, podemos destacar o contexto de Reforma Gregoriana, que culminou em uma reestruturação nos pilares dogmáticos do catolicismo. Em segundo lugar, vemos a emergência das cidades. Com esse novo advento, temos cada vez mais pessoas saindo dos domínios feudais para a nova reestruturação social que a cidade propôs. O comércio monetário volta a figurar no cotidiano, as Universidades nascem como centros de questionamentos e erudição. A Igreja, preocupada com essa nova forma social emergente, também arquiteta novas formas de controle social, como veremos com as ordens pregadoras, principalmente a partir do século XIII:

O século XII: a aurora das cidades. Elas parecem se proliferar independentemente dos limites feudais e das circunstâncias históricas; constroem novos contextos e escrevem, numa palavra, uma nova história, criando um novo cenário que emerge dos escombros da história e contra ela se volta: é a sina da corrente exuberante e avassaladora do Eterno Retorno.²³⁸

Essas condições que levaram a uma abundância de conhecimento e criatividade²³⁹ foram propícias para os filósofos e também para que Pedro Abelardo fizesse seu gênio.

²³⁴ IBIDEM. p. 74.

²³⁵ IBIDEM. p. 75.

²³⁶ PEREIRA, Nilton Mullet. *Finamour: as condições de existência no mundo medieval*. IN: ALMEIDA, Cybele Crossetti; TEIXEIRA, Igor S. *Reflexões sobre o medievo III. Práticas e Saberes no Ocidente Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 90.

²³⁷ IDEM. Ibidem. p. 120.

²³⁸ PEREIRA, Nilton. *A Cidade, o filósofo e a mulher: em nome de Deus*. 2006, p. 43. (Cadernos IHU em formação, 11).

²³⁹ _____. *As condições de existência no mundo medieval*. IN: ALMEIDA, Cybele Crossetti; TEIXEIRA, Igor S. *Reflexões sobre o medievo III. Práticas e Saberes no Ocidente Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 76

Abelardo não fora apenas importante para a filosofia, mas também para Paris,²⁴⁰ questão que traz grande dualidade à sua figura. Em primeiro lugar, devemos lembrar que Paris era uma cidade episcopal e com grande fluxo de riqueza e cultura erudita,²⁴¹ razão pela qual Abelardo era atacado e, também, defendido. Atacado por trazer debates filosóficos e teológicos além de jogatinas e beberagens, mas defendido por elevar o nome da cidade no cenário intelectual.²⁴²

Toda uma série de controles e jurisdições são impostos ao espaço da cidade por parte da Igreja, a tentar manter a ordem e combater as fornicações, os jogos, os taverneiros, os agitadores e, quem sabe, o filósofo Abelardo.²⁴³

Pereira nos fala que Abelardo é a primeira grande figura dessa modernidade. Filósofo, professor e padre, foi talvez o único dentro dessas categorias a não situar o pecado original na concupiscência.²⁴⁴ Para o autor, Abelardo foi uma genuína invenção do século XII e já possuía essa forma sensível próxima às noções do Amor Cortês.

O Amor Cortês foi profano e independente. Reclamou um amor mais humano que tinha por prerrogativa transformar o homem em algo mais nobre. Segundo Pereira.

O objetivo foi construir um amor verdadeiro, fino, bom e puro. É claro que o ato carnal tornava o amor conjugal “venal utilitário”, mas isso não quer dizer que os trovadores pregassem a completa abstinência sexual, ao contrário.²⁴⁵

Ou seja, o que era negado era a forma utilitária da relação sexual. Por essa razão é que o Amor Cortês vai negar o casamento e se configurar como uma maneira de amor adúltero.²⁴⁶

Ele não consistia em uma união amorosa. Casamento e amor eram naturezas diversas: para os trovadores, o casamento torna o amor

²⁴⁰ IDEM. Ibidem. p. 77.

²⁴¹ SENNETT, Richard. **Carne e pedra**. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997. P. 150.

²⁴² PEREIRA, Nilton Mullet. **Finamour: as condições de existência no mundo medieval**. IN: ALMEIDA, Cybele Crossetti; TEIXEIRA, Igor S. **Reflexões sobre o medievo III. Práticas e Saberes no Ocidente Medieval**. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 77.

²⁴³ IDEM. Ibidem p. 77.

²⁴⁴ Segundo Pereira, Abelardo não considerava o pecado original no ato sexual em si.

²⁴⁵ PEREIRA, Nilton Mullet. **Finamour: as condições de existência no mundo medieval**. IN: ALMEIDA, Cybele Crossetti; TEIXEIRA, Igor S. **Reflexões sobre o medievo III. Práticas e Saberes no Ocidente Medieval**. São Leopoldo: Oikos, 2013.p.81.

²⁴⁶ IDEM. Ibidem. p. 81.

utilitário, e a utilidade não faz parte da natureza do amor puro, do amor bom.²⁴⁷

Todos esses pontos aqui apresentados podem nos levar à interpretação de que o discurso cortês é referente às mulheres, ou, ainda, que houve uma ruptura com certos conceitos misóginos dentro das relações amorosas. Apesar das ressalvas, Nilton Pereira apresenta:

Penso, para concluir, que o amor cortês introduz no Ocidente medieval, como parte da grande revolução do século XII, uma novidade, como já venho argumentando desde o início, na sociedade medieval e, particularmente, nas relações entre masculino e o feminino. (...) o amor é revelador da virtude e do bem e torna a mulher parceira amorosa, mesmo que isso se restrinja aos escritos literários.²⁴⁸

Discordamos dessa concepção. Em primeiro ponto pelo que revela Geoges Duby:

Houve, de fato, a promoção da condição feminina mas, ao mesmo tempo, igualmente viva, uma promoção da condição masculina, de maneira que a distância permaneceu a mesma, e as mulheres continuaram sendo ao mesmo tempo temidas, desprezadas e estritamente submissas.²⁴⁹

A citação anterior faz referência ao fato de que, apesar de uma elevação do status feminino, as mulheres ainda não se encontravam em pé de igualdade em relação aos homens e ainda sofriam com todas as opressões presentes na sociedade medieval. Outra questão que deve ser levantada aqui é o fato de que não houve uma elevação da mulher em si, mas uma elevação de uma idealização da mulher a partir de concepções masculinas. Segundo Howard Bloch, o trovador é também um misógino. “Mesmo uma leitura bem superficial de *“Canvei La lauzeta mover”* deixa claro que a desaprovação do feminino espreita sob uma superfície da idealização cortês de mulher.”²⁵⁰ O autor continua afirmando que esse problema é só um dos quais ele usa para discordar que o discurso cortês é um discurso sobre o feminino.

(...) a lírica parece ter muito pouco a ver com as mulheres. Ao contrário, ela está mais vinculada à relação do poeta consigo mesmo do que à sua

²⁴⁷ IBIDEM. p. 89.

²⁴⁸ IBIDEM. pp. 101 – 102.

²⁴⁹ DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios**. Tradução: Jônatas Batista Neto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 71.

²⁵⁰ BLOCH, R. Howard. **A misoginia medieval: e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995. p. 185.

relação com os outros. (...) mas o olhar é dirigido menos para a mulher do que para o reflexo do homem nos olhos dela.²⁵¹

Mesmo partindo de uma análise de um texto produzido por uma trovadora (*trobairitz*) é difícil encontrar um discurso sobre o feminino. Houve um jogo de máscaras que escondeu muitas percepções e que nos impossibilita uma interpretação. Uma poeta poderia estar usando um eu lírico masculino ou vice-versa.²⁵²

2.2. Violências na Idade Média

Para falarmos em violência medieval, primeiro temos que estabelecer algumas prerrogativas a fim de não corroborar com o senso-comum de que a medievalidade era violenta por excelência ou que foi a época mais violenta de nossa história. Segundo Néri de Barros Almeida e Cybele Crossetti de Almeida, a Idade Média não foi nem mais nem menos violenta do que qualquer período de nossa história. Para Cybele de Almeida, existe um denominador em comum que podemos traçar entre a violência medieval, e a violência de outras temporalidades: a injustiça e a desigualdade. É atenta para que a violência também é um fator constitutivo de nossa identidade.²⁵³

Segundo Néri Almeida, não há uma época em que a sociedade não tenha conhecido a violência, entretanto, um imaginário criado da Idade Média a coloca como uma época especialmente violenta, repleta de guerras e conflitos sangrentos.²⁵⁴ Segundo a referida autora, existem duas possibilidades de abordar a temática:

Há duas formas de abordar a violência na Idade Média. Uma com a qual temos maior familiaridade consiste em estudar o que entendemos como fatos de violência guerreira em um meio que se pressupõe ser uma sociedade guerreira, ou seja, onde a violência institui e promove a reprodução das formas políticas, econômicas e sociais. Outra maneira consiste em colocar em questão o lugar que lhe foi destinado como fator explicativo geral de primeiro plano e analisar os fatos de violência juntamente com seu contexto, o que consiste fundamentalmente em

²⁵¹ IDEM. Ibidem. p. 185.

²⁵² RÉGNIER-BOHLER, Danielle. **Vozes literárias, vozes místicas**. In: DUBY, Georges; KLAPISCHZUBER, Christiane. **História das Mulheres no Ocidente** - Vol. II. Porto: Afrontamento, 1993-1995 p. 528.

²⁵³ ALMEIDA, Cybele Crossetti. **Violência, o outro nome do poder? A título de introdução**. In: **Violência e Poder: reflexões brasileiras e alemãs sobre o medievo e a contemporaneidade**. / Org. Cybele C. de Almeida .. (et al.) - Porto Alegre : DM, 2017. p. 20.

²⁵⁴ ALMEIDA, Néri de Barros. **Violência e Paz: um diálogo com o passado medieval**. In: **Violência e Poder: reflexões brasileiras e alemãs sobre o medievo e a contemporaneidade**. / Org. Cybele C. de Almeida .. (et al.) - Porto Alegre : DM, Porto Alegre, 2017. p. 28.

valorizar a documentação as formas sob as quais são apresentados seus dados e o enredo que estão inseridos.²⁵⁵

Segundo Almeida, a iconografia da época demonstrava um poderio bélico pouco desenvolvido, além de pouco útil para o combate. As grandes espadas que se tornaram símbolo da violência no nosso imaginário sobre o medieval, eram mais utilizadas em cerimônias como as investiduras. Portanto, para o medievo, a espada estava mais ligada a uma representação de poder do que de violência.²⁵⁶ A autora também explicita que a violência extremada, como guerras e conflitos armados era evitada, havendo uma prerrogativa de negociações e demonstrações de poder a fim de evitar esse tipo de fim.²⁵⁷

Almeida também cita que esse imaginário se constituiu a partir de uma visão de Idade Média exótica, e trabalhar a violência medieval acarreta, segundo a autora:

Discutir a violência medieval também afeta dois paradigmas prestigiosos: o da Idade Média bárbara e aquele da Idade Média feudal. Nos dois casos temos uma Idade Média irracional, movida por imperativos básicos de sobrevivência que, sem o amparo de formas políticas complexas (não egocêntricas) resultam em competição permanente.²⁵⁸

Em nenhum momento a autora sinaliza de que a violência guerreira não foi importante ou significativa, mas alerta que os pesquisadores e pesquisadoras devem considerar sempre até onde ela foi realmente significativa para a sociedade em questão. Sendo assim, devemos partir da prerrogativa de que o imaginário da Idade Média violenta provém de uma exotização e até romantização do período, e sempre conscientes que isto não passa de um senso-comum. Apesar da violência estar presente no período, apesar de guerras e conflitos sangrentos, não foi na Idade Média que tivemos grandes eventos violentos, como a escravidão africana, o genocídio americano, as guerras religiosas, as duas grandes guerras e o holocausto.

Dito isso, nos voltamos a pensar como se configurava a violência dentro do período medieval. Um ponto em comum que percebemos a partir dos autores selecionados para esse texto é o progressivo controle da Igreja sobre a violência, principalmente a partir do século X, e com mais força nos séculos XI e XII, a partir da consolidação da elite guerreira e da cavalaria como função. Em uma comparação que

²⁵⁵ IDEM. Ibidem. p. 30.

²⁵⁶ IBIDEM. p. 31.

²⁵⁷ IBIDEM. p. 32.

²⁵⁸ IBIDEM. p. 33.

estabelecemos aqui, a partir dos argumentos apresentados por Carolina da Silva sobre a sacralização do casamento, podemos traçar que tanto pelo casamento, quanto pela guerra, duas instituições poderosas no período, a Igreja tentou retirar o poder dos laicos, institucionalizando-as nos mesmos séculos. Dessa forma, podemos analisar a retirada de poder dos laicos sobre a violência e o amor como uma forma de controle social estabelecido pela instituição da Igreja Católica.

A violência no Cristianismo Primitivo tem um lugar bastante específico. Era proibida. Pois a ordem divina era clara: não matar. Segundo Jean Flori:

Os cristãos dos primeiros séculos adotam, por sua vez, essa atitude de não-violência. Eles a aplicam também na área do serviço militar, rejeitado pela maior parte dos grandes eclesiásticos até o século III. (...). Essa posição radical à guerra e ao serviço militar é expressa mais nitidamente ainda em Hipólito de Roma, na primeira metade do século III. Ele anuncia claramente a regras a seguir: nenhum cristão deve se tornar soldado. Se ele o fizer, é preciso excluí-lo da comunidade de fiéis, expulsá-lo. (...) contrariamente à atitude mais tolerante iniciada por Joao Batista e retomada por São Paulo, ele não admite que um soldado que se tornou cristão permaneça no exército.²⁵⁹

Alain Demurger também trata do assunto expondo que ao princípio, a Igreja não tratava sobre a violência a não ser para condená-la. Desse modo, podemos concluir que a guerra e a violência eram um assunto dos laicos. Segundo Flori, a partir do século X, o vácuo de poder monárquico possibilitou o progressivo controle da Igreja sobre a guerra.²⁶⁰ Processo que muitos autores chamam de *anarquia feudal*.

Os dois autores anteriormente citados vão colocar em início do processo de sacralização da violência como uma medida da Igreja de frear a violência guerreira e o caos que o fim do império Carolíngio legou a Europa. Segundo Demurger:

O movimento da Paz de Deus, surgido no final do século X, já ia nesse sentido. Não resultou de uma iniciativa pontifícia, mas sim dos bispos, mais precisamente de certos bispos de regiões bem precisas, as do Centro e Sul da França. Os bispos foram apoiados – o que não foi suficientemente enfatizado – pelos príncipes territoriais, o duque da Aquitânia, por exemplo. (...) A Paz de Deus queria proteger da violência cavaleiresca, colocando-os sob a salvaguarda da Igreja, os “pobres”, isto é, nessa época, todos aqueles incapazes de se defenderem sozinhos

²⁵⁹ FLORI, Jean. **A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo : Madras, 2005. pp. 128 – 129.

²⁶⁰ _____. **Guerra Santa: formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. p. 67.

porque não estavam armados: clérigos, camponeses, comerciantes, mulheres.²⁶¹

Posteriormente a Paz de Deus encontramos a Trégua de Deus, que eram proibições de conflitos violentos em dias Santos e de quinta-feira a domingo. Entretanto, apesar dos movimentos de paz, também encontramos um debate sobre a violência legítima e ilegítima. Segundo Demurger: “A violência era efetivamente justificada se posta a serviço do Bem, da paz, da Igreja.”²⁶² Ou seja, a violência e a guerra eram justas se fossem contra aqueles que atentavam contra as ordens de paz da Igreja. Aqui usamos o conceito de Teologia da Guerra apresentado por Jean Flori.²⁶³

Segundo Demurger:

Dois domínios eram assim delimitados: o da violência ilegítima exercida contra inocentes por cupidez e busca da glória vã – guerras privadas, vinganças, saques – e o da violência legítima exercida por uma autoridade pública, rei, príncipe ou, em caso de omissão da autoridade pública, bispo, papa.

Entretanto, apesar de Flori e Demurger compartilharem muito de suas ideias e análises, percebemos que em Jean Flori existe uma diferença entre o livro *A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média* e em *Guerra Santa. Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. No segundo livro, publicado em 2013, o autor trabalha essa questão de forma mais profunda, realizando retoques a principal corrente que diz que a Paz de Deus e a Trégua de Deus estava somente preocupado com as vítimas da violência guerreira.

Segundo Flori, o/a pesquisador/pesquisadora não pode ser ingênuo de acreditar somente que a Igreja estava preocupada em proteger os mais fracos.

As primeiras assembleias de paz uniram a Igreja à alta aristocracia da Aquitânia, e não foram dirigidas contra ela. Não resultaram de um clima social de natureza revolucionária, e por certo é abusivo concluir a partir da presença das relíquias e dos monges entre as multidões que houve uma aliança, mesmo que “objetiva”, entre Igreja e o “povo”.²⁶⁴

²⁶¹ DEMURGER, Alain. **Cavaleiros de Cristo: Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras ordens militares na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002. p. 19.

²⁶² IDEM. Ibidem. p. 20.

²⁶³ FLORI, Jean. **Guerra Santa: formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

²⁶⁴ IDEM. Ibidem. p. 70

O autor também sinaliza que não podemos deslegitimar totalmente a pressão popular para que a Paz de Deus acontecesse,²⁶⁵ todavia, é preciso também demarcar que a Igreja estava mais preocupada em proteger seu patrimônio do que a vida de camponeses.²⁶⁶ Flori também trata com atenção a questão de que o vácuo de poder foi o gerador das conturbações e da violência após o fim do império Carolíngio. “Portanto, é exagerado vincular o aparecimento da Paz de Deus apenas a suposta ausência de poder central”²⁶⁷ Apesar da violência e o controle da violência não estarem ligados a um aparelho estatal, existia um controle regional forte, com costumes senhoriais com *status* de lei,²⁶⁸ além de uma crescente dominação da Igreja Católica sobre essas questões. Uma regulamentação realizada pela maior e mais poderosa instituição do período na Europa Ocidental, não significa em nenhuma hipótese a falta de um controle centralizado tanto sobre a violência quanto sobre a cavalaria.

Como mencionado anteriormente, apesar do Cristianismo Primitivo pregar a paz entre os cristãos, apesar da sacralização da violência pela Igreja Católica ter ocorrido a partir do século X, encontramos ainda assim, a violência presente na doutrina cristã, a partir da violência dos Santos. Sobre isso, Jean Flori, comenta que apesar dos santos, que em vida, em grandes casos negaram a violência, e muitas vezes foram martirizados justamente por sofrerem atos violentos sem revidar, eram usados para realização de milagres que estavam repletos de violência.

Os milagres de glorificação eram geralmente atos gratuitos que tinham por objetivo obrigar a respeitar as relíquias de um santo, realçar seu prestígio impor sua vontade: no entanto, alguns deles diziam respeito ao nosso tema porque podiam levar o santo a demonstrações de poder que incluíam o uso da força; assim, o santo reivindicava e extorquia (frequentemente com violência ou pelo menos com ameaças) os objetos preciosos – especialmente joias – que ele cobiçasse mas que demorassem a lhe ser oferecidos; algumas vezes, pode-se falar de verdadeira extorsão. Tais milagres podem então ser classificados numa categoria que poderíamos chamar de “milagres de intimidação”, muito próximos dos “milagres de vingança” (...).²⁶⁹

Tais milagres estavam principalmente relacionados a manutenção dos bens eclesiásticos, e tinham como princípio causar medo a população, por isso, provavelmente

²⁶⁵ IBIDEM. p. 70.

²⁶⁶ IBIDEM. p. 76.

²⁶⁷ IBIDEM. p. 71.

²⁶⁸ IBIDEM. p. 71.

²⁶⁹ IBIDEM. p. 112.

esses milagres tenham sido divulgados pelos próprios monges. Flori coloca a cruzada enquanto processo final da sacralização da violência. Se outrora a Igreja era vítima da violência guerreira, com sua institucionalização e sacralização, a cruzada significa o ponto final onde a Igreja consegue colocar a cavalaria e a guerra a seu serviço.²⁷⁰

Pensar amor e violência na Correspondência escrita por Heloísa de Argenteuil e Pedro Abelardo é pensar em uma forma de violência bastante específica: a violência de gênero. Dessa forma devemos também esclarecer que a Idade Média foi uma época misógina, entretanto, não podemos de forma alguma colocá-la como a época mais misógina de nossa história. Da mesma forma que existiam mecanismos de opressão e violência sexista no medievo, percebemos que existiram da mesma forma em outras épocas e ainda existem no presente. Segundo Howard Bloch é impossível para que nós, historiadores e historiadoras, traçar um início da cultura misógina no mundo ocidental²⁷¹, pois ela está impregnada no ocidente desde muito tempo.²⁷²

Dessa forma, se faz interessante pensarmos também o lugar da mulher na sociedade medieval. A mulher era vista como incapaz intelectualmente, com inteligência inferior à masculina. Por outro lado, elas seriam sorrateiras e perigosas, motivo pelo qual deveriam sempre estar sob a tutela de um homem: seu pai, seu irmão, seu marido, seu filho, ou na falta dessas opções, um convento. A fala da mulher era censurada, pois sua palavra poderia levar o homem ao pecado e à perdição. Acreditava-se, assim, que a mulher seria o verdadeiro instrumento do demônio na terra para corromper a alma genuinamente boa do homem, pois Eva, a mulher responsável pelo primeiro pecado, denominado “original”, aquele que expulsou o homem do paraíso, graças à sua incapacidade intelectual, acreditou na cobra e com sua fala perigosa, levou Adão a cometer pecado. Na Idade Média, a concepção que se tinha sobre as mulheres era fortemente marcada por essa interpretação dos escritos bíblicos, justificando inclusive o argumento de que eram castigadas divinamente por sua natureza diabólica (como as dores do parto), além de necessitarem estar sob total vigilância masculina. Sendo assim, nos parece clara a razão pela qual as mulheres não tinham acesso aos estudos formais. Por

²⁷⁰ FLORI, Jean. **A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo : Madras, 2005. p. 137.

²⁷¹ Enfatizamos aqui que nossa análise parte do contexto ocidental, mas não pretendemos colocar as relações de gênero presentes nessas sociedades como universais. Para outras dinâmicas de gênero ver: OYÈWÙMI, Oyéronké. **La invención de las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género**. Editorial en la frontera, Bogotá, Colombia, 2017.

²⁷² BLOCH, R. Howard. **A misoginia medieval: e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995. p. 23.

outro lado, considerava-se que não seriam capazes de aprender, e, por outro, acreditava-se que aquelas que o fossem, poderiam usar seu conhecimento para o mal. Tomás de Aquino, teólogo do século XIII, escreveu na sua obra, *Suma Teológica*, reflexões sobre o feminino. Para ele a mulher era um homem defeituoso, provavelmente com origem em algum vento frio durante a concepção, sendo ela inferior intelectualmente ao homem. O próprio Pedro Abelardo afirmou que o homem é a imagem de Deus e a mulher apenas a semelhança²⁷³, ou seja, a mulher está naturalmente em posição de inferioridade em relação ao homem. Semelhança porque não foi criada de Deus e sim de um pedaço do homem.

Principalmente a partir do século XII, criou-se uma nova “versão” de mulher. Seria ela simbolizada na figura de Maria Madalena, pecadora arrependida que, por meio de seu amor incondicional a Jesus, se tornou uma verdadeira penitente. Esse seria o modelo de “redenção” que as mulheres deveriam seguir: partindo do pressuposto que todas eram “Evas”, jamais chegariam a ter a virtude de Maria, mãe de Jesus, mas pelo menos, poderiam se arrepender e viver como Maria Madalena.

Segundo Howard Boch, existe também outra prerrogativa que justificava a misoginia na época. A versão jeovista da Criação.

Pois embora o *Gênesis* sacerdotal, que confirma a criação simultânea dos sexos e considera-os iguais, seja *anterior* à narrativa mais sexista de suas diferenças, é a chamada narrativa jeovista da Criação (*Gênesis* 2:7) que, ao menos culturalmente, foi apropriada de imediato o período patrístico e medieval.²⁷⁴

Segundo o autor, essa concepção irá marcar uma formação hierárquica falocêntrica da sociedade em questão. Se Adão foi criado do barro, e depois Eva criada a partir de Adão, logo o homem é o primário, a substância, e a mulher é o secundário, o divisível, o complementar. Dessa forma, em uma sociedade que coloca o gênero como um antagonismo, o homem é colocado como o universal, e a mulher como a diferença.

A partir dessa concepção também temos o homem alocado como a mente e a mulher como corpo. O homem é do domínio da razão, enquanto a mulher está no domínio dos sentidos.

²⁷³ DUBY, Georges. **As damas do século XII**. Tradução: Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 297.

²⁷⁴ BLOCH, R. Howard. **A misoginia medieval: e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995. p. 32.

A distinção entre mente e sentidos é certamente o fundamento de uma tipologia conjugal segundo o qual a mulher, o “corpo” do homem, é necessariamente subordinada a ele, assim como as paixões são subordinadas ao intelecto. Daí a repetida invocação – base do “código doméstico” – ao homem para governar a mulher, assim como a razão controla os apetites corporais.²⁷⁵

Sendo assim, tudo ligado a feminilidade é alocado como ornamento, e o ornamento era ligado diretamente ao pecado, no que Bloch fala da teologia da cosmética. “Se o desejo do homem pelo ornamento, ou por aquilo que é secundário, é análogo ao seu desejo pela mulher, isto é, porque a mulher é concebida como ornamento. Ela está, por sua natureza secundária, associada ao artifício da decoração”²⁷⁶ Dessa forma, o autor sinaliza que a única maneira de uma mulher salvar verdadeiramente sua alma era despir-se de toda sua feminilidade, ou seja, a mulher não era só Esposa de Cristo, ou só Portão do Diabo, nem mesmo poderia escolher ser uma ou outras, mas era ao mesmo tempo tanto Esposa de Cristo, quanto Portão do Diabo.²⁷⁷

2.3. Amor e violência na Correspondência

Para iniciarmos esse último tópico, acreditamos ser interessante expor primeiramente a história do casal a partir da *Historia Calamitatum*²⁷⁸, escrita por Pedro Abelardo. Pedro Abelardo (1079 – 1142) era filho de pai militar, que também apreciava as artes, sendo introduzido por ele nesses dois ramos. Abelardo, no entanto, preferiu os “livros” à espada.²⁷⁹ Ainda jovem, muda-se para Paris para aprender dialética com o mestre Guilherme de Champeaux. Segundo Abelardo, seria nesse ponto o início de seu infortúnio, pois seu grande talento chama a atenção e logo o jovem torna-se alvo de invejas.²⁸⁰ Através de sua fama e prestígio, consegue transferir sua escola para os arredores de Paris, na cidade de Corbeil. Contudo, problemas de saúde o obrigam a se afastar dos trabalhos e voltar para sua terra natal. Neste período Guilherme de Champeaux

²⁷⁵ IDEM. Ibidem. p. 39.

²⁷⁶ IBIDEM. p. 58.

²⁷⁷ IBIDEM. pp. 112 – 113.

²⁷⁸ A *Historia Calamitatum* seria uma carta escrita a um amigo que passava por grande sofrimento, entretanto, hoje os historiadores e historiadoras trabalham com a possibilidade de este amigo ser fictício, e que na verdade, Pedro Abelardo sempre teve a intenção de publicar a *Historia Calamitatum*. Para o autor Constat Mews, o amigo serve enquanto uma ferramenta literária. Ver: MEWS, Constant. *The Lost Love Letters of Heloise and Abelard Perceptions of dialogue in the twelfth century France. The New Middle Ages*. Palgrave Macmillan. 2008.

²⁷⁹ ABELARDO, Pedro. *Historia Calamitatum*. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 38.

²⁸⁰ IDEM, Ibidem. p. 38.

toma posse como arqui-diácono de Paris, vestindo o hábito entre os clérigos regulares.²⁸¹ Após sua recuperação, Abelardo volta para estudar retórica com seu mestre e obtém a cátedra de Guilherme de Champeaux na Escola Episcopal de Paris e, assim, reina como mestre da dialética.²⁸²

O conhecimento e a fama de Abelardo são inegáveis. Ele foi um gênio e isto é inquestionável, mas não foi apenas com seu conhecimento que Abelardo conquistou essa fama. Ela também vinha da sua beleza e de seu envolvimento com muitas mulheres, tanto casadas quanto prostitutas.²⁸³ Apesar de não permitir que mulheres assistissem às suas aulas²⁸⁴, estava sempre acompanhado delas.

É neste momento que surge Heloísa (1101 – 1164) enquanto figura de destaque na história. Ela, uma jovem com menos de vinte anos²⁸⁵, envolve-se com Abelardo. Heloísa era letrada, o que a diferenciava das mulheres da época, além de dominar conhecimentos em retórica e dialética. Após sua chegada em Paris, seu tio Fulbert, cônego da cidade, desejava que sua sobrinha continuasse com seus estudos. A figura de Heloísa: jovem, bela, letrada e de família nobre, despertou os desejos de muitos homens na cidade, causando o mesmo efeito em Abelardo. Seduzido pela possibilidade de tomar para si uma mulher virgem e com vasto conhecimento (impróprio para as mulheres da época), ofereceu seus serviços a Fulbert como professor de Heloísa. É importante frisar que toda a aproximação do casal se deu de maneira premeditada por Abelardo²⁸⁶, que desde o início desejava possuir Heloísa.

Segundo Constant Mews, o único responsável pela sedução foi Pedro Abelardo: “(...) o caso começou com um ato deliberadamente de sedução onde ele sozinho foi o único responsável”²⁸⁷ Segundo o autor Pedro Santidrián “(...) do professor inexperiente

²⁸¹ IBIDEM. p. 40.

²⁸² IBIDEM. pp 43 - 46.

²⁸³ DUBY, Georges. **As damas do século XII**. Tradução: Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 56.

²⁸⁴ ABELARDO, Pedro. *Historia Calamitatum*. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 47.

²⁸⁵ Segundo Constant Mews, não é possível dizer com exatidão a idade de Heloísa quando se envolveu com Pedro Abelardo. Heloísa era descrita como *Adolescentula*, ou seja, uma jovem mulher entre 16 e 18 anos, entretanto, segundo o autor, sua correspondência com Pedro, O Venerável faz sugerir que ele e Heloísa tinham cerca da mesma idade em 1116, ou seja, 20 anos, e Abelardo 37. Ver: MEWS, Constant. *The Lost Love Letters of Heloise and Abelard Perceptions of dialogue in the twelfth century France. The New Middle Ages*. Palgrave Macmillan. 2008.

²⁸⁶ ABELARDO, Pedro. *Historia Calamitatum*. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. pp. 47 – 48.

²⁸⁷ “(...) the affair as beginning with na act deliberate seduction for wich he alone was responsible.” MEWS, Constant. *The Lost Love Letters of Heloise and Abelard Perceptions of dialogue in the twelfth century France. The New Middle Ages*. Palgrave Macmillan. 2008. p. 32. – Tradução livre

mas consciente das armas que possui para apaixonar...”²⁸⁸ Ou como próprio Abelardo escreveu:

Ponderando todos os detalhes que geralmente atraem os amantes, pensei que poderia fazê-la minha, apaixonando-a, e me convenci que poderia fazer facilmente. Era tanto meu renome e tão notável minha juventude e beleza que não temia rechaço de nenhuma mulher a quem oferecesse meu amor. Acreditei que essa jovem atenderia mais facilmente a minhas exigências quanto era a segurança por seu amor e conhecimento das letras. (...). Tratei de me aproximar dela de uma forma cotidiana e amigável. (...) como se entregasse uma inocente cordeira a um lobo faminto.²⁸⁹

Durante as aulas, sempre foi notória a capacidade da jovem em debater os assuntos em pé de igualdade com seu professor. Conforme transcorriam as aulas, Abelardo mostrava-se mais incisivo em suas tentativas de sedução direcionadas à jovem, até o momento em que ela cede, encantada pela sabedoria, beleza e promessas de amor do professor.²⁹⁰ O relacionamento torna-se, com o passar do tempo, cada vez mais notório. Abelardo, que tinha talento para compor músicas e cantar, começa a colocar gradativamente o nome de Heloísa em suas canções.²⁹¹

A partir da gravidez de Heloísa, os ânimos se acirram. Heloísa foge vestida de freira a mando de Abelardo para a casa de sua irmã. Assim Fulbert descobre, teme pela honra da família. Com o intuito de evitar mais danos, o filósofo propõe a Fulbert um casamento em segredo com a jovem.²⁹² Posteriormente ao nascimento de Astrolábio, filho do casal, Abelardo obriga Heloísa a casar-se com ele. A jovem não pretendia se casar,

²⁸⁸“(…) del profesor inexperto pero consciente de las armas con que cuenta para enamorar...” SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 15. Tradução livre.

²⁸⁹Ponderando todos los detalles que suelen atraer a los amantes, pensé que podía hacerla mía, enamorándola. y me convencí que podía hacer fácilmente. Era tal mi renombre y tanto descollaba por mi juventud y belleza que no temía rechazo de ninguna mujer a quien ofreciera mi amor. Creí que esta jovencita accedería tanto más fácilmente a mis requerimientos cuanto mayor era mi seguridad de su amor y conocimientos por las letras. (...) traté de acercarme a ella en un trato diario y amistoso. (...) que si entregase a una inocente cordera a un lobo famélico. ABELARDO, Pedro. *Historia Calamitatum*. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. pp. 47 – 48. Tradução livre

²⁹⁰ “Abríamos los libros, pero pasaban ante nosotros más palabras de amor que en la lección. Había más besos que palabras. Mis manos se dirigían más fácilmente a sus pechos que a los libros” ABELARDO, Pedro. *Historia Calamitatum*. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 49

²⁹¹ DUBY, Georges. *As damas do século XII*. Tradução: Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. pp. 70 – 71.

²⁹² ABELARDO, Pedro. *Historia Calamitatum*. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 51.

mas acabou cedendo às pressões de Abelardo.²⁹³ Astrolábio fica sob a tutela da irmã de Abelardo, enquanto eles voltam a morar em Paris. Fulbert, que para tentar reparar a honra da família e da sobrinha, divulgou o casamento realizado em segredo. Mesmo que ambos negassem, o assédio de Fulbert foi tão grande que Abelardo acreditou ser mais seguro para a sua carreira retirar Heloísa da cidade, abandonando-a no mosteiro de Argenteuil.²⁹⁴

Agindo em forma de represália contra Abelardo, Fulbert orquestra a castração do filósofo como forma de reparação e justiça, já que acreditava que o filósofo abandonaria sua sobrinha.²⁹⁵ Abelardo então é castrado e Fulbert punido com o exílio²⁹⁶. Entretanto, é a jovem Heloísa quem recebe o maior castigo. Abelardo, no ápice de sua postura possessiva, ordena a Heloísa que siga com ele para a vida religiosa, pois, se ele não seria mais capaz de possuí-la e de tomar o prazer junto dela, não permitiria que ela o tivesse com outro homem.²⁹⁷ Contrariamente à sua vontade, novamente, Heloísa segue os desejos do amado e entra para a vida monástica (coisa que sempre abominou) e veste o hábito antes mesmo do filósofo.²⁹⁸

O Abade de Saint-Denys expulsa as religiosas de Argenteuil, reclamando a jurisdição do convento. Heloísa, então Priora de Argenteuil, e outras religiosas pedem abrigo junto a Abelardo²⁹⁹, que, posteriormente, constrói o Convento do Paraclito para elas. Pelo perigo da difamação em ter a ex-amante por perto, Abelardo é enviado a Saint-Gildas.³⁰⁰ Em virtude do distanciamento, é nesse contexto que ocorre a troca de cartas que analisaremos em seguida. Pedro Abelardo morre no ano de 1142 em Saint-Marcel e a Abadessa Heloísa em 1163, provavelmente no Convento do Paraclito. Atualmente estão sepultados lado a lado em Paris, no cemitério Père-Lachaise.

Nesse momento, partimos para uma análise da Correspondência a fim de encontrarmos tanto o amor quanto a violência presentes na documentação. Ressaltamos aqui a ênfase na análise nas cartas de Heloísa de Argenteuil.

Partimos do princípio de que a violência está presente tanto nas epístolas escritas por Heloísa, quanto na *Historia Calamitatum* escrita por Pedro Abelardo. Portanto, o fator

²⁹³ IDEM. Ibidem. p. 56.

²⁹⁴ IBIDEM. p. 56

²⁹⁵ IBIDEM. p. 57

²⁹⁶ DUBY, Georges. **As damas do século XII**. Tradução: Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013 p. 57.

²⁹⁷ IDEM, Ibidem. p. 66.

²⁹⁸ ABELARDO, Pedro. *Historia Calamitatum*. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p.59.

²⁹⁹ IDEM, Ibidem. p. 81.

³⁰⁰ IBIDEM. 87.

principal de violência que consideramos aqui é que o relacionamento entre o casal não foi uma história de amor.

Antes de iniciarmos nossa análise, faz-se importante introduzir alguns conceitos auxiliares. Segundo Franlet Castellanos e Martha Cifuentes, é necessário separar o conceito de amor do conceito de desejo para se pensar o relacionamento de Heloísa e Pedro Abelardo. Para os autores, segundo José Ortega Y Gasset desejo significa uma tendência de possessão, que se finda ao termos alcançado o objeto de desejo, já o conceito de amor seria como um “eterno insatisfeito”, ou seja, não acaba quando alcançamos o nosso objeto.³⁰¹

Esta polarização, no entanto, não é um produto da contemporaneidade, considerando que na antiguidade tínhamos o conceito de amor baseando em Ágape e Eros, onde Ágape significava o amor altruísta e Eros o amor mais narcisista ou egoísta, amor X desejo.

Para Ortega Y Gasset, segundo Sigmund Freud, essa tensão se torna necessária em um relacionamento amoroso/romântico, desde que haja um equilíbrio, pois satisfazer nossas necessidades é um movimento natural do ser humano.³⁰² Castellanos e Cifuentes introduzem também outro conceito importante: a pulsão. A diferença entre o conceito de pulsão e o conceito de amor reside na diferença onde na pulsão o objeto de desejo pode ser trocado, já no amor tudo gira em torno desse objeto³⁰³

Segundo os autores acima citados, para Jacques Lacan, o conceito de amor pode ser explicado a partir do imaginário, onde se busca completar uma carência, quando um completa o outro de forma harmoniosa, onde existe reciprocidade e não existem terceiros. Ou seja, segundo o autor, nos conceitos de amor e de pulsão existe reciprocidade, enquanto no desejo existe atividade, considerando que o objeto de desejo pode ser trocado.³⁰⁴

Outro ponto interessante de comentarmos antes de partirmos para nossa análise é a questão da linguagem utilizada pelo casal. Segundo Posa, Heloísa usa muito mais o termo *specialiter*, assim como também usa *amor* e *dilectio*³⁰⁵ em contraste, Abelardo usa

³⁰¹ CASTELLANOS, Franlet Rocio Araque; CIFUENTES, Martha Helena Gardeazábal. *Interjuego entre amor y deseo: Una aproximación al vínculo amoroso de Abelardo y Eloísa*. Universidad de La Sabana. p. 14

³⁰² IDEM. Ibidem. p. 15.

³⁰³ IBIDEM. p. 16

³⁰⁴ IBIDEM. pp. 21 – 22.

³⁰⁵ Segundo Carmel Posa, *dilectio* seria uma forma especial de *caritas*.

singulariter.³⁰⁶ A dimensão/conceito de amor de Heloísa é algo mais profundo, ela deseja tornar esse amor especial, unindo corpo e alma, já que o conceito *amor* está mais ligado a paixão carnal, enquanto o conceito de *dilectio* está mais próximo a paixão da alma. Ou seja, segundo a antropologia cristã, viver sem o corpo de Abelardo a deixava incompleta.³⁰⁷ Já a preferência de Abelardo pelo conceito de *singulariter*, denota a ênfase que o filósofo dá ao fato deles agora estarem separados.

Por fim, nos voltando a nossa análise, a partir da leitura das duas cartas escritas pela Abadessa do Paraclete, encontramos mais argumentos que sustentam nossa análise. Ao tomar conhecimento da *Historia Calamitatum*, Heloísa resolve se corresponder com o marido. Suas primeiras posições são de cobrança para com a postura relapsa e irresponsável de Abelardo em abandonar suas obrigações com o convento do Paraclete, revelando uma postura egoísta do filósofo.

Mas se pensas que estas mais obrigado a nós que somos amigas, amigas íntimas tuas, e a quem podes chamar, mais que companheiras, filhas ou qualquer outro nome mais Doce e santo que se possa imaginar. Ninguém pode te colocar em dúvida, e não se precisa provas ou testemunhos para mostrar o obrigado que estás a nós. Ainda que o mundo cale, os feitos gritariam. (...). Tua és, pois, é muito tua, esta nova plantação, nascida de um santo propósito, cujas as novas plantas necessitam frequentemente serem regadas para crescer. Pela natureza do sexo feminino, esta plantação é débil e delicada, ainda que não fosse nova. Por isso exige cuidado e atenção mais frequentes, segundo o Apostolo: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus fez crescer.” (...). Colocaste os teus em uma vinha estranha. Pensas se não consegue nada. Estas desperdiçando, em vão, as pérolas das palavras divinas com os porcos. Se arriskas tanto pelos rebeldes, pensas e reconsideras o que debes fazer pelos que te obedecem.³⁰⁸

³⁰⁶ POSA, Carmel. *Specialiter: he language of the body and bodies in the Letters of Heloise. Theology Papers and Journal Articles*. University Notre Dame Australia. 2005. p. 4.

³⁰⁷ IDEM. Ibidem. pp. 4 – 5.

³⁰⁸ “Pero piensas que estás más obligado con nosotras que somos amigas, e íntimas amigas, tuyas y a quienes se puede llamar, más que compañeras, hijas o cualquier otro nombre más Dulce y santo que se pueda imaginar. Nadie puede ponerlo en duda, y no se necesitan pruebas y testigos para demostrar lo obligado que estás hacia nosotras. Aunque todo el mundo callara, los hechos mismo gritarían.(...) Tuya es, pues, y muy tuya, esta nueva plantación, nacida de un santo propósito, cuyas tiernas plantas necesitan todavía para crecer de un frecuente y necesario riego. Por la misma naturaleza del sexo femenino, esta plantación es débil y delicada, aunque no fuera nueva. Por lo mismo, exige un cuidado y atención más frecuentes, según aquello Apóstol: “Yo plante, Apolo regó, pero Dios hizo crecer”. (...) Pones tus en una viña extraña. Piensas si no consigues nada. Estás desparramando, en vano, las perlas de la palabra divina a los puercos. Si arriesga tanto por los rebeldes, piensas y reconsidera lo que debes hacer por los que te obedecen” HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. pp. 97 – 99. Tradução livre

Após a clara cobrança de Heloísa em relação a Abelardo sobre sua postura a Abadessa evoca a dívida que o filósofo tem para com ela na posição de marido.

(...). Pensas em que forma tão particular és meu devedor. Se debes o comum a mulheres piedosas, justo que és que me pagues a minha dedicação, pois sou só tua. Deves saber que te encontras obrigado a mim por um laço tão forte, quanto mais estreita é a união do sacramento nupcial que nos une. O que te faz tão próximo de mim, o que é evidente a todos pelo amor sem limites que sempre te amei.³⁰⁹

Além de mestre espiritual, Abelardo é esposo de Heloísa, deve por obrigação instruí-la não apenas como Abadessa, mas como esposa. O filósofo não cumpre com suas obrigações, mostrando preocupar-se apenas com ele e não com sua companheira:

Tu sabes, meu amado – e todos também o sabem – muito que perdi ao te perder. E como a má fortuna – valendo-se da maior e por todos conhecida traição – me roubou a mim mesma ao furtar-me de ti. E sabes também, como minha dor por mim es incuravelmente menor, pela forma em que foi feito. Assim, pois, quanto maior a causa da dor, maiores devem ser os remédios para o consolo. Não certamente por nenhum outro, se não por tu mesmo. Se somente tu és a causa da dor, também há de ser tu o único capaz de dar-me a graça do consolo. Tu és o único capaz de entristecer-me e também o único que podes me trazer alegria e conforto.³¹⁰

Nesse excerto, percebemos forte dor de Heloísa pelos infortúnios do esposo e pela sua perda. “Ela ama por dois”³¹¹, diz Paul Zumthor. Concordamos com a citação, apesar de divergirmos da explicação. Segundo o autor, Heloísa ama por dois porque foi vaidosa e cedeu ao prestígio que esse amor a rendeu.³¹² Contudo, em nosso ponto de vista, ela ama por dois quando não sente apenas as suas dores, mas as do companheiro e quando não procura curar apenas as suas feridas, mas oferecer consolo a Abelardo:

³⁰⁹“(…) piensas en qué forma tan particular me eres deudor. Si te debes al común de las mujeres piadosas, justo es que me pagues a mí con más dedicación, pues soy sólo tuya. Has de saber que te encuentras obligado a mí por un lazo tanto más fuerte, cuanto más estrecha es la unión del sacramento nupcial que nos une. Lo que te hace tan cercano a mí, como es patente a todos por el amor sin límites con que siempre te amé.” IDEM. *Ibidem.* p.99. Tradução livre

³¹⁰ “Tú sabes, amado mío – y todos lo saben también – mucho que he perdido al perderte a ti. Y cómo la mala fortuna – valiéndose de la mayor y por todos conocida traición – me robó a mismo ser al hurtarme de ti. Y sabes también, cómo mi dolor por mí es incurablemente menor, por la forma en que se realiza. Así pues, cuanto mayor es la causa del dolor, mayores remedios se han de poner para llevar el consuelo. No ciertamente por ningún otro, sino ti mismo. Si tú sólo eres la causa del dolor, también has de ser tú sólo para darme la alegría del consuelo. Tú eres el único capaz de entristecerme y también el único que puedes traerme la alegría o la confortación” IBIDEM. pp. 99 – 100. Tradução livre

³¹¹ ZUMTHOR, Paul. **Correspondência de Abelardo e Heloísa**. – São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 11.

³¹² IDEM. *Ibidem.* 11.

Tu tens uma grande dívida que pagarei, precisamente no momento em que estou disposta a realizar o que tu mandes, pois não podendo ofender-te em nada, estaria disposta – se tu me mandas – a perder a mim mesma. Existe no entanto mais – ainda que estranhe dizê-lo – O amor me levou a tal loucura, que me arrancou o que eu mais queria e sem a esperança de recuperá-lo, pois obedecendo ao mesmo instante tua ordem, troquei meu hábito junto com meu pensamento.³¹³

A citação anterior de Heloísa pode ser entendida como uma exemplificação da personalidade e das atitudes orgulhosas e autoritárias de Abelardo. A Abadessa expõe claramente que seguiu sem questionar a toda e qualquer ordem de seu esposo. Nesse ponto, pode ser que algumas questões se confundam. Apesar de todas as prerrogativas misóginas que envolviam o casamento, ou mesmo as relações entre os gêneros, a mulher deveria ser respeitada (dentro dos limites da época) por fazer parte do plano de Deus e, além de tudo, a postura abusiva dos maridos não era regra entre os relacionamentos do período. Georges Duby nos traz um exemplo sobre isso. Gislebert, cônego de Mons, escreve sobre um jovem casal em núpcias nas décadas finais do século XII. Baudoin (futuro imperador de Constantinopla) tinha treze anos e sua noiva, Marie, doze anos. A noiva era entregue à devoção, vivendo quase como uma monja. Mesmo após as núpcias, Marie preferia viver enclausurada nas orações do que dividir o leito com o marido. Duby faz ressalvas sobre o peso social que essa atitude tinha no período, mas é categórico em afirmar o respeito de Baudoin pela escolha da esposa.³¹⁴

Em outra citação de Heloísa encontramos uma grande contradição sobre as concepções matrimoniais do período. “Querida te demonstrar com isso que eras o único dono de meu corpo e de minha vontade”³¹⁵ Segundo as normas do casamento, a mulher tinha dois senhores (Deus sobre a alma e o esposo sobre o corpo) e um jamais deveria invadir os domínios do outro, sendo obrigação da mulher a mediação dos espaços e dos ciúmes entre os “maridos”. Podemos interpretar essa infração da Abadessa às normas

³¹³“Tú solo tienes tan gran deuda que pagare, precisamente en el momento en que estoy dispuesta a realizar lo que mandes, pues no pudiendo ofenderte en nada, estaría dispuesta – si tú me lo mandas – a perderme a mí misma. Hay todavía más – aunque extrañe decirlo – El amor me llevó a tal locura, que me arrebató lo que más quería y sin esperanza de recuperarlo, pues obedeciendo al instante de tu mandato, cambié mi hábito junto con mi pensamiento.” HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 100. Tradução livre.

³¹⁴ DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. Tradução: Jônatas Batista Neto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pp. 40 – 41.

³¹⁵“Quería demostrarte con ello que tú eras el único dueño de mi cuerpo y de mi voluntad.” HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 100. Tradução livre.

matrimoniais do período como um receio em colocar outro homem acima de Abelardo, Tanto no sentido de provar seu grande amor, como também para seu subterfúgio retórico, e não invalidar seu próprio argumento na busca de reciprocidade.

Segue Heloísa:

Deus sabe que nunca busquei nada mais que a ti mesmo. Te querias simplesmente a ti, não as tuas coisas. Não esperava os benefícios do matrimônio, nem dote algum. Finalmente, nunca busquei satisfazer os meus caprichos e desejos, se não – como tu sabes – os teus. O nome de esposa parece ser mais santo e mais correto, mas para mim a palavra mais doce és a de amiga, e se não te incomoda, a de concubina ou meretriz. Tão mais grata seria a teus olhos e também causaria menos dano ao brilho da tua glória.³¹⁶

Como anteriormente citado, Zumthor afirma que Heloísa ama por dois por ser vaidosa com a fama que esse relacionamento a rendeu, o autor continua:

A vertigem dessa paixão e o esgotamento físico a que em breve conduz desviam Abelardo de seu ensinamento. Ele compõe canções de amor que logo se espalham pela cidade. Heloísa fica lisonjeada, como uma alta dama. Pequena jovem para quem o grande mundo cortês é o mundo da felicidade.³¹⁷

Percebemos a falta de correspondência entre a análise do autor e o excerto retirado da obra de Heloísa. A Abadessa afirma jamais ter amado o que Abelardo possuía ou o que representava, além de ser categórica em afirmar que sempre se posicionou em segundo plano na relação, onde o mais importante era satisfazer o companheiro, mesmo que para isso ela precisasse se submeter a situações degradantes.

A análise de Zumthor, ao defender o deslumbramento com um suposto prestígio social de uma jovem de mais ou menos 20 anos encobre o comportamento de Abelardo que, a essa altura, já tinha cerca de 40 anos. Corroborando com nosso argumento, apresentamos uma reflexão da Abadessa sobre o casamento:

³¹⁶“Dios sabe que nunca busqué en ti nada más que a ti mismo. Te quería simplemente a ti, no a tus cosas. No esperaba los beneficios del matrimonio, ni dote alguna. Finalmente, nunca buqué satisfacer mis caprichos y deseos, sino – como tú sabes – los tuyos. El nombre de esposa parece ser más santo y más vinculante, pero para mí la palabra más dulce es la de amiga y, si no te molesta, la de concubina o meretriz. Tan más grata sería a tus ojos y también causaría menos daño al brillo de tu gloria.” IDEM. Ibidem. p. 100. Tradução livre

³¹⁷ ZUMTHOR, Paul. **Correspondência de Abelardo e Heloísa**. – São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 11.

Não és mais digno um homem por ser mais rico e mais poderoso. Isto depende da fortuna, aquele da virtude. A mulher tem que compreender que se se casa com mais alegria com um homem rico que com um homem pobre e desejas a seu marido mais pelas suas posses que por ele mesmo, está mostrando ser uma mercadoria. Qualquer mulher que vá ao matrimônio com esta concupiscência merece um soldo, não gratidão. Se é notório que persegue as coisas, não ao homem e, se pudesse, se venderia a alguém rico.³¹⁸

Outro ponto ignorado por Zumthor, é que Heloísa realiza uma séria cobrança sobre a veracidade da versão apresentada por Pedro Abelardo na *Historia Calamitatum* sobre os argumentos dados por ela para justificar a recusa do matrimônio.

Tu mesmo não te esqueceste de todas essas provas na carta de consolo a teu amigo, ao que já me referi um pouco mais acima. Em nela não julgastes indigno expor algumas das razões que te dava para te dissuadir de um matrimônio desgraçado. Mas deixaste no tinteiro a maioria dos argumentos que eu te dei sobre o porquê preferia o amor ao matrimônio e a liberdade do vínculo conjugal. Deus é minha testemunha de que, se Augusto – imperador do mundo inteiro – quisesse honrar-me com o matrimônio e dar-me posse, preferiria ser chamada tua rameira, que sua imperatriz.³¹⁹

Segundo José Carlos Estêvão, Heloísa apresenta quatro motivos para se opor ao casamento, que foram negligenciados ou esquecidos por Abelardo. O primeiro motivo seria que Pedro Abelardo na posição de clérigo, pois detinha licença para ensinar, não era aconselhado ao casamento, embora não fosse proibido e Abelardo não tivesse realizado voto de castidade. O autor explica que nesse sentido se aplica a questão do orgulho, onde Heloísa não pretendia de forma alguma borrar a imagem de grande filósofo de Abelardo, e mesmo a dela, já que é possível que fosse aparentada ao poderoso clã dos Garlande ou da alta nobreza de Champagne.³²⁰

³¹⁸“No es más digno un hombre por ser más rico o más poderoso. Esto depende de la fortuna, aquello de la virtud. La mujer ha de comprender que si se casa con más alegría con un hombre rico que con un hombre pobre y quiere a su marido más por sus cosas que por él mismo, está mostrando ser una mercancía. Cualquier mujer que va al matrimonio con esta concupiscencia merece un sueldo, no gratitud. Se sabe que persigue las cosas, no al hombre y, si pudiera, se vendería al más rico.” HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 101. Tradução livre.

³¹⁹“Tú mismo no te olvidaste del todo de estas pruebas en la carta de consuelo al amigo, a la que me he referido un poco más arriba. En ella no juzgaste indigno exponer algunas razones que yo te daba para disuadirte de un matrimonio desgraciado. Pero dejaste en el tintero la mayoría de los argumentos que yo te di y en los que prefería el amor al matrimonio y la libertad al vínculo conyugal. Dios me es testigo de que, si Augusto – emperador del mundo entero – quiera honrarme con el matrimonio y me diera la posesión, preferiría ser llamada tu ramera, que su emperatriz.” IDEM. Ibidem. pp. 100 – 101. Tradução livre

³²⁰ ESTÊVÃO, José Carlos. *Abelardo e Heloísa*. Discurso Editorial; Paulus. 2015. p. 20

O segundo motivo apresentado por Heloísa, segundo o autor, seria que casar é submeter-se. E o homem casado deveria cumprir com uma série de compromissos conjugais: “Mais que de um filósofo, são palavras de um santo. Mais que a filosofia, são frutos de sabedoria, um santo erro e uma bendita mentira acontece entre os casados, quando o perfeito amor pode manter os laços íntimos do matrimônio (...)”³²¹ Ou seja, segundo Estêvão:

Os filósofos e os “santos”, isto é, os autores cristãos, são unanimemente contra o casamento porque ninguém pode dedicar-se igualmente à filosofia e a uma mulher. A filosofia é exigente e ciumenta, não admite qualquer concorrência. O casamento compromete a posição de Abelardo como filósofo.³²²

O terceiro motivo seria que não é possível concentrar-se no meio da bagunça de um lar, entre crianças, criadas e outras obrigações domésticas. Segundo Heloísa, os ricos estão livres disso, mas os filósofos não são ricos.³²³ E o último motivo seria o fato de que Heloísa não desejava que as pessoas ao seu redor insinuassem que ela seduziu propositalmente Abelardo afim de conseguir um casamento.³²⁴

Uma das queixas mais amargas de Heloísa é referente ao abandono por parte de Pedro Abelardo. Ela mostra-se consciente do fato de que foi abandonada pelo esposo, de que ele não cumpre com suas obrigações conjugais de direcionamento espiritual, e nem sequer busca saber como está a esposa. Inclusive no tempo que passaram juntos no Paracleto, Heloísa percebia que estava sendo negligenciada, preterida, esquecida. Ela confronta o marido afirmando que a única coisa que Abelardo sempre quis dela foi seu corpo.

Diga-me apenas uma coisa, se é que podes. Por que – depois de minha entrada na religião, que tu decidiste por mim – caí em tanto desprezo e esquecimento por tua parte, que, nem sequer te dignas a dirigir-me uma palavra de alento quando estás presente, nem uma carta de consolo em tua ausência? Diga-me, se és capaz, ou eu te direi o que penso e o que de verdade todos suspeitam. Te uniste a mim pela concupiscência mais que pela amizade, o fogo da paixão mais que o amor. Quando terminou o que desejavas, se esfumaçaram também todas as suas manifestações.

³²¹“Más que de un filósofo son estas palabras de un santo. Más que de la filosofía, son frutos de sabiduría, un santo error y una bendita mentira que se da entre los casados, cuando el perfecto amor puede mantener los lazos íntimos del matrimonio (...)” HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 101. Tradução livre

³²² ESTÊVÃO, José Carlos. *Abelardo e Heloísa*. Discurso Editorial; Paulus. 2015. pp. 20 – 21.

³²³ IDEM. Ibidem. p. 21.

³²⁴ IBIDEM. p. 21.

Querido, esta não é só minha opinião. Todos pensam assim: és uma opinião geral, não pessoal; pública, não privada.³²⁵

A citação acima corrobora com o argumento de que desde o início, Heloísa foi apenas o objeto de desejo de Abelardo, e não de amor. O próprio filósofo admite isso em sua *Historia Calamitatum*, segundo Castellanos e Cifuentes, no momento em que Abelardo consegue alcançar o seu objeto de desejo, começam também os conflitos e problemas, e diante de tudo, a força do desejo já não é suficiente.³²⁶ Da mesma forma, que corrobora que segundo os autores acima citados, Heloísa tinha consciência disso.³²⁷

Encaminhando-se para o final da sua primeira carta, Heloísa segue em seus argumentos de cobrança para com o marido.

Escutas, por favor, o que te peço: és coisa insignificante e fácil de fazer por tua parte. Já que me negas tua presença, dê-me, ao menos, a doçura de tua imagem, nem que seja através de tuas palavras tão abundantes, por outra parte, em ti. Não posso esperar que sejas generoso comigo em tuas obras, se vejo que és tão avarento com as palavras. Até agora me as havia prometido muito felizes esperando muitíssimo de tua parte, pois todo o fiz pensando em ti, inclusive agora me mantenho em mesma entrega a ti. Não foi a vocação religiosa que arrastou essa jovencinha a austeridade da vida monástica, mas sim tua ordem. Podes julgar por ti mesmo a inutilidade de meu trabalho, se não posso esperar algo de ti. Por isso não devo esperar nada de Deus, pois ainda não tenho consciência de ter feito nada por seu amor.³²⁸

Esse excerto se faz importante para dois pontos em nossa análise. Em primeiro lugar, Heloísa corrobora a versão apresentada por Pedro Abelardo na *Historia*

³²⁵ “Dime tan solo una cosa, si es que puedes. ¿Por qué – después de mi entrada en religión, que tú decidiste por mí – he caído en tanto desprecio y olvido por tu parte, que, ni siquiera te dignas dirigirme una palabra de aliento cuando estás presente, ni una carta de consuelo en tu ausencia? Dímelo, si eres capaz, o yo te diré lo que pienso y lo que de verdad todos sospechan. Te unió a mi por la concupiscencia más que la amistad, el fuego de la pasión más que el amor. Cuando terminó lo que deseabas, se esfumaron también todas as sus manifestaciones. Querido, ésta no es sólo una opinión mía. Todos piensan así: es una opinión general, no personal; pública, no privada.” HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 103. Tradução livre

³²⁶ CASTELLANOS, Franlet Rocio Araque; CIFUENTES, Martha Helena Gardeazábal. *Interjuego entre amor y deseo: Una aproximación al vínculo amoroso de Abelardo y Eloísa*. Universidad de La Sabana. p. 77

³²⁷ IDEM. Ibidem. p. 79.

³²⁸ “Escucha, por favor, lo que te pido: es cosa insignificante y fácil de hacer por tu parte. Ya que me niegas tu presencia, dame, al menos, la dulzura de tu imagen, siquiera a través de tus palabras tan abundantes, por otra parte, en ti. No puedo esperar que seas generoso conmigo en tus obras, si veo que eres tan avaro en las palabras. Hasta ahora me las había prometido muy felices esperando muchísimo de tu parte, pues todo lo hice pensando en ti e incluso ahora me mantengo en esta misma entrega a ti. No fue la vocación religiosa la que arrestó a esta jovencita a la austeridad de la vida monástica, sino tu mandato. Puedes juzgar por ti mismo la inútil de mi trabajo, si no puedo esperar algo de ti. Por esto no debo esperar nada de Dios, pues todavía no tengo conciencia de haber hecho nada por su amor.” IDEM. Ibidem. p. 103. Tradução livre

Calamitatum sobre a forma com que o casal ingressou na vida monástica. Em segundo lugar, pela forma bastante clara com que a Abadessa afirma ter seguido a todas as ordens do filósofo. É possível perceber também, a partir de nossa análise, que Heloísa espera o mínimo de cuidado, que, segundo as regras monacais, são obrigações de Abelardo com o convento que criou, em recompensa aos sacrifícios que ela realizou por ele, por ordem, por amor. Segundo Castellanos e Cifuentes, Heloísa deseja ser reconhecida, deseja ocupar um lugar especial no coração de Abelardo, precisa de reciprocidade para preencher o imaginário do amor.³²⁹ Segue Heloísa:

Te seguí a tomar o hábito quando tu perseguias a Deus, inclusive foste na minha frente (...) tu mesmo me colocaste o véu e tomou meus votos monásticos antes de te entregar a ti mesmo a Deus. Esse ato de desconfiança tua sobre mim – te confesso – me causou veemente dor e vergonha. Deus sabe que eu nunca duvidei em preceder-te em te seguir até as chamar do Inferno se tu te precipitavas e me mandavas. Minha alma não estava em mim, se não contigo. E agora mesmo, se não estás contigo não está em parte alguma. Tão verdade és, que sem ti não posso existir. Faz, pois que se encontre bem contigo, eu te suplico. E se te encontras propício, devolvas o favor, por favor, pouco por muito., palavras por ações.³³⁰

Essa citação, além de corroborar com a análise da anterior, nos traz um elemento importante, que reflete as características autoritárias e egoístas da personalidade do filósofo. Abelardo manda que Heloísa siga na vida religiosa, pois teve medo que a esposa seguisse sua vida com outro homem. Pelo que percebemos a partir da leitura das cartas da Abadessa, essa possibilidade jamais foi cogitada por ela. Entretanto, ela sente vergonha pelo esposo ter pensado que ela seria capaz de assim fazê-lo. Sente vergonha porque, apesar de todos os seus sacrifícios, nenhum foi suficiente para suscitar essa confiança em Abelardo. Ao findar a carta, Heloísa reitera sua cobrança, pedindo para que Abelardo a escreva e a excita ao amor de Deus e diz:

³²⁹ CASTELLANOS, Franlet Rocio Araque; CIFUENTES, Martha Helena Gardeazábal. *Interjuego entre amor y deseo: Una aproximación al vínculo amoroso de Abelardo y Eloísa*. Universidad de La Sabana. p. 80.

³³⁰“Te seguí a tomar el habito cuando tú corrías hacia dios, incluso te me adelantaste (...) tú mismo me pusiste el velo y tomaste mis votos monásticos antes de entregarme tú mismo a Dios. Este acto de desconfianza tuya hacia mí – lo confieso – me causó vehemente dolor y vergüenza. Dios sabe que yo nunca dudé en precederte o en seguirte hasta las llamas del Infierno si tu te precipitabas o tú me lo mandabas. Mi alma no estaba e mí, sino contigo. Y ahora mismo, si no está contigo no está en ninguna parte. Tan verdad es, que sin ti no puedo existir. Haz, pues, que se encuentre bien contigo, te lo suplico. Y estaría bien si te encuentra propicio, si devuelves favor por favor, poco por mucho, palabras por obras.”IBIDEM. p. 104. Tradução livre

Recorda-te – eu te suplico – de todo o que fiz por ti e pensas no muito que me deves. Enquanto gozei contigo das delicias da carne, muitos não sabiam em que se ater, se agia por luxuria ou por amor. Agora, no final está demonstrado a intenção do princípio. Me neguei a todos os prazeres para fazer a tua vontade. Não foi me reservado nada, a não ser te provar que assim sou agora mais tua. Reflete sobre tua injustiça: dá menos a que sofre mais. O que te digo: não dás nada, mesmo quando o que te pedem é pouca coisa e muito fácil para ti.³³¹

Ao se tratar de uma correspondência, se torna impossível analisar um sem ler o outro. Porém, não nos deteremos aqui em uma análise extensa das cartas escritas por Pedro Abelardo. Em resposta, Abelardo ignora as lamentações e cobranças da esposa, pede apenas que ela ore por ele, pois a oração da esposa tem maior peso e apenas ela pode lhe garantir salvação e segurança dos ataques de seus inimigos. Apesar de em vários momentos de sua carta Heloísa ter realizado cobranças assertivas e firmes para com o comportamento negligente do esposo, o único posicionamento de Abelardo foi reafirmar sua posição arbitrária com a esposa “Penso, inclusive, que estas obrigada a fazer todo o possível por mim.”³³² O comportamento do filósofo demonstra um grande desdém em relação às angustias da Abadessa e um egoísmo em acreditar que ela deve se preocupar apenas com ele. O que se faz importante para nossa análise é a percepção de que, mesmo separados, o filósofo ainda apresenta comportamentos abusivos/autoritários em relação à companheira.

Para pensarmos os motivos que levaram o filósofo a agir desta forma, resgatamos novamente os conceitos de amor, desejo e pulsão. Segundo Castellanos e Cifuentes, o objeto de amor de Abelardo era sua profissão, era a filosofia e era nela também que ele descarrega suas pulsões.³³³ Segundo Lobo e Neto, Abelardo nunca sofreu pela perda do órgão, mas pela perda da fama, da honra e da filosofia. sendo sempre a soberba seu maior

³³¹“Acuérdate – te lo suplico – de todo lo que he hecho por tu y piensas lo mucho que me debes. Mientras gocé contigo de las delicias de la carne, muchos no sabían a qué atenerse, si obraba por la lujuria o por amor. Ahora, el final está demostrando la intención del principio. Me he negado toda clase de placeres para hacer tu voluntad. No me he reservado nada, sino probarte que así soy ahora más tuya. Pondera tu injusticia: das menos a la que sufre más. Qué digo: no le das nada, máxime cuando lo que se te pide es poca cosa y para ti muy fácil.” IBIDEM. p. 104. Tradução livre

³³²“Pienso, además, que estás obligada a hacer todo lo posible por mí (...)”.ABELARDO, Pedro. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002 p. 111. Tradução livre.

³³³ CASTELLANOS, Franlet Rocio Araque; CIFUENTES, Martha Helena Gardeazábal. *Interjuego entre amor y deseo: Una aproximación al vínculo amoroso de Abelardo y Eloísa*. Univerdidad de La Sabana. p. 82.

pecado.³³⁴ Ainda de acordo com esses autores, a diferença de tom entre o casal, e o desdém de Abelardo mostram que ela escrevia para o esposo, mas ele escreveu para a Abadessa.³³⁵

Em consonância, Posa nos escreve sobre a importância que Heloísa sempre deu a suas experiências corpóreas, ama e deseja o marido, e essa questão é parte de sua identidade enquanto mulher religiosa.³³⁶ Para a autora, segundo Mews, Heloísa o ama e deseja na esfera pública e na esfera privada.³³⁷ Já Abelardo renuncia a seu corpo, demonstra que depois da castração não há mais desejo, tenta transcender sua identidade sexual e deseja que Heloísa faça o mesmo.³³⁸ Para o filósofo se não há mais desejo, não há mais amor, a não ser o amor da forma pública, o amor em Cristo.³³⁹

Na sua segunda carta, o que mais chama atenção para a nossa análise é a culpa que Heloísa sente pelo ferimento infligido a Abelardo:

(...) quando apenas tu sofreste em teu corpo o que ambos haviam cometido. Apenas tu sofreste o castigo, ainda que nós dois fôssemos culpados. E o que menos deveria ter pago toda a dívida, pois quanto mais me satisfazia humilhando-te por mim e exaltando-me a todos os meus parentes, menos digno do castigo tu te tornavas, tanto diante de Deus como diante daqueles que te traíram.³⁴⁰

O comportamento de culpabilização da mulher ou auto culpabilização é comum na nossa história, e até nos dias atuais, mas os autores enfatizam a pena a qual Abelardo sofreu era legítima. Duby afirma “Era justo também que somente o homem fosse castigado primeiro: o casamento o instituía guia e responsável pela esposa”³⁴¹. Nilton Pereira assegura que “O castigo aplicado a Abelardo estava justificado tanto pelo

³³⁴ LOBO, Lúcio Souza; NETO, João Pedro da. **O corpo cristão como corpo feminino. A terceira carta de Heloísa d’Argenteuil a Pedro Abelardo.** REB, Petrópolis, volume 80, número 317. Set/Dez 2020. p.192

³³⁵ IDEM. Ibidem. p. 195.

³³⁶ .” POSA, Carmel. *Specialiter: he language of the body and bodies in the Letters of Heloise. Theology Papers and Journal Articles.* University Notre Dame Australia. 2005. p. 8

³³⁷ IDEM. Ibidem. p. 8

³³⁸ Ibidem. p. 10.

³³⁹ Ibidem. p. 9.

³⁴⁰ “(...) cuando tú sólo sufriste en tu cuerpo lo que ambos habíamos cometido. Sólo tu sufriste el castigo, aunque lo dos habíamos sido culpables. Y el que menos debía pago toda la deuda, pues cuanto más había satisfecho humillándote por mí y ensalzándome a mí y a toda mi parentela, tanto menos digno de castigo te habías hecho, tanto ante Dios como ante los que te traicionaron. .”HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa.* Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 118. Tradução livre

³⁴¹ DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios.** Tradução: Jônatas Batista Neto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 66.

desrespeito à lei moral: a fornicação com Heloísa, quanto pelo desrespeito à honra da casa de Fulberto”.³⁴² A partir da leitura de Carolina da Silva, Abelardo também seria culpado dos crimes de sedução e fornicação.³⁴³ Segundo José Carlos Estêvão, após Abelardo ter levado Heloísa para Argenteuil: “Fulberto enlouquece de ódio: tem a certeza de que Abelardo quer apenas livrar-se dela. Já não pode evitar a necessidade de vingança.”³⁴⁴ O próprio filósofo reconhece justa sua punição: “Não podia deixar de pensar no justo do juízo de Deus por ter me castigado naquela parte do corpo com a qual havia pecado. Voltava uma e outra vez sobre a justa traição daqueles de quem eu havia traído primeiro.”³⁴⁵

Zumthor fala:

Uma jovem mulher do clã foi insultada. O clã a vingará. Ele aplicará por sua própria conta a pena que presumivelmente um tribunal regular aplicaria... E mais ainda: a Igreja proíbe aos castrados o exercício de qualquer cargo pastoral ou administrativo: mutilando Abelardo, Fulbert lhe corta – pede-se desculpas pelo que parece um mau jogo de palavras – ao mesmo tempo a carreira..³⁴⁶

No prosseguimento da carta, percebemos que Heloísa revela uma forte misoginia internalizada acentuada pelo seu sentimento de culpa em relação à castração do marido. Faz se importante frisar que, apesar de erudita, Heloísa foi uma mulher de seu tempo e aprendeu o que seu tempo dizia ser o correto:

Ai, desgraçada de mim, nascida para ser a causa de tal crime! É este o destino em comum das mulheres, levar os grandes homens a ruína? Daí o escrito em Provérbios sobre o perigo das mulheres.³⁴⁷

³⁴² PEREIRA, Nilton Mullet. **Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema**. IHU ONLINE. São Leopoldo. 17 de outubro de 2005. p. 48. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao160.pdf>.

³⁴³ SILVA, Carolina Gual da. “**Até que a morte os separe**”: **O casamento cristão na Idade Média**. - São Leopoldo: Oikos, 2019. p. 76.

³⁴⁴ ESTÊVÃO, José Carlos. **Abelardo e Heloísa**. Discurso Editorial; Paulus. 2015. p. 22.

³⁴⁵ “No podía dejar de pensar en lo justo del juicio de Dios por haberme castigado en aquella parte que del cuerpo con la cual había delinquido. Volvía una y otra vez sobre la justa traición de aquél a quien yo había traicionado primero” ABELARDO, Pedro. *Historia Calamitatum*. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 57.

- Tradução livre.

³⁴⁶ ZUMTHOR, Paul. **Correspondência de Abelardo e Heloísa**. – São Paulo: Martins Fontes, 1989. pp. 14 – 15.

³⁴⁷ “¡Ay, desdichada de mí, nacida para ser la causa de tal crimen! ¿Es éste el común destino de las mujeres llevar a la ruina a los grandes hombres? De ahí lo escrito en los Proverbios sobre el peligro de las mujeres” HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 118. Tradução livre

Dentro dessa segunda carta, Heloísa realiza reflexões sobre variados assuntos, como penitência e pecado, castidade e sexualidade, entre outros. Mas o importante para o nosso objetivo nessa dissertação é que, novamente, Heloísa fala sobre o comportamento de Abelardo e sobre, como acima de tudo, teve medo de ofendê-lo:

Deus sabe que, em todas as ocasiões da minha vida, temi ofender a ti mais do que a Ele e quis agradar a ti mais do que a Ele. Foi teu amor, não o amor de Deus, que me mandou tomar o hábito religioso.³⁴⁸

Em sua resposta, Pedro Abelardo ignora novamente as lamentações da esposa e apenas pede para que ela siga em sua obra mais importe: rezar por ele e por sua alma. Em determinados momentos é possível perceber o aborrecimento do filósofo com as cobranças da esposa, com a resposta tomando certas vezes ares de agressividade e ameaças:

De que te queixas, então, se te fiz participante de minha angustia, tendo me obrigado a fazer com um certo limiar? É que tão grande desespero vivo que é lícito que nós estejamos alegres? Apenas queres ser companheira na alegria e na dor, não chorar com os que choram, mas somente alegrarmo-nos com os que estão alegres? Não existe maior diferença entre os verdadeiros e os falsos amigos que os primeiros os encontramos na adversidade e os segundos na prosperidade. (...) E, se, todavia, segues ofendida, saiba que eu – cercado como estou de tantos perigos e desesperado por viver – devo estar atento a saúde da alma e olhar por ela enquanto posso. Se verdadeiramente me queres, não debes me colocar a esse pressentimento doloroso. (...) mas se queres prolongar minhas desgraças em teu benefício, te expõe mais como inimiga do que como amiga. Deixa já de queixar-te, te imploro, se não queres – como te disse – parecer minha inimiga. (...). Se - como dizes – queres agradar-me em tudo, te imploro que, pare de me atormentar e acima de tudo para me agradar, deixes essa queixa que não gosto e nem pode me levar a felicidade. Consentirias que eu fosse lá sem ti? Eu, a quem dizes estar disposta a seguir até o inferno?³⁴⁹

³⁴⁸ “Dios sabe que, en todas las ocasiones de mi vida, temí ofenderte a tí más que a Él y que quise agradarte a tí más que a Él. Fue tu amor, no el de Dios, el que me mandó tomar el habito religioso..”IDEM. Ibidem. p. 122. Tradução livre

³⁴⁹“¿De qué te quejas, entonces, si os hice partícipes de mi angustia, habiéndome obligado a ello como con cierta conminación? ¿Es que en tan gran desesperación como vivo es lícito que vosotras estéis alegres? ¿Tan solo queréis ser compañeras de la alegría y no del dolor, ni llorar con los que lloran, sino solamente alegraros con los que están alegres? No hay mayor diferencia entre los verdaderos y los falsos amigos que los primeros los encontramos en la adversidad y a los segundos en la prosperidad. (...) Y, si todavía sigues ofendida, sábetete que yo – rodeado como estoy de tantos peligros y desesperado de vivir – debo estar atento a la salud del alma y mirar por ella mientras pueda. Si verdaderamente me quieres, no debes oponerte a este

Outra questão também se destaca pelo forte teor de violência contra a mulher, podendo ser analisada como uma confissão de estupro:

Com golpes e ameaças tentei forçar muitas vezes teu consentimento – pois eras por natureza mais frágil – ainda quando não querias e te resistias com todas as tuas forças e tentava me dissuadir.³⁵⁰

Sobre o comportamento relapso de Abelardo em ignorar todas as inquietações da esposa, Zumthor analisa:

Novamente, eis-nos diante do Obstáculo. Mas, hoje é preciso aboli-lo. Abelardo não se libertou da linguagem de seu século. Para onde quer que ele se volte, ele se defronta com noções corteses de distância e de impossibilidade de laço. Abelardo, dividido entre sua vergonha e sua ternura – e alguma má consciência que ele tenta assumir – cobre-se de uma fórmula. Ele usa, abusa, se for preciso, de seu prestígio. Ele bem sabe que Heloísa não pensa e não sente senão por ele, que sua admiração apaixonada, sem obnubilar seu julgamento, o falseia em certas horas. É preciso aproveitar esses momentos de cegueira. (...) É preciso constringer a jovem a segui-lo, a desejar segui-lo, em sua liberdade espiritual de castrado.³⁵¹

Concordamos com o autor no que se refere ao destaque dado por ele ao comportamento de Abelardo, conquanto discordamos da explicação. Tal atitude não pode ser minimizada a um simples mecanismo retórico da trova cortês, uma vez que o filósofo claramente sempre exerceu influência sobre a vida de Heloísa, e continua a exercer mesmo após separados, quando ignora sua esposa e segue a influenciá-la a continuar a seguir seus passos sem nenhum questionamento.

presentimiento doloroso. (...) Pero si quieres prolongar mis desdichas en beneficio tuyo, te delatas más como enemiga que como amiga. Deja ya de quejarte, te lo ruego, si no quieres – como te dije – parecer mi enemiga. (...) Si – como dices – quieres agradarme en todo, te ruego que, para no atormentarme y sobre todo para complacerme, dejes esa queja con la que no me das gusto ni puedes llegar conmigo a la felicidad. ¿Consentirás que yo vaya allá sin ti? ¿Yo, a quien dices estar dispuesta a seguir hasta el infierno?” ABELARDO, Pedro. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. pp. 131 – 134. Tradução livre

³⁵⁰ “Con golpes y amenazas intenté forzar muchas veces tu consentimiento – pues eras por naturaleza más débil – aun cuando tu no querías y te resistías con todas tus fuerzas y tratabas de disuadirme.” ABELARDO, Pedro. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 137. Tradução livre.

³⁵¹ ZUMTHOR, Paul. *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. – São Paulo: Martins Fontes, 1989. pp. 19 – 20.

A partir do exposto nesse capítulo, podemos sim encontrar na documentação analisada tanto o amor quanto a violência. Mas frisamos aqui, que nossa crítica não se faz aos nossos dois personagens. Em nossa análise tentamos demonstrar a presença dos dois conceitos a fim de problematizar a historiografia recente que ainda insiste em colocar essa história como uma pretensa história de amor. Não desejamos aqui questionar diretamente as ações de Abelardo como um homem medieval, mas sim, pensar que depois do exposto ainda devemos colocar essa história em um pedestal romântico? A história ocidental é marcada por episódios e dispositivos de violências contra as mulheres, e é este o intuito de nossa crítica, até quando a historiografia olhará para esse passado de forma passiva? Dessa forma, destacamos que em sua época, Heloísa já considerava o amor como um sacramento. Carolina da Silva fala que todos os autores trabalhados por ela recomendam, que mesmo o casal que ingresse na vida monástica (desde que seja um consenso entre os dois) siga casado, assim como a mulher casada com um homem que tenha sofrido com a castração permaneça casada, da mesma forma que o casamento feito em segredo tem a mesma validade do feito em público, como era a recomendação da época.³⁵² Assim, o casamento entre Heloísa e Abelardo foi legítimo em todas as instâncias.

Entretanto, também percebemos algumas influências do amor cortês³⁵³ em seu relacionamento. Segundo Heloísa:

O amor me levou a tal loucura, que me arrancou o que eu mais queria e sem a esperança de recuperá-lo, pois obedecendo ao mesmo instante tua ordem, troquei meu hábito junto com meu pensamento. Queria demonstrar-te com isso que tu eras o único dono de meu corpo e da minha vontade. Deus sabe que nunca busquei nada mais que a ti mesmo. Te querias simplesmente a ti, não as tuas coisas. Não esperava os benefícios do matrimônio, nem dote algum. Finalmente, nunca busquei satisfazer os meus caprichos e desejos, se não – como tu sabes – os teus. O nome de esposa parece ser mais santo e mais correto, mas para mim a palavra mais doce és a de amiga, e se não te incomoda, a de concubina

³⁵² SILVA, Carolina Gual da. “**Até que a morte os separe**”: O casamento cristão na Idade Média. - São Leopoldo: Oikos, 2019. pp. 34, 108 – 110.

³⁵³ De todos os autores e autoras trabalhados até o momento, apenas Santidrián não concorda que a cortesia possa ser associada ao relacionamento de Heloísa e Abelardo, segundo o autor: “Abelardo y Eloísa no se ajustan a la corriente ideal del amor cortés con su énfasis en la devoción del amante a la casta e inalcanzable señora. Abelardo y Eloísa – lo hemos dicho ya – hablan un lenguaje diferente de franqueza sensual, de realismo pagano en el amor y de la fortaleza estoica clásica en la adversidad. Su relación encontró una expresión física y Eloísa no es fría ni ausente, sino enamorada y generosa (...)”. SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTURGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 26.

ou meretriz. Tão mais grata seria a teus olhos e também causaria menos dano ao brilho da tua glória.³⁵⁴

De acordo com a citação de Heloísa retirada da primeira epístola a seu marido, podemos perceber semelhança entre seu discurso e as questões referente à concepção do laço nupcial pelo amor cortês. A autora afirma que, apesar de entender a sacralização do nome de esposa, não acredita que este pode nomear o sentimento que os uniu. Seria, como Pereira afirma, tornar o amor utilitário, coisa que Heloísa deixa claro querer se distanciar. Outra interpretação que podemos realizar a partir do trecho elucidado, e que vai ao encontro dos pilares do Amor Cortês, é a percepção que amar o amor muitas vezes é mais importante do que a consumação do ato.³⁵⁵ Segundo Zumthor: “aqui intervém a cortesia”.³⁵⁶

Uma linda jovem apaixonada pelo seu atraente professor, vivem um romance escondido, têm um filho desse amor, mas desdenham o casamento. Após o escândalo, após um casamento forçado, são separados e uma tragédia nunca mais permitirá que eles se reencontrem enquanto marido e esposa. Assim ambos seguem na vida religiosa, amando, mas nunca alcançando o objeto de seu amor. “Ela conserva em si o seu amor, sem o Outro... pois, que resta do Outro? Heloísa vangloria-se de que na falta do prazer a ternura pode ainda fundar uma união.”³⁵⁷

A violência também fica explícita, tanto se considerarmos a *Historia Calamitatum*, quanto se considerarmos as cartas escritas pela Abadessa. Heloísa foi desde muito cedo vítima de sedução e fornicção, e nunca teve ao seu lado um companheiro que a amasse da mesma forma, ou que desejasse renunciar de sua profissão para iniciar uma vida marital de acordo com os princípios da época. Por essa razão, alocamos a violência presente na documentação no comportamento de Pedro Abelardo desde o início de seu relacionamento com Heloísa. Abelardo sempre demonstrou um claro

³⁵⁴ “El amor me llevó a tal locura, que me arrebató lo que más quería y sin esperanza de recuperarlo, pues obedeciendo al instante tu mandato, cambié mi hábito junto con mi pensamiento. Quería demostrarte con ello que tú eras el único dueño de mi cuerpo e de mi voluntad. Dios sabe que nunca busqué en ti nada más que a ti mismo. Te quería simplemente a ti, no a tus cosas. No esperaba los beneficios del matrimonio, ni dote alguna. Finalmente, nunca buqué satisfacer mis caprichos y deseos, sino – como tú sabes – los tuyos. El nombre de esposa parece ser más santo y más vinculante, pero para mí la palabra más dulce es la de amiga y, si no te molesta, la de concubina o meretriz. Tan más grata sería a tus ojos y también causaría menos daño al brillo de tu gloria.” HELOÍSA. In: SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002. p. 100. Tradução livre.

³⁵⁵ PEREIRA, Nilton Mullet. *Finamour: as condições de existência no mundo medieval*. IN: ALMEIDA, Cybele Crossetti; TEIXEIRA, Igor S. *Reflexões sobre o medieval III. Práticas e Saberes no Ocidente Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 77.

³⁵⁶ ZUMTHOR, Paul. *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. – São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 8.

³⁵⁷ IDEM. *Ibidem*. p. 15.

comportamento abusivo, desde o momento que seduz uma jovem, separa a mãe de um filho, até o momento que obriga sua esposa a iniciar a vida monástica. Então, nosso argumento centra-se no que apesar de Heloísa amar, nunca foi minimamente correspondida por seu companheiro, único culpado por todos os seus infortúnios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso primeiro capítulo nos dedicamos a pensar sobre nosso arcabouço teórico-metodológico apresentando as teorias feministas, teoria epistolar e questões referentes a mulheres escritoras do período medieval. Sobre gênero destacamos as autoras Joan Scott,³⁵⁸ e Oyèrónké Oyèwùmí³⁵⁹ como referenciais norteadores para pensar em feminismos e como analisar nossa figura feminina (Heloísa).

Pensamos também sobre tratar as questões referentes a documentação epistolar e o ofício do historiador/historiadora diante dessa documentação e sobre o tema citamos Manuel Ramos³⁶⁰ e Walter Ysebaert³⁶¹ como referenciais teóricos. Nos dedicamos também a refletir sobre a escrita dessa documentação a partir de um recorte de gênero, escrevendo sobre as mulheres dentro da teoria epistolar e como os historiadores e historiadoras abordam o tema, e destacamos Erin Sadlack,³⁶² Kathleen Neal e Claire Monagle³⁶³ como referências importantes.

Elaboramos também sobre as mulheres escritoras do período medieval para além da documentação epistolar a partir do livro organizado por Luciana Deplagne,³⁶⁴ que conta com trabalhos sobre várias mulheres escritoras medievais e do capítulo escrito por Danielle Régnier-Bohler na coletânea de livros organizados por Michelle Perrot e Georges Duby *História das Mulheres no Ocidente*.³⁶⁵ E como fechamento do capítulo pensamos sobre como Heloísa aparece dentro da historiografia, partindo principalmente de Barbara Newman.

No segundo capítulo tratamos de questões referentes ao amor e a violência no período medieval e como esses conceitos aparecem na produção escrita de Heloísa.

³⁵⁸ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.**

³⁵⁹ OYÈWÙMÌ, Oyéronké. *La invención de las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género*. Editorial en la frontera, Bogotá, Colombia, 2017.

³⁶⁰ RAMOS, Manuel. **Teoria clássica e medieval da composição epistolar.** CEM – Cultura, Espaço e Memória. Nº 8. 2017.

³⁶¹ YSEBAERT, Walter. **Medieval letters and letters collections as historical sources: methodological questions and reflections and research perspectives (6 – 14 centuries).** Studi Medievali. Turnhout: BREPOLs. 2009. p. 1. DOI: [10.1484/M.USML-EB.5.105112](https://doi.org/10.1484/M.USML-EB.5.105112)

³⁶² SADLACK, Erin A. **In Writing It May Be Spoke”: The Politics of women’s Letter-Writing, 1377-1603.** Dissertação de mestrado. University of Maryland. 2005.

³⁶³ NEAL, Kathleen; MONAGLE, Clare. *From Latin to the Vernacular: Medieval Women’s Letters, 1000–1400.* 2019.

³⁶⁴ DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. **As intelectuais na idade média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

³⁶⁵ RÉGNIER-BOHLER, Danielle. **Vozes literárias, vozes místicas.** In: DUBY, Georges; KLAPISCHZUBER, Christiane. **História das Mulheres no Ocidente** - Vol. II. Porto: Afrontamento, 1993-1995

Discutimos as relações de casamento presentes no período, principalmente a partir do livro “*Até que a morte os separe*”: *O casamento cristão na Idade Média* de Carolina Gual da Silva.³⁶⁶ Destacamos também o autor Howard Bloch como referencial para as questões antimatrimoniais do período.³⁶⁷ Sobre a literatura cortês e seus impactos na sociedade, principalmente no momento ao qual Heloísa e Pedro Abelardo viveram, citamos Georges Duby³⁶⁸ e Nilton Mullet Pereira.³⁶⁹

Debatemos também, sobre as questões de violência, e destacamos os autores Néri de Barros Almeida,³⁷⁰ Alain Demurger³⁷¹ e Jean Flori.³⁷² Não poderíamos também deixar de pensar a violência contra a mulher no período medieval, dessa fora destacamos novamente Howard Bloch. Em nossa parte final do capítulo, fizemos a utilização da fonte,³⁷³ e contemplamos alguns autores que auxiliaram nossa análise, Como Pedro Santidrián,³⁷⁴ Paul Zumthor³⁷⁵ e José Carlos Estêvão.³⁷⁶

Como mencionado em nossa introdução, iniciamos nossa pesquisa pensando em responder sobre o discurso acerca da sexualidade presente na Correspondência, mas ao decorrer de nossa pesquisa, a partir da leitura da bibliografia, percebemos que as passagens de Heloísa sobre sua sexualidade eram um dispositivo retórico na busca do reconhecimento de sua individualidade enquanto mulher, religiosa e esposa/amante perante ao marido. Dessa forma nos voltamos a questão “podemos encontrar elementos suficientes do conceito de amor na Correspondência a fim de sustentar a hipótese de um relacionamento romântico? ” Para isso partimos de uma perspectiva teórico-metodológica feminista para pensarmos os conceitos de amor, violência, desejo e pulsão

³⁶⁶ SILVA, Carolina Gual da. “*Até que a morte os separe*”: *O casamento cristão na Idade Média*. - São Leopoldo: Oikos, 2019.

³⁶⁷ BLOCH, R. Howard. *A misoginia medieval: e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995.

³⁶⁸ DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*. Tradução: Jônatas Batista Neto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

³⁶⁹ PEREIRA, Nilton Mullet. *Finamour: as condições de existência no mundo medieval*. IN: ALMEIDA, Cybele Crossetti; TEIXEIRA, Igor S. *Reflexões sobre o medievo III. Práticas e Saberes no Ocidente Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2013.

³⁷⁰ ALMEIDA, Néri de Barros. *Violência e Paz: um diálogo com o passado medieval*. In: *Violência e Poder: reflexões brasileiras e alemãs sobre o medievo e a contemporaneidade*. / Org. Cybele C. de Almeida. Porto Alegre, 2017.

³⁷¹ DEMURGER, Alain. *Cavaleiros de Cristo: Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002.

³⁷² FLORI, Jean. *Guerra Santa: formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

³⁷³ SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002.

³⁷⁴ IDEM. IBIDEM.

³⁷⁵ ZUMTHOR, Paul. *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. – São Paulo: Martins Fontes, 1989.

³⁷⁶ ESTÊVÃO, José Carlos. *Abelardo e Heloísa*. Discurso Editorial; Paulus. 2015.

presentes na Correspondência. Concluimos que Heloísa Amou, desde o início de seu relacionamento, apenas Abelardo foi sempre seu objeto de amor, desejo e pulsão, tudo em sua vida então girou em torno dessa figura.

Entretanto, não encontramos esses conceitos da mesma forma nos escritos de Pedro Abelardo. Segundo Castellanos e Cifuentes, na primeira carta do filósofo a sua esposa, o amor demonstrado ali tem uma dimensão narcisística, Abelardo demonstra querer ser amado e reconhecido pelo outro, independente de quem será esse outro, bem como se preocupa com o que Heloísa fará em sua memória, onde passa recomendações bastante minuciosas do que a Abadessa deve fazer após sua morte. Segundo os autores, na sua segunda carta, o amor perpassa a dívida por ter cedido ao desejo³⁷⁷.

Para Abelardo amor e desejo sempre foram conceitos distintos, inclusive ele deixa claro tanto na *Historia Calamitatum* quanto no restante da Correspondência seu posicionamento de que foi o desejo quem o guiou em sua história com Heloísa. Mesmo com despeito a seu grande amor, Heloísa demonstrou consciência de que a união com Pedro Abelardo foi baseada apenas no desejo e não no amor.

Ou seja, a forma com a qual encontramos os conceitos elucidados nessa dissertação são distintos entre os dois autores. Abelardo amou, podemos encontrar esse conceito em sua obra, entretanto o amor do filósofo está reservado à filosofia. Encontramos sim o conceito de desejo partindo de Abelardo e tendo Heloísa como seu objeto, mas como já afirmado anteriormente, os conceitos de amor e de desejo não são equivalentes. Em contrapartida, encontramos na obra da Abadessa os conceitos de amor, desejo e pulsão e em todos os casos Abelardo sempre foi seu objeto, e assim sendo, como não há reciprocidade no conceito de amor entre o casal, podemos dizer que não encontramos elementos suficientes para sustentar a hipótese de que o relacionamento entre eles foi um relacionamento romântico.

Assim sendo, o que nos perguntamos foi: “em que momento essa história passou a ser vista como uma história de amor? ” Para isso apresentamos algumas hipóteses: Heloísa e Abelardo viveram em um período de mudanças sociais e estavam inseridos exatamente no epicentro dessas transformações, as cidades. A Paris do século XII estava vivendo sua Renascença de forma intensa, com o comércio monetário reestruturado, Universidades surgindo e a forte presença da Igreja, que também passava por uma

³⁷⁷ CASTELLANOS, Franlet Rocio Araque; CIFUENTES, Martha Helena Gardeazábal. *Interjuego entre amor y deseo: Una aproximación al vínculo amoroso de Abelardo y Eloísa*. Universidad de La Sabana. pp. 56 – 63.

reestruturação. Junto a esse fenômeno, nasce na literatura o amor cortês. Mais doce e delicado do que se conhecia antes, ele vai figurar não só na trova, mas também nas mudanças sociais do período. Eis, então, nossa primeira hipótese. A romantização da história do casal pode ter sido fruto do contexto ao qual Heloísa e Abelardo viveram.

Podemos também considerar que a romantização do relacionamento se constituiu em consonância com a romantização da Idade Média em geral, já que o interesse pela Correspondência teve considerável aumento no século XIX. Essa hipótese também não exclui totalmente a anterior, pelo contrário, a primeira pode ter exercido direta influência sobre a segunda. Ainda podemos levantar uma terceira hipótese, a qual acreditamos ser a mais satisfatória para explicar o fenômeno ocorrido. Sem desconsiderar nenhuma das hipóteses anteriores, mas fazendo uso de uma análise a partir do gênero, percebemos que, ao longo da história e na historiografia, é comum encontrarmos mecanismos de romantização da violência contra a mulher.

REFERÊNCIAS

I. Fonte

SANTIDRIÁN, Pedro Rodrigues; ASTRUGA, Manuela. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1993, 2002.

II. Levantamento bibliográfico

ALMEIDA, Cybele Crossetti. **Violência, o outro nome do poder? A título de introdução**. In: **Violência e Poder: reflexões brasileiras e alemãs sobre o medievo e a contemporaneidade**. / Org. Cybele C. de Almeida. Porto Alegre, 2017.

ALMEIDA, Néri de Barros. **Violência e Paz: um diálogo com o passado medieval**. In: **Violência e Poder: reflexões brasileiras e alemãs sobre o medievo e a contemporaneidade**. / Org. Cybele C. de Almeida. Porto Alegre, 2017.

AZEVEDO, Sandra Dionizia Rodrigues de. **Formação discursiva e discurso em Michel Foucault**. 2013.

BARREIRO, Carolina Niedermeier. **Just because I am a woman... Possibilidades de autoria para mulheres escritoras (século XIV)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2019.

_____. **Estudos de gênero e História das Mulheres na Idade Média: um balanço historiográfico**. In: BOENAVIDES, Dionathas; VELOSO, Wendell. **Religiosidade, poder e sociedade no medievo: Discussões Historiográficas**. Editora Polifonia. Porto Alegre, 2019.

BAUMGARTEN, Elisheva. **“A separate people?” Some directions for comparative research on medieval women**. *Journal of Medieval History*. 2008

BENTON, John F. **Fraud, Fiction, and Borrowing in the Correspondence of Abelard and Heloise**.

BÖDOKER, Hans Erich. **Letters as historical sources – some concluding reflections**. In: SHULTE, Regina; TIPPELSKIRCH, Xenia Von; and individual authors. **Reading, Interpreting, and Historicizing: Letters as Historical Sources**. European University Institute. Italy. 2004

BLOCH, R. Howard. **A misoginia medieval: e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento. Estudos Avançados**. 2003.

CASTELLANOS, Franlet Rocio Araque; CIFUENTES, Martha Helena Gardeazábal. **Interjuego entre amor y deseo: Una aproximación al vínculo amoroso de Abelardo y Eloísa**. Universidad de La Sabana.

CHANCE, Jane. *Classical Myth and Gender in the Letters of "Abelard" and "Heloise": Gloss, Glossed, Glossator*. In: WHEELER, Bonnie. *Listening to the Heloise. The voice of a twelfth-century woman. The New Middle Ages. Palgrave Macmillan*. 2000.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment*. Nova York: Routledge, 2000.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas. Florianópolis, v. 10, n. 1. 2002.

DEMURGER, Alain. **Cavaleiros de Cristo: Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras ordens militares na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002.

DRONKE, Peter. **Las escritoras de la edad media**. Barcelona: Critica, 1995.

DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios**. Tradução: Jônatas Batista Neto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **As damas do século XII**. Tradução: Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ESTÊVÃO, José Carlos. **Abelardo e Heloísa**. Discurso Editorial; Paulus. 2015.

FILHO, Amílcar Torrão. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam**. Cadernos Pagu, janeiro – julho de 2005.

FLORI, Jean. **A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo : Madras, 2005.

_____. **Guerra Santa: formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

FORTES, Carolina C. **Os Atributos Masculinos das Santas na Legenda Aurea. Os casos de Maria e Madalena**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2003.

_____. **É possível uma história medieval de gênero? Considerações a respeito da aplicação do conceito de gênero em história medieval**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Florianópolis. Anais

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

FRAZÃO DA SILVA, Andréia Cristina Lopes. **Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003)**. Uberlândia. **Caderno Espaço Feminino**. v. 11, n. 14. 1998.

_____. **“Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero”**. *Cronos*: Pedro Leopoldo, v. 6, pp. 2002.

_____. **Reflexões sobre o paradigma pós-moderno e os estudos históricos de gênero**. *Brathair*, n. 8, v. 2, 2008.

_____. **Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas**. *Revista Signum*. [S.I]: v. 16, n. 1, pp. 131-153. 2015.

FREEMAN, Elizabeth. *The public and private functions of Heloise's letters*. *Journal of Medieval History*. V. 23. 1997.

LAFUENTE, Maria Socorro Suárez. *Autoras Africanas: a favor de las mujeres*. *Cuestiones de género: de la igualdad y la diferencia*. n. 12. 2017.

LACAN, Jacques. **Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina** (1958). Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Antonio Quinet e Angelina Harari. Preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1994.

_____. **Os intelectuais na Idade Média**. 3 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

LOBO, Lúcio Souza; NETO, João Pedro da. **O corpo cristão como corpo feminino. A terceira carta de Heloísa d'Argenteuil a Pedro Abelardo.** REB, Petrópolis, volume 80, número 317. Set/Dez 2020.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial.** Estudos Feministas. Florianópolis. 2014.

MANA, Amina. *Las fuentes históricas nos dicen que incluso las mujeres blancas han mirado siempre hacia África para encontrar alternativas a su subordinación. Africana Aportaciones para la descolonización del feminismo.* Colección Pescando Husmeos nº10. Barcelona. 2013.

MEWS, Constant. *The Lost Love Letters of Heloise and Abelard Perceptions of dialogue in the twelfth century France. The New Middle Ages.* Palgrave Macmillan. 2008.

MORAES, Hugo Arruda de. **Michel Foucault e o Discurso: as implicações teórico-metodológicas da análise do discurso a partir das perspectivas da Arqueologia do Saber e da Genealogia do Saber.** Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, V. 6, N. 2, 2017.

NEAL, Kathleen; MONAGLE, Clare. *From Latin to the Vernacular: Medieval Women's Letters, 1000–1400.* 2019.

NEWMAN, Barbara. *Authority, authenticity, and the repression of Heloise.* *Journal of Medieval and Renaissance Studies*, Vol.22, 1992.

OYÈWÙMI, Oyéronké. *La invención de las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género.* Editorial en la frontera, Bogotá, Colombia, 2017.

_____. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e os desafios das epistemologias africanas.** *CODESRIA Gender Series.* Volume 1, Dakar, 2004.

_____. **Laços familiares/ ligações conceituais: notas africanas sobre epistemologias feministas.** *Signs*, Vol. 25, No. 4, *Feminisms at a Millennium* (Summer, 200).

PEREIRA, Nilton Mullet. **Finamour: as condições de existência no mundo medieval.** IN: ALMEIDA, Cybele Crossetti; TEIXEIRA, Igor S. **Reflexões sobre o medievo III. Práticas e Saberes no Ocidente Medieval.** São Leopoldo: Oikos, 2013.

_____. **As condições de existência no mundo medieval.** IN: ALMEIDA, Cybele Crossetti; TEIXEIRA, Igor S. **Reflexões sobre o medievo III. Práticas e Saberes no Ocidente Medieval.** São Leopoldo: Oikos, 2013.

_____. **Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema.** IHU ONLINE. São Leopoldo. 17 de outubro de 2005. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao160.pdf>.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres: relato de experiência.** [S.I.]: **Cadernos Pagu**, n. 4, 1995.

PILOSU, M. **A Mulher, a Luxúria e a Igreja na Idade Média.** Lisboa: Estampa, 1995.

PINHEIRO, Mirtes Emilia. **Hildegarda, a mística de Bingen.** In: DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. *As intelectuais na idade média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas.* João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PIRON, Sylvain. *La « collection » des lettres d'Abélard et Héloïse. Cahiers de Civilisation Médiévale*, 57, 2014.

POSA, Carmel. *The language of the body and bodies in the Letters of Heloise.* The University of Notre Dame. Australia. 2005.

RAMOS, Manuel. **Teoria clássica e medieval da composição epistolar.** CEM – **Cultura, Espaço e Memória.** Nº 8. 2017.

RÉGNIER-BOHLER, Danielle. **Vozes literárias, vozes místicas.** In: DUBY, Georges; KLAPISCHZUBER, Christiane. **História das Mulheres no Ocidente - Vol. II.** Porto: Afrontamento, 1993-1995.

ROBERTSON, D. W. Jr. *Abelard and Heloise (Crosscurrents in World History Series).* Hardcover. Jan 01, 1972.

RODRIGUES, Cristiano. **Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil.** Seminário Internacional Fazendo o Gênero 10. Anais Eletrônicos. Florianópolis,

RUYS, Juanita Feros. *Heloise, Monastic Temptation, and Memoria: Rethinking Autobiography, Sexual Experience, and Ethics.* Centre for Medieval Studies. Australia

SADLACK, Erin A. *In Writing It May Be Spoke”: The Politics of women’s Letter-Writing, 1377-1603.* Dissertação de mestrado. University of Maryland. 2005.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra.** Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997

SILVA, Carolina Gual da. **“Até que a morte os separe”: O casamento cristão na Idade Média.** - São Leopoldo: Oikos, 2019.

SHULTE, Regina; TIPPELSKIRCH, Xenia Von; and individual authors. *Reading, Interpreting, and Historicizing: Letters as Historical Sources.* European University Institute. Italy. 2004.

SILVA, Daniele G.; CAVALHEIRO, Gabriela da costa. **Corpos que falam, corpos que calam: um estudo comparativo das personagens *Rymenhild*, de *King Horn*, e a donzela, de *ArmerHeirnrich*, de *Hartmann Von Aue*. Revista História Comparada**, Rio de Janeiro. 2010.

SIMONI, Karini. **De dama da Escola de Salerno à figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento**. In: DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. **As intelectuais na idade média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

VAN ENGEN, John. *Marguerite (Porrete) of Hainaut and the Medieval Low Countries*.

ZIMMERMAN, Elizabeth. *“It is not the deed but the intention of the doer”: the ethic of intention and consent in the first two letters of Heloise*. *Forum for Modern Language Studies* Vol. 42 No. 3. Oxford University Press. 2006.

ZUMTHOR, Paul. **Correspondência de Abelardo e Heloísa**. – São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WILSON, Katharina; MCLEOD, Glenda. *Textual Strategies in the Abelard/Heloise Correspondence*. In: WHEELER, Bonnie. *Listening to the Heloise. The voice of a twelfth-century woman. The New Middle Ages*. Palgrave Macmillan. 2000.

WUENSCH, Ana Maria. **O quê Christine de Pizan nos faz pensar**. In: DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. **As intelectuais na idade média: pensadoras, místicas, cientistas e literatas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

YSEBAERT, Walter. **Medieval letters and letters collections as historical sources: methodological questions and reflections and research perspectives (6 – 14 centuries)**. *Studi Medievali*. Turnhout: BREPOLs. 2009. p. 1. DOI:[10.1484/M.USML-EB.5.105112](https://doi.org/10.1484/M.USML-EB.5.105112)